ANNO XXV — N.º 30
Rio, 25 de Julho de 1931
PREÇO: 1$000
FON-FON
931

O CONTO BRASILEIRO

O CEGUINHO

De AVIO BRAZIL

No esplendor da tarde, ao som de um piano triste e lento, acompanhando com os olhos os ultimos raios de sol que se perdiam no além, eu tinha a alma pesada de tristeza, num mixto de saudade e scepticismo...

Já não havia sol. Era somente penumbra que atravessava o espaço e, nesse mesmo espaço, corriam, de um para outro lado, morcegos e aves negras, farejando a immensidade e o céo azul de opala.

Escurecia.

Lá em cima, as estrellas apontavam, uma a uma, brilhando e tremeluzindo.

E fina e delgada, numa restea de luz fraquissima, a lua escondia-se, por vezes, entre as nuvens...

Foi quando elle appareceu. Dez annos, no maximo. Olhos vasados. A mão estendida, implorava uma esmola.

— E' cego?

— Sim, senhor.

— Seu nome?

— José.

— Onde mora?

— A duas leguas daqui.

— Olhe, vê aquella estrella?

— Onde?

— Alli, no céo, perto da lua.

— Não. Nada vejo. Tudo escuro.

— Enxerga-me?

— Que pergunta! Si eu não posso ver? Que musica é esta? E' no piano que estão tocando?

— E'. Quer ir ver? Pois vamos.

E entrámos. Elle apalpou o instrumento como si procurasse a lembrança de alguma coisa. E depois, admirado:

— Mas, é isto? Tão grande assim? Isto aqui, que é?

— São as teclas. Bata.

Elle bateu e, pondo-se a rir, pediu:

— Toque.

— Eu não sei tocar.

— E quem era que tocava?

— Esta moça; peça-lhe.

— Ah! Tem moça aqui? Então a senhora toca aquella musica de ha pouco?

— Qual?

— Não sei o nome. Mas, foi uma muito bonita que eu vinha ouvindo, lá em baixo.

— Já sei.

....

....

— Sim, essa mesmo. Oh! tão linda, não é? Não me esqueço mais. Eu vou dormir sonhando com ella.

— E você sonha?

— Sonho, sim. E por que não?

— Mas, que é que você sonha?

— Tanta coisa...

— Diga "uma".

— Ora!... Outro dia mesmo, eu, dormindo, vi o céo. Uma porção de santos. Uns vestidos de branco, outros de outras côres que eu não conhecia.

— De branco? Como você sabia que era branco?

— Como? Sabendo. Por mim mesmo. Imaginei, da mesma fórma que imagino que tudo á minha frente é negro.

— E eu sou preto?

— O senhor? Deixe pegar. Não, não é preto, não. O senhor é branco.

— E como você sabe?

— Não sei explicar.

— Acabe de contar o sonho, vamos.

— Ah! Sim, uma porção de santos... um menino do meu tamanho, junto de mim, que me mostrava tudo. Eu tinha morrido. Depois acordei com médo.

— Com médo, de que?

— De morrer.

— E você tem médo de morrer?

— Tenho, sim. Porque meu pae... onde anda? Minha mãe diz que elle morreu. Mas eu nunca, ao menos, cheguei junto a elle.

— E você sabe o que é morrer?

— Morrer?! Não sei si sei. Mas, penso que é sahir deste mundo, fazer uma viagem muito grande..., e ficar perdido, longe de tudo... não é isto mesmo?

— E'. Quer ouvir mais musica?

— Quero, sim; a senhora toca tão bonito... Nunca ouvi assim. Si eu pudesse, todos os dias, vinha para aqui ouvir a senhora tocar.

— E por que não vem?

— Tão longe... mesmo porque minha mãe não deixa; tem medo que eu morra.

— Que você morra, como?

— Sim, que eu me perca no caminho e não possa voltar.

— Ah!

Puz-me a rir em estrondosa gargalhada.

— Eu já vou; adeus.

— Já vae? Por que?

— Está ficando muito tarde e minha mãe espera por mim.

— E a esmola? Vou buscal-a.

— Não precisa, eu levo no coração.

— Como assim.

— Ella não tocou para eu ouvir? Quer melhor?

(Conclue na pag. seguinte)

O commentario

Os pingentes... Tem sido combatida de todas as fórmas, em campanhas do mais vivo interesse collectivo, essa mania carioca de se viajar, teimosamente, nos estribos dos bondes, com evidente perigo de vida e prejuizo da propria commodidade e da commodidade alheia.

Chama-se a attenção para os inconvenientes desse habito perigoso. Procura-se despertar o sentimento da prudencia na alma popular. Citam-se exemplos dolorosos, que valeriam pela mais completa lição de cuidado. Um passageiro que cahiu ao solo na occasião em que passava um automovel, cujas rodas o colheram bruscamente. Um outro que foi arrancado do estribo do bonde por algum vehiculo em desabalada carreira. O omnibus que, numa curva, esmagou o pingente descuidado. E quantos mais, de que está cheia a nossa chronica policial!

Entretanto, os pingentes continuam, multiplicando-se alarmantemente por toda a cidade. E os desastres, originados por essa mania lamentavel, se succedem numa progressão desoladora.

Ainda agora (e é esse caso triste que nos suggere a presente nota) vimos um pobre homem que, ao descer de um bonde, bem no centro urbano, teve a desgraça de perder o equilibrio e ir bater com o craneo no poste da illuminação. Os pingentes amontoados no estribo inutilizaram-lhe os movimentos, e dahi o desastre, que partiu o coração de muita gente. E o mais edificante é que o vehiculo rodava quasi vazio, porque estava no fim do trajecto. A maioria dos passageiros viajava no estribo! A velha mania, a triste mania de ser pingente!

Si houvesse um pouco mais de reflexão por parte do nosso povo, diminuiriam, ou talvez mesmo desapparecessem, de vez, os casos em que a imprevidencia gera a fatalidade.

DESESPERO

(LAURO R. ANDRADE)

LADARIO pegou nervosamente o revolver e apontou o cano da arma ao ouvido. A sua physionomia indicava um profundo abatimento moral. Olhos encovados, cabellos em desordem, e uma pallidez morbida eram traços do estado passional do joven que pretendia pôr em execução aquelle acto de desespero. A sua resolução era firme. Estava resolvido a matar-se. A idéa fixa e obcecante que lhe torturava o pensamento alcançou intensa nitidez na representação mental. O acto reflexo que haveria de romper o equilibrio organico, vencendo o instincto de conservação, seria um choque quasi automatico, uma explosão emotiva em procura do anniquilamento. Ladario sentiu grande alegria ao pensar nesse anniquilamento fatal que significava, para elle, um sceptico e materialista habituado a recortar cadaveres nas aulas de anatomia, apenas uma natural transição do consciente ao inconsciente, do sêr ao não ser. A morte era um somno prolongado até o infinito. Morrer, um gozo, o preludio do nirvana supremo, a cessação de todas as dôres e afflicções, o final immutavel desta tragicomica peripecia que se chama vida. Morrer, sim, seria o bem absoluto, a perfeição unica sonhada pelos visionarios das religiões universaes. O cano da arma já entrava no ouvido numa forçada obturação, que traria fatalmente a morte quando o gatilho fosse premido e uma explosão alarmasse a casa inteira.

Os breves minutos que precederam o desfecho da decisão foram momentos de extraordinaria lucidez mental. Os pensamentos corriam tumultuariamente. As emoções exaggeradas, cujos vestigios as cellulas conservam, produziam intuições subtis que a imaginação ampliava em syntheses repentinas, reavivadas no kaleidoscopio retrospectivo. Em quadros bruscos e desconnexos, Ladario recordou as peripecias de sua vida attribulada e sentiu-se incapaz de supportar o peso de tantos soffrimentos. Elle fôra um estoico, bem o sabia, vivêra em continua renuncia, cultivando a virtude pelo simples evangelho do bem, crente na supremacia das forças positivas. Era uma religião sem dogmas, a sua. Fazia o bem pelo bem, sem aguardar recompensas. Crença raciocinante e pragmatica, conclusão logica dos conhecimentos biologicos, a fé scientifica do joven encontrava interferencias no eclectismo de todas as philosophias. Elle poderia supportar todas as dôres e afflicções da pobreza, comtanto que o patrimonio moral ficasse illeso. Por um transtorno da sorte, eil-o á beira de um abysmo. Accusado de haver commettido um desfalque na repartição, perdêra o emprego e agora soffria os revezes da adversidade: os seus amigos dobravam o caminho ao avistal-o, precavidos com o pobre naufrago da sorte.

A consciencia, esta não o accusava de culpa alguma. Elle se reconhecia innocente no meio da trama de intrigas e delações proprias daquelle ambiente corrompido em que vivêra.

Que diria sua noiva, aquelle anjo tutelar de seu sonho de moço? Ladrão! Todos sabiam que elle estava envolvido no escandalo. Não, elle não supportaria tamanha humilhação. Lavaria a mancha que nodoava seu caracter derramando sobre ella o seu proprio sangue de suicida. Então, todos creriam nelle, pois a morte fala mais alto do que a opinião dos homens e a justiça imperfeita que elles praticam. Seria uma sensação eloquente o quadro fatal que sua morte haveria de pintar: encontral-o-iam resupino no chão, com o craneo varado com uma bala, todo ensanguentado... Tudo haveria de ser explicado, então. O remorso caçador de feras iria atraz do verdadeiro culpado e a innocencia fulguraria sobre o seu nome rehabilitado pela morte.

Ladario apertou a arma na mão. Manes de Schoupenhaeur! Recebei mais um voluntario que procura o Lethes fatal de tua philosophia morbida.

Ladario flexionou o index sobre o gatilho. Um estalido sêcco resoou no silencio da tarde calmosa. Lá fóra, a natureza em resplendores. Banhistas risonhas passavam em demanda á praia, numa alvorotada e esfusiante bulha de risos crystallinos. Alguem bate á porta do quarto. Um susto rapido faz esmorecer o braço do joven.

— Entre! Quem é? — diz elle com voz sumida e tremula.

E a Paquita, a andaluza, entra a saltitar seus chinellos no soalho. Traz uma carta.

— Dios mio, que susto eu preguei!... E que pallido está! Brincadeira, ou me parece que se ia a matar?...

O joven cahiu novamente no mundo real. Sentiu-se ridiculo:

— Nada, não é nada. E' brincadeira. Eu estou limpando o meu "Colt". Quiz ver como é a cara de quem quer se matar. Estou treinando para representar uma comedia: — O *Suicida*.

Ladario abriu a carta. A consciencia volveu ao raciocinio primitivo. As idéas negras foram se dissipando. O escrupulo anterior diminuiu, e o homem normal readquiriu a posse de si mesmo. Uma simples carta fizera tal milagre. Que conteria ella? Quem sabe? Uma grande consolação de pae ou de amigo dedicado, ou então um cheque milagroso, ou o quer que seja, as letras impressas trazidas pela menina risonha causaram nessa noite o effeito de um filtro de Juventa...

Suicidio frustrado por um cheque... Eterno thema, sempre repetido em toda parte...

O CEGUINHO

(*Conclusão*)

Quando eu chegar em casa, vou dormir com a musica no ouvido. Tão bom... Para que melhor esmola? Estou muito alegre. Adeus!

* * *

No terreiro, á luz da lua pallida, crianças corriam gralhando aos berros e ás cachinadas.

Numa grande arvore, envolta de sapopemas, ao longe, que era como um enorme gigante das selvas, rouxinóes, cansados de voar e do trino do dia, descansavam as pennas e o bico.

Nas campinas madidas e nos corregos grasnavam rãs e coaxavam sapos.

Corujas chilreavam, agoirentas.

No mattagal haveria, por certo, áquella hora, e sob o céo tão bello, o verdadeiro amor das feras...

* * *

E lá se foi elle, o ceguinho, tacteando aqui e ali, pela noite a dentro, sem enxergar, mas com a alma feliz...

O Sol e o Mar me fazem bem

A agua do mar e o sol, quando offendem a sua cutis, amarguram-lhe as ferias? Pense que poderá passar todo o dia, alternando entre o banho de mar e o do sol, extendida na areia sempre que tome a precaução de usar todas as noites antes de deitar-se cêra pura mercolized, a qual deve ser applicada á cutis por meio de uma ligeira massagem. Procedendo desta maneira, a pelle do rosto, do collo e dos braços se manterá sã e limpida e sem nenhum dos defeitos originados pelas queimaduras de sol e agua salgada.

E o segredo desta maravilhosa acção da cêra pura mercolized, está em que ella ajuda a Natureza na tarefa diaria de renovação da tez.

A cêra pura mercolized actua imperceptivelmente dissolvendo e eliminando as particulas velhas e resecadas da cutis gasta exterior, particulas que por não serem eliminadas impedem a apparição da nova, formosa e perfeita cutis que se acha encoberta pela cutis velha e exterior. Procure hoje mesmo cêra pura mercolized e goze as suas ferias sem nenhum perigo, temor ou restricção.

Sendo, desde algum tempo, a cêra "mercolized" objecto de uma procura muito maior, levou aos pharmaceuticos e droguistas á obrigação de distribuil-a em caixinhas de tamanho menor, as quaes se póde obter por sete mil reis mais ou menos.

Com o fim de eliminar o pello superfluo é preciso fazer uso do porlac puro pulverizado.

CÊRA PURA MERCOLIZED

(em inglez "Pure Mercolized Wax")

Em todas as pharmacias, perfumarias e lojas que vendem artigos de toilette em todo o Mundo.

A legitima "Cêra pura mercolized" é vendida somente em latas douradas de dois tamanhos.

PREÇOS DE VENDA NO BRASIL, RS. 12$000 E 7$000.

RINA (Capital) — Ora essa! Com o maior prazer attenderei o seu pedido. Conheço-a muito, e tenho de sua pessoa a melhor impressão.

Que maior elogio lhe posso eu fazer?

A resposta que me pede só lh'a poderei dar quando me telephonar. Tudo depende de um esclarecimento prévio. Meu apparelho é o mesmo da redacção: 2-4136, de 1 ás 5 horas da tarde.

Quanto ao mais, creia que sei reconhecer e applaudir o mérito alheio. V. ex. é dona de um talento de escol. De modo que os "anseios literarios" a que alludia, de ha muito são comprehendidos por mim; e si é certo que lhe posso ser util de algum modo, não lhe negarei o meu auxilio, quando a elle recorrer.

M. L. GASTAL (S. Paulo) — Pallida como as coisas que se nos vão apagando na memoria, me chegou a sua cartinha amavel e gentil.

Lendo-a, de certo modo commovido — por que ella me fala na triste linguagem da saudade, — recordo estes versos de Pedro Sierra:

Esta vieja ferida que me duele
[*tanto*
me fatiga el alma de un largo
[*ensueño...*

Sim. Tudo que v. ex. me evóca nos periodos da sua missiva inesperada me reaviva na imaginação um tempo todo feito de aspirações impossiveis, de sonhos irrealizaveis, de utopia, de absurdos do coração.

Hoje... Hoje é tão differente a alma que trago dentro de mim. E' verdade que nós mudamos de alma, quotidianamente. A's vezes, de hora em hora. Creio que a alma com que um homem de imaginação acorda não é a mesma com que elle fecha os olhos fatigados, á luz do abat-jour violeta, depois de uma longa meditação em que repassou todos os seus fracassos de amor, ou saboreou uma pagina linda de Wilde, de Samain, de Baudelaire ou se enterneceu á melodia de uma *Rêverie* de Schumann... Não é a mesma alma! Esta se transfigura, a cada hora... Mas ha occasiões em que ella, si não é integralmente a mesma, é tão parecida com a da vespera...

No emtanto, eu hoje sinto que a minha alma é uma alma especial: nunca tive uma outra que lhe fosse semelhante...

Ella é feita, absurdamente, dos desejos de uma alma futura, uma alma que ainda hei de possuir, e que, de certo, virá cheia de emoções desconhecidas, para mim.

Pode ser que tudo isso esteja muito confuso. Mas não faz mal. Ha coisas que só parecem bellas até quando não são sufficientemente explicadas. Exemplo: as miragens, uma saudade, o amor, uma mulher...

Finalmente, por que vou eu a devanear por ahi a fóra? Talvez o desejo de expandir qualquer coisa que me alaga a alma — a de hoje — com as tintas de uma melancolia penetrante como um perfume... Talvez a reacção de uma dôr antiga, que desperta eriçadas de palavras vãs e sem sentido... Talvez... Quer saber, querida amiga distante, quer saber por que essa *inundação* verbal? Porque emquanto me embevego a palestrar com v. ex., eu me transporto a um ambiente de pura idealidade, de fantasia, de bellezas inexprimiveis, e não entro em contacto com os poetastros xaropes... A sua missiva — por me trazer noticias de uma amiguinha longinqua e me falar de coisas lindas — é um oásis para o meu espirito fatigado de aturar cartas insipidas, desenxabidas, asnaticas, as quaes me deixam, quasi sempre, num profundo estado de desanimo, de tédio, de desalento, de desconcerto...

Bemdita seja a sua cartinha!

A freguesa — Estão frescos estes óvos?

O dono da casa (ao empregado). — Jorge: vá ver si aquelles óvos já esfriaram o sufficiente para poder ser vendidos...

BENO DE PARNAHYBA (São Paulo) — Minha Nossa Senhora! Lá vem um poeta! E eu que estava aqui a tremer, com medo delles!

Aqui d'el-rei! Soccorro! Soccorro!

Lá vem elle, com os seus *pésinhos*... quebrados...

Quem é que me empresta por ahi uma nabiça, um ovo (para lhe fazer uma *ovação*...) uma ducha d'agua fria, uma bomba de dynamite?

Quem é?

Vejam só como o sr. Beno começa a sua missiva prosaica:

"Snr. Yves. Saudações. Gostando immensamente de ler as suas criticas abalisadas, honestas e sinceras, venho recorrer a V. S. pedindo-lhe uns momentos de sua preciosa attenção.

E' que, acabando de compor os primeiros versos de minha vida, carecia de uma opinião autorizada sobre elles. Eis porque commetto a ousadia de enviar-lhe os sonetos (se é que merecem ter esse nome) que, junto a esta, seguem.

Se porventura, (parece illusão mas... tenho muita esperança!) os meus versos forem dignos de figurar nas paginas do nosso querido "Fon-Fon", oh! Snr. Yves, quanto lhe ficaria devido.

Desde já, grato pela attenção, subscrevo-me. — De V. S. Ador. Atto. Obrdo. — *Beno de Parnahyba.*"

Agora, o soneto com que o sr. insulta a sua terra:

MINHA TERRA

Por entre montes verdes de espe-
[*rança,*
Entre o silencio lindo do passado,

todos...

A minha terra ha muito que des-
[cansa
Tal qual heróe das luctas já can-
[sado.

E nesse somno cheio de descanço,
Emquanto a brisa leve vae so-
[prando,
Lava-lhe o corpo sempre e bem de
[manso
O bel Tietê que mudo vae pas-
[sando.

Mas, minha terra... Chega de
[dormir!
Que despertando irás tu proseguir
Para grandeza, bella recompensa
Dos teus trabalhos duros do pas-
[sado
Rico Brasil querido e sempre
[amado.
Oh! Parnahyba, cumpre ésta sen-
[tença!

BENO DE PARNAHYBA

Estou achando graça é na resposta que a Parnahyba lhe daria — si porventura essa bella cidade nordestina lesse a secção *Saibam todos*...

Ella diria mais ou menos isto: — "Beno, sentença deves tu cumpril-a. E será essa a de ires para a escola — até aprenderes a fazer versos menos banaes. A mim me basta a fatalidade de ter sido o berço natal de um poeta d'agua doce, que melhor faria si empregasse o seu tempo em trabalhar de outro modo pelo meu progresso e engrandecimento. De vates não preciso. Mesmo por que, na Republica Nova, ninguem acredita nelles, nem lhes dá confiança." .

E mais certamente não diria, porque o sr. poderia ser acommettido de uma syncope.

Isso, porém, é lá com a Parnahyba. Porque, de minha parte, acho que o sr. é um grande poeta... ás avessas...

SOLANGE LUCIA (Capital) — Esta pagina vale por um museu de almas.

E' pena que ainda não se tenha inventado um apparelho para photographar almas... E si isso já fosse uma realização, — com que encanto eu estamparia o retrato da psyché dos poetastros que me atormentam e das leitoras bonitas que me pregam mentirinhas côr de potóca...

Por exemplo, toda gente ficaria sabendo como era a alma da senhora (ou senhorita?) *Solange Lucia* e, por ella, poderia fazer uma idéa da intensidade, da espessura, da côr, da fórma, da dimensão, da elasticidade das mentiras que ella deve soltar por minuto.

Imaginem, senhores, que d. *Solange Lucia*... Mas não! E' melhor publicar a carta que ella me remette.

Eil-a:

"Yves. Não o conheço; porém, atravez das linhas frias e ironicas que você escreve, julgo tratar com um poeta das eras modernas, que alimenta um o d i o inveterado áquellas mulheres intelligentes que desejam eclipsal-o mesmo por vingança.

Eu não estou inclusa neste cyclo, não é verdade?

P o r q u e, eu admiro-o Yves, admiro o seu fino espirito de poeta que sabe encarar tudo com sangue frio, e sob uma capa de ironia.

O seu "Suave Enlevo" enlevou-me suavemente...

Ainda estou sob o imperio das emoções deliciosas que dos seus versos se emanam.

"Garçonne Carioca"" agradou-me visivelmente.

E' um livro que a gente pode delle dizer: "Lindo romance!" Yves, eu o adoro, como poeta, e como romancista, mas — franqueza rude !— abomino o critico Yves de "Fon Fon" ou de "Saibam Todos"...

Com amizade—*Solange Lucia*."

Encantado, agradeço a v. ex. a admiração que diz ter — que diz, entenda-se... — pela minha apagada pessôa.

Mas perdoe que lh'o diga: si v. ex. leu *O Suave enlevo* como declara ter lido (?) o meu romance *Uma garçonne carioca*, é o caso de pensar que eu já teria morrido de fome, si fosse viver da compra dos meus livros, pelas *Solange Lucia*...

E sabe por que? Porque v. ex. confessa ter lido uma obra que ainda não publiquei: *Uma garçonne carioca*...

E vá um pobre homem acreditar nas mulheres...

Pois sim...

Yves

A mãe — Que é isto, filhinho: por que estás maltratando o teu irmãosinho?

O garoto — Estou acostumando-o com os bigodes, afim de que possa beijar tio Jorge, quando este vier aqui...

Aos nossos leitores. — Nesta secção prestaremos todas as informações que nos solicitem, bastando tão sòmente que sejam formuladas com clareza e lógica.

• • •

Toda e qualquer correspondencia designada a "Saibam todos" deve ser dirigida a Yves, nesta redacção. Mas para isso é necessario enviar-nos o coupon abaixo, devidamente preenchido.

ENDEREÇO:

Rua Republica do Perú, 62

Caixa Postal 97

Telephone 2 - 4136

FON-FON — 25 - 7 - 931

Data da consulta ....

Nome do consulente ....

....

FLAVIA-ANDRÉA

"El hombre que ama es un conquistador vencido por su conquista."

VARGAS VILLA

SCENA: *Bar, na Avenida. Gente moderna. Movimento. Fundo, canto esquerdo, mesa: Sylvio, 50 annos; Felippe, 30. Elegancia. Carlos entra, res pingado pela chuva.*

SYLVIO — (*erguendo-se, num gesto*). — Psiu! Carlos!

CARLOS — Olá! Que achado en contrar vocês aqui! Não ha mesa alguma desoccupada!...

FELIPPE — Esperas alguem?

CARLOS — Não; fujo ao temporal!...

SYLVIO — ... Programmas estragados?...

CARLOS — Sempre malicioso, Sylvio!

SYLVIO — Que queres? A malicia vive no ar de nossa terra... e o amor é muito brasileiro...

FELIPPE — Bem; O caso é que a tarde está perdida... Falemos em outra coisa.

SYLVIO — Não; falemos sobre a chuva que nos furtou o espectáculo da tarde na Avenida...

CARLOS — E sobre que, poderiamos assistir, daqui ha pouco, o desfile de fórmas mal cobertas... em maravilhoso esplendor de carne moça?!...

SYLVIO — Carlos! Tambem, nem só a malicia vive no ar de nossa terra! O clima e magnificencia do sólo hão de influir na formação éthica do brasileiro, e teremos uma raça privilegiada, numa transposição eutaxica ás bellezas naturaes!...

CARLOS — Realmente... Um sol phenomenal; calôr africano; o asphalto derretendo-se, verberando como as dunas do Sahara e zás, uma tempestade! O céu se engrinalda e desfolha em caudaes terriveis! Para o diabo vocês, o clima e a ethnologia!

SYLVIO — E' verdade, Carlos; já estiveste em Jerusalém?

CARLOS — ?...

FELIPPE — ?...

SYLVIO — Desejaria saber si te aproximaste muito do tal *muro das lamentações*...

CARLOS — Ora!... Afinal, que se bebe? Chopp? Garçon! Tres chopps.

FELIPPE — Dois, apenas; prefiro um *côco*. Está cheio, isto... Veja que nem só v. é aqui ave de arribação...

CARLOS — Sim, pois penso que tambem fugiram ao temporal!...

FELIPPE — Realmente... E lá vem outro, escorrendo agua... Ah! o Barão!

CARLOS — Quem?

FELIPPE — O Barão; não o conhece?

CARLOS — Não.

FELIPPE — E v., Sylvio?

SYLVIO — ?...

FELIPPE — E' aquelle sujeito, alli, á esquerda... Não; proximo á entrada... sacudindo o chapéo... O de cabeça grisalha.

SYLVIO — Não, não o conheço.

FELIPPE — Querem ouvil-o? Vale a pena; um typo interessante... Dizem que já foi rico e desfructou na côrte do Kaiser situação invejavel...

CARLOS — Alguma historia horrivel?

FELIPPE — Não; Uma historia de amor... banal como a de todos os amores... Um pouco triste, confesso. Supponho-o visionário, e sua vida, creação do cérebro enfermiço; consequencias da guerra, provavelmente, onde diz ter servido como coronel de um regimento qualquer... Mas é triste, e elle a vive — um caso de psychiatria, talvez... Que isso de amor é muito "vieux jeu"...

CARLOS — Não sabes a dor que em amar existe!...

FELIPPE — Carlos!? Paixões aos quarenta annos?!

SYLVIO — Deixa-o agora, Felippe... Traze á nossa mesa esse "teu" caso de psychiatria"...

FELIPPE — Previno que o "Senhor Barão" não supporta *perfumarias*... E' whisky, e sem sóda!

Felippe levanta-se; vae á mesa do Barão, com quem conversa alguma coisa. Este ergue-se e acompanha, zig-zagueando, Felippe, que o apresenta com elegancia:

— Erichvon Sterllitz...

CARLOS — Von Sterllitz?!

VON STERLLITZ — Sim; conhece-me?

CARLOS — Não... não o conheço... não tinha esse prazer...

FELIPPE — Ministro Carlos Guimarães e dr. Sylvio de Souza.

VON STERLLITZ — Carlos Guimarães?... Não me é estranho esse nome...

FELIPPE — Certamente, Sterllitz; um dos nossos mais brilhantes diplomatas e, além disso, figura de destáque na litteratura moderna. Leu-o, possivelmente, nos jornaes, ou ouviu citál-o á sua volta...

VON STERLLITZ — E'; talvez ou visse dizêl-o...

FELIPPE — Então, que nos conta de novo?

VON STERLLITZ — Oh, nada...

FELIPPE — Acceita alguma coisa?

VON STERLLITZ — "Ia", whisky apenas whisky... é bom, muito bom, para aquecer... aquecer... e esquecer...

SYLVIO — Esquecer?

VON STERLLITZ — Sim; as mágoas interiores... essa troglodyta que me devora as entranhas e escalda o cérebro... E' preciso adormecêl-a, á memória... fazel-a dormitar... dormitar? — ou adormecer... Sempre! Sempre essa ansia infinita de esquecer!...

CARLOS — Garçon! whisky...

Chega o garçon, trazendo, além do pequeno copo e indispensavel bandeja de serviço, a garrafa de whisky. Serve ao Barão, que o prova e "entorna" de um trago; a um signal de Carlos, torna a enchêl-o. Von Sterllitz aperta os labios num movimento caracteristico de "habitué" e, pela base premindo o copo de encontro á mesa:

PERANTE O EMPRESARIO — Sou imitador de "estrellas".
— Perfeitamente; faça o favor de imitar a estrella polar...

— Eu a ouvi, pela primeira vez no "Scala", e nunca mais — nunca! — me pude tirar do fascinio de sua voz, do imperio de sua belleza... Morena, fórmas peregrinas, grandes olhos negros a fulgir sob a curva longa dos cilios, tinha na voz tonalidades argenteas de sons; nalma, cathedraes de ouro fulvo... Quando, na mocidade, percorri as melhores e mais bellas capitaes do mundo, buscando emoções ao seu so lyrico.

Da Opera de Budapest á de Paris; do Colón ao Scala, corri todos os theatros; e tudo, tudo a que assisti — luxo puramente Oriental —, nada mais era que arremêdo á verdadeira arte! Flavia Andréa foi a melhor artista e mais nobre mulher que conheci!...

De Eug. Lapagesse

seus pés rojaram brazões fortunas magnificas... E "ella", altiva e desdenhosa, continuou a se manter pura dentro da riqueza de seu interior... Tambem eu implorei a migalha de um sorriso. Amava com o mesmo deslumbramento com que a amo ainda!"

(Von Sterllitz pende a cabeça; prova o whisky, e):

"Acompanhei-a por toda parte, assistindo a récitas, admirando-a sempre... Em S. Petersburgo, junto ao Tsar; em Moscow, no Kremlin, ao lado de Youssoupoff; visitei a America, A China, o Japão... Estivemos aqui, por um inverno delicioso. Unimo-nos em Tokio, ao fulgor da primavéra; entre cerejaes em flor trocámos o primeiro beijo... Foi um cantico festivo nossas vidas!... Flavia esqueceu o theatro. Ouvindo-a no "Scala" sonhára têl-a a cantar exclusivamente para mim..."

— O Pedro está dizendo o diabo de ti.
— De mim? — E' estranho! Eu não lhe pedi favor nenhum!...

(O barão silencia, como que evocando, com a sua saudade a imagem da mulher amada. A scena tem vida apenas em torno á mesa. Felippe, interrompendo o silencio de von Sterllitz, que ameaça prolongar-se indefinidamente):

— Mais whisky?

Von Sterlitz — "Ia"... *(Faz signal ao garçon, que se aproxima e serve a von Sterllitz).*

Von Sterllitz — "Danke schon"... A's horas mais risonhas de noites enluaradas, ao rosiclér luxuoso das manhãs, arrebatava, em scintillações emocionaes, o misero coração... E eu, artista tambem, fazia vibrar o Stradivarius sob a belleza incontida dos meus sonhos... Hoje — vejam! — tenho a ancylose dos dedos... e meu pobre violino quebrado num accesso louco de dor e de saudade!...

(Felippe tem um gesto de grande pesar, em que se desenha, mais o lamentar da perda do precioso violino, e duvida pela realidade de sua existencia em taes mãos, que de piedade pela dor alheia).

Von Sterllitz — Nossas vidas revestiam-se da espiritual communhão de pensamentos própria aos corações que se amam. Procurando adivinhar-lhe todos os desejos, meu gosto por tudo se plasmáva ao seu... Sabiamos, juntos, admirar um painel; amar a música; apreciar uma leitura — feita, á meia voz, na risonha intimidade do *home*... Quanta vez, abrigados num tecto de hotel, em a nossa peregrinação á procura de ambiente, ella, esquecendo fadigas, dizia, em surdina, lindos canticos de Amor!... Ao entardecer, quando o sol quasi morria — estendendo aos céus a cauda de seu manto — ella cantava, lançando no espaço a harmonia de sua voz apaixonada... Em Dieppe, onde afinal nos localizámos, num *cottage* de encantadora poesia, quanta vez me deslumbrou interpretando *Mme. Butterfly, Traviata, Tosca e Aida!* Quando a tarde chegava, passeavamos, muito unidos, sob a ramada de arvores floridas; pela manhã, corriamos na praia, brincando, saltando, numa volata infantil! ...E resplendia seu riso crystallino, quando conseguia escapar a meus braços tentaculares!... Era assim nossa vida: um rir álacre a espargir acordes pelos céus...

Sylvio — *(observa Carlos que parece não estar se sentindo bem; este, que o percebe, attenta nos cópos vasios e chama)*: — Garçon, chopps!

Von Sterllitz — A noticia da guerra desabou sobre nós com o effeito de cataclysmo... Estalou, eu tive de partir... E tive de partir, após noites insomnes, levando nalma uma tristeza infinda... A saudade do amor que ficava; dos sonhos que se iam, perdidos, para as sombras do passado... dos sonhos que se foram e não mais voltaram... Flavia — sinto-a, ainda, suspensa a meus lábios —, olhos illuminados pelo pranto, pedia-me que ficasse... "—Não vás, amor! Não me deixes sózinha!... Não poderei viver sem ti, longe de teus olhos, fóra do teu calôr!... Não partas!... vida minha, meu tudo!... Fica!..."

A scena que se passa é pathetica, e é comica, de uma comicidade quasi irresistivel. Sterllitz arrasta a lingua, procurando aflautar a voz, como si transpuzesse a dicção de Flavia.

Von Sterllitz — E eu... parti! — Ha no homem um recondito maldito: a consciencia!... — Chamava-me o sangue de meus irmãos correndo em catadupas... Chamava-me o dever — e eu fui...

(Sterllitz sécca, de um gole, o copo, e o depõe, vazio, sobre a mesa).

"Cheguei a Berlim, séde do regimento. Segui para o *front*, perdi-me nas trincheiras... De envolta com a metralha, a fome, o frio, a sêde... e uma saudade immensa a torturar o coração!... A' noite, horriferas visões bailavam-me no cérebro... Ella apparecia, muito pállida, acenando adeuses... Um halo de luz opalina, e a basta cabelleira esparsa... Depois... Veiu o armisticio; a paz: "Licenciamento! Despi os galões. Separados pela luta em que se empenharam nossas patrias — o martyrio de quatro annos de silencio!... Quatro annos? — quatro séculos! Atravessei a Belgica victimada; cheguei a Dieppe: ruinas e escombros... Do *cottage*, os alicérces... Flavia fugira, noite dantêsca, sob um céu tempestuoso e o bombardeio homicida dos inimigos da França..."

(Von Sterllitz faz um gesto de dor e de cansaço):

"Em pesquisas penosas: Rouen, Evreux, Paris — Oh! Paris! —, Chartres, Orléans, ... para perdêl-a definitivamente em Bourges... Fallecêra, victima do typho, esquecida num leito de hospital!!... Garçon, whisky!!!...

(Rapidamente servido, Sterllitz leva a dextra aos olhos, como a enxugar uma lágrima atrevida; sorve de um gole o whisky servido e, meio abstracto):

— Procurei, em vão, sua sepultura... "Meine armer Lieblings!..."

Dolorosamente bebado, apalermado, relanceia o olhar pelos companheiros de mesa, talvez perguntando a si proprio quem eram, e como os teve alli reunidos, quiçá alheiado de tudo o que lhes dissera... Ou

então... — quem sabe? — ainda talvez tendo a alma confrangedoramente dolorida pela indiscreção de seus lábios... Ergue-se, cambaleante, derribando a cadeira, e, tropego, encaminha-se para a sahida. Felippe quer detêl-o; Carlos, intervem:

CARLOS — Deixa-o ir...

FELIPPE — Mas, Carlos, está chovendo a cantaros!...

CARLOS — Deixa-o...

FELIPPE — ?!

SYLVIO — ?...

CARLOS — Sim; que se vá, levando nalma a saudadade do passado... a illusão da felicidade...

FELIPPE — ?!...

SYLVIO — ?...

CARLOS — Von Sterllitz commandou, durante a guerra, o 13.º de infantaria, cognominado o "Regimento dos bravos"... Era um cérebro de artista, possuidor de alma essencialmente emotiva. Eu o conheci, ha muito, e não esperava encontrál-o aqui, nesse miseravel estado... Flavia Andréa foi realmente a bella mulher que elle

FLAVIA-ANDRÉA

(*Conclusão*)

amou. Tinha na voz tonalidades argenteas de sons; nalma, porém, em vez de cathedraes, templos pagãos... Em Dieppe, antes da guerra, eu a vi num *cabaret*; foi minha, depois, em Paris... Presa da lascivia, lúbrica, sonhou o amor-sentimento, amor-delicadeza... Sterllitz foi seu herõe... e foi sua victima... Flavia Andréa, mais que tudo, era a maravilhosa artista do Prazer! Morreu, sim, mas de affecção pulmonar apanhada em uma noite de orgias...

FELIPPE — ... Por que não lh'o disseste?

CARLOS — Que?

FELIPPE — Isso, a Sterllitz?...

CARLOS — E para que?! Nem elle me comprehenderia...

Carlos levanta-se, pallido, dispondo-se a sahir.

FELIPPE — Já vaes?!

CARLOS — Sim.

FELIPPE — Mas está horrivel, lá fóra!

CARLOS — Que importa?! ...! Tenho um cháos, dentro d'alma!!!...

FELIPPE — ?!!

SYLVIO — ...!

FELIPPE — ... Elle?!...

SYLVIO — Tambem elle...!

Leitor: Si isto fosse theatro, seria opportuno o clássico: — cahe o *pano*. Mas não; o que ahi está teve vida real. São meus, apenas, o local e os nomes dos personagens.

O proprio assumpto inicial, por esquisito e forçado que pareça, é verdadeiro; poderia talvez dizer: fielmente photographado.

Evitei a dicção de bebado, e o desvario das idéas, ligando estas ultimas e substituindo a primeira por linguagem corrente.

Sterllitz era culto; salvo alguns erros de pronuncia, muitissimo justificaveis, falava bem o portuguez. Ha coisa de dois annos foi victimado em desastre de rua: um *rabecão* da policia conduziu-o á derradeira morada.

Sobre os mais não posso dar noticias.

A vida, simplesmente

DE ALVARO BELTRAM SOUSA

NA pagina triste da vida de um homem triste, uma mulher rabiscára com caracteres indeleveis um poema amargo e doloroso.

E, no emtanto, ella era bôa e meiga e docil. E formosa. Uns cabellos de ouro e um sorriso de quem ama. Seus olhos grandes tinham a côr indefinivel da saudade. A alma branca esverdeada. Pura e esperançosa.

E o homem triste, levando sua vida, sem se inquietar com o destino, incorrêra nas iras daquelle que é ironico e cruel, daquelle que se compraz em fazer soffrer.

E sem saber o porque, num dia nostalgico e frio de junho, o homem triste vira aquella que enchia toda sua vida partir, sem a esmola de um olhar.

Elle parava, surpreso, não comprehendendo a razão daquillo tudo. Si a vida lhe reserváva apenas o carinho doce e bom do coração joven; si a irradiação daquelles olhos ternos e suaves era sua guiadora pela longa via tortuosa; si o seu coração apenas sorria, seu unico sorriso, sorriso triste, quando ao lado daquella vida moça e formosa, como a crueldade do destino, lhe roubára tudo, tudo?

A mulher e o... mysterio.

E elle, lentamente, percorrêra a casa toda, recordando aquella que era sol e era lua, esperança e bondade, carinho e amor, sorriso e felicidade.

Perscrutára o seu eu. Fôra máu? Não soubéra ser bom, em uma ou outra curva menos branda da existencia?

Mas, de nada accusára.

Um espelho providencial viera de mansinho, como sem querer, mostrar-lhe os primeiros fios de cabellos brancos... A mocidade que se ia...

Ella, joven e formosa, acompanhara a mocidade e se fôra tambem.

Coitado do homem triste! Uma mulher de cabellos de ouro rabiscára, na pagina triste da sua vida, um poema amargo e doloroso. A vida, simplesmente...

NA ESCOLA DE BOX. — O alumno (ao voltar a si). — E' indispensavel que me ponhas "knock-out" desta forma, grandississimo bruto?
O *professor*. — De maneira alguma... Levante-se e ensinar-lhe-ei um outro modo de se conseguir o mesmo.

No theatro da vida o casamento é a peça que tem o "record" de representações.

•

Quando solteiro, o homem é galã; casado, passa a "ingênuo"...

•

A mulher, quer casada, solteira ou viuva, faz com arte a "ingenua"...

•

Sempre são tres os protagonistas: o "ingênuo", o "galã" e o villão — o amante, antipathico como nas fitas norte-americanas, mas a unica pessôa em torno de quem rola o drama.

•

A sogra é o "ponto" para o "galã", e um contra-regra para o "ingênuo".

•

O sogro é o porteiro da "caixa", que, na sua maioria, é uma victima do palco.

•

Como todo porteiro, o sogro, acostumado ás rixas, e ás "toilettes" de ensaio, já não liga á mulher...

•

Os bastidores são as paredes do predio onde vivem os actores.

•

Ha jornalistas que só se preoccupam com as scenas de bastidores...

DAS "TORRINHAS"...

O vizinho é um comparsa que o autor não incluiu na peça (um "caco") que apparece inopportunamente...

•

De "ingênuo", o marido passa a canastrão.

•

Por falta de pratica, o villão, muitas vezes, deixa o "tolo comer a scena"...

•

Quando um casal se torna prodigo de carinhos, em publico, são ditos: cabotinos.

•

O machinista é um empregado do theatro que, á rua, passa por actor. Assim certos "chauffeurs"...

•

O empresario é aquelle que paga a representação e quer as vantagens. Tanto póde ser o juiz como o amigo intimo.

•

A cozinheira é o bilheteiro do theatro e o garoto do armazem o "cambista"...

•

Os amigos do marido são a "claque"...

O padre é como certos artistas infelizes no palco: não trabalham, mas aconselham os outros a tentarem...

•

Os pratos, os copos, a terrina, os talheres, são demonstrações de assuada á bôa representação da "galã" com o villão.

•

Como nos grandes dramas, ha certos casamentos que exigem enorme "compérage".

•

Ha casamentos que são como os dramas da Italia Fausta; outros não passam de tragedia á Carlito...

•

Quem chora, no fim de tudo, é o "ingênuo", mesmo quando a farça não agrada.

•

Os sopapos são um equilibrio para as ovações do publico.

•

Entre o drama e a comedia, é preferivel a patheticidade da comedia ao bufo do drama.

•

Casamentos existem que terminam como as pantomimas: a pau e fogo... E tanta gente ri...

de Adonai de Medeiros

O publico que paga e assiste não attenta que cada um reproduz, em particular, o ridiculo que applaude.

*

No casamento, como na revista, o que impressiona a mulher é a "féerie" das cerimonias civil e religiosa...

*

"Grand-guignol" são as scenas representadas pelos casaes endinheirados "ad usum delphini".

*

Burleta é o theatro do namoro.

*

"Vaudeville" é o theatro do noivado.

A opera é o casamento da gente rica. Ha lances patheticos de musica de camera. O fim é o mesmo.

*

A opereta é o casamento do funccionario publico, onde, sob os ouropeis, resalta, flagrante, a ironia do drama.

*

A farça é um casamento marcado e não realizado.

*

Theatro ligeiro são os *consorcios* realizados no Brasil, ditos no Uruguay...

*

Nu artistico é o casamento dos miseraveis.

A revista é a historia dos casamentos desde a opera á pantomima.

*

Como no theatro, ha casamentos por contractos...

*

Ha individuos que frequentam a "caixa" para se dizerem amantes das coristas. Quantos não vão a certos lares com as mesmas intenções?

*

A corista é a arrumadeira do theatro: nunca está bem feito o que faz.

*

O "coronel", muitas vezes, paga para não assistir ás scenas...

*

A velha artista é como a sogra: — dá para implicar com os outros.

*

Na vida, como no theatro, assisto a tudo, sozinho... cá das "torrinhas".

COMIDAS CARAS

Não ha muito, um millionario americano provou um dos famosos puddings de carne servidas no *Cheshire cheese*, de Londres. Perguntou ao hoteleiro quantas pessôas poderiam participar de tal pudding.

— Cem pessoas, — respondeu-lhe o homem.

Então, elle offereceu ao informador 500 libras esterlinas para levar o pudding a Nova-York e servil-o num dos clubs alli.

— Houve um almoço, ha pouco, no qual o principal prato era uma omelette de ovo de ema. O conteúdo do ovo pesava um kilo, o sufficiente para servir uma pequena porção a cada um dos doze convivas.

O prato custou 50 libras.

— Um dos mais delicados peixes do mundo é um peixinho minusculo que apparece no rio Amarello, ao Norte da China, chamado *Nian-ta*.

Um millionario de São Francisco resolveu servir um prato desses peixinhos por occasião da maioridade de seu filho: Mandou um emissario especial á China arranjál-os. O emissario telegraphou que o peixinho não se conservava bem no gelo.

"Não olhe as despesas" — foi a resposta — mas faça com que cheguem em perfeito estado.

O homem mandou preparar dois tanques que foram fixados a bordo de um paquete e cheios de agua do rio Amarello. Desse modo, os peixes foram conservados vivos até a casa do millionario. A conta subiu a 320 libras esterlinas.

— O atolan (verdelhão) é um passarinho raro, sómente encontrado nas vinhas italianas. São engordados a uva em quartos escuros adequados antes de serem mortos para o mercado. Não admira, pois, que um prato dos taes atolans servido a quatro convivas num hotel de Londres custasse ao amphitryão 10 libras esterlinas.

As danças

É Sevilha a patria das mais famosas danças. Cidade alegre! E com que seriedade e amor se cuida das danças. As dançarinas profissionaes que vão a Sevilha precisam estar attentas, porque o publico é todo competente: em assumpto de touradas e de danças não se admittem mediocridades.

Existe em Sevilha uma famosissima escola — a de don José Otero — que lançou no mundo as mais celebres dançarinas de Hespanha.

Ali se ensinam tambem as danças modernas, as danças de sociedade, mas com certo desdem, e só porque, numa escola que se respeita, os cursos de estudo devem ser completos. Mas as verdadeiras lições escrupulosas são as bellas danças classicas, cheias de encanto e côr local: *Sevilhanas, Peteneras, M a n c h egas, Soleares de Arca, El Ole Bujaque, La gracia de Sevilla, El Vito, El Garrotin, La Farruca, La Jota, Las Guajira...*

Cada nome é uma visão de graça, um ondular de chales de franjas longuissimas, e leve palpitar de mantilhas finissimas sobre a gloria da *peineta*, com o rapido estalar de castanholas...

O illustre don José Otero é summo pontifice nessa universidade da dança; um pouco retirado agora, porém sempre vigilante. Está, em geral num cubiculo de loterias. O grande dançarino cuida de recortar fracções de bilhetes para a fortuna de seus concidadãos, e fál-o com uma graça que recorda os seus antigos esplendores.

— Não quer um bilhete para amanhã? Pois, não; já lh'o dou, sem demora... lá, lá e lá, em tres tempos, passo de seguidilla, o primeiro movimento a bater, o segundo faz la *ted* pagando-me as cinco pesetas. Lá e lá, olé!

E' interessantissima a figura de don José, sempre agilissimo, o rosto raspado, os movimentos suaves, como acompanhando um rythmo.

Na sua lojinha improvisa, ás vezes, uma lição entre a porta e o balcão: lição de dança *flamenga* e de *palillos*: as castanholas. Crá-crá! Cuidado que os cordões apertem os pollegares para que os *palillos* estalem bem, o pé direito na frente.

Elle conta historias das

Equilibrio

Encontrei-me hontem numa assembléa de senhoras moralistas, que já tinham transposto o Cabo das tormentas e soffriam de perda de memoria.

Condemnavam o teu proceder e os teus modos.

Achavam, Lálace, que tu és uma menina sapeca e sem proposito, ponte de escandalos e creaturinha do diabo.

Baldou-se toda defesa. Os teus meneios foram acoimados de criminosos e os teus olhares, de incendiarios.

Tal como és, está condemnada. Só poderias ser bôa si nascesses de novo, desageitada e feia, capaz de viver sem pó de arroz nem pintura nos labios, embrulhada em mas saias que cobrissem pelo menos os tornozelos.

Eu ouvi o processo e dei razão ás senhoras — tu és effectivamente um mal, que espalhas a perdição em derredor de ti.

Sahindo, porém,

na Hespanha

suas discipulas. A bella Otero, vinda das provincias do Norte, gallega, estudou a dança flamenga, dançava-a assim, assim, mas era bellissima. Que ninhada de rôlas sahiu do ninho de don José! Elle enumera, orgulhoso, todas celebridades famosissimas na Hespanha e no exterior, especialmente na America: a Otero, Amalia Molina, Las Tarifeñas, La Morenita, a gitana triumphante Pastora Imperio, estrella de primeira grandeza, La Malagueña, que, entre uma dança e outra, casou com o Marajah de Kapurthala...

Uma vez ou outra, o correio traz para don José cartões de paizes remotos. Alumnas participam-lhe successos colossaes. Noticias tristes, nunca. E é uma vastissima organização de preparo, de empresas, na florescente industria das danças hespanholas e dançarinas.

São innumeros os logares onde se dança, os theatros de variedades, os cafés...

— A dança flamenga — diz don José — é bastante difficil, porém as andaluzas têm o instincto da dança e a elasticidade.

E todas a dançam. Na Hespanha, para as senhoras e senhoritas dançarem o *flamengo*, é questão de bôa educação. Não fallo de mim; tive triumphos, mas no passado. Os mais jovens continuam a fazer fortuna e uma vez ou outra inventam, nas linhas classicas, uma dança nova. Por exemplo, o meu collega Faico, no suburbio da Triana, passava fome. As caimbras de estomago suggeriram-lhe *passos* novos: *El Garrotin*, *La Farruca*. Fez um grande successo em Madrid, Barcelona, Paris, Londres... Agora é rico como um espada. Mas quando se ganha muito, muito se gasta. E a sorte nem sempre sorri a nós e ás dançarinas. Em cincoenta que conseguem fama e fortuna, *quantas* decaem!...

Entra na loja um freguez.

— Um bilhete? Já lhe dou! Uma tesourada, cinco pesetas. Aqui está, um dos ultimos, os mais felizes!

O cliente sae satisfeito, esperançoso.

— A arte da dança é um pouco como a loteria — accrescenta elle. — Uma vez ou outra, um bilhete é premiado. Uma vez ou outra, uma dançarina enriquece...

Moral...

Aquella sala austera, cheia de moveis de jacarandá e espaldares de couro lavrado, respirei fóra a luz gloriosa do sol azul, onde os passaros impudentes se amavam sem consultar os codigos. Passavas na rua, Lálace, com teu geitinho estonteado de passaro e de creança doida.

Nunca achei o céo tão lindo, nem tão gracioso o teu vulto, como naquelle momento, ao livrar-me do ambiente escuro onde ficaram as tres eumenidas.

Então, concordei com o Anatole: — "O mal é necessario ao bem e o diabo — que és tú — é indispensavel á perfeição moral do mundo."

Como dar relevo áquellas tres virtudes blindadas, si por acaso não existissem os teus defeitos?

Almeida Cousin

(Do livro inedito "Cartões a Lálace")

P A L H A Ç O !

HA já dois annos que o dr. Ricardo Gonçalves se achava na cidade de C., exercendo sua profissão de advogado. Tempo esse bastante para que se fizesse conhecido e fosse acolhido no seio da melhor sociedade local.

Verdade é, entretanto, ter encontrado, como sóe acontecer nas cidades do interior, pouco acolhimento pela burguezia abastada, a qual o não recebia de braços abertos, por não saber o seu passado e talvez, mesmo, julgal-o um desses forasteiros que, em busca de opportunidade para galgar posições elevadas, continuamente retalham o Estado em todas as direcções. Porém, em breve, pelo seu trato social, pelas suas qualidades de homem honesto e trabalhador, foram-lhe sendo mais amistosos os laços que o prendiam aos habitantes da referida localidade, com algumas excepções, pois se divulgára pela cidade ter elle sido palhaço de circo, no começo de sua vida. E, como todas as noticias más rapidamente vôam de léo em léo, percebia-se claramente o laivo de desprezo, dada a entonação por alguns burguezes apatacados, quando falavam a respeito da pessôa do dr. Gonçalves.

Não comprehendiam quanto de nobre havia na attitude daquelle advogado que, na sua mocidada, aturára o picadeiro de circo, como palhaço, até achar o caminho, encontrar o apoio necessario para conquistar o gráo de bacharel em sciencias juridicas e sociaes. E, assim, num salto gigantesco no palco da vida, pular da barraca de polichinello para a banca de advogado, onde iria desempenhar um papel mais digno, mais honroso, do que exhibir-se, dizendo pilherias obscenas e cantando modinhas ao violão, afim de fazer uma assistencia boçal e de «espirito inculto chacoalhar-se gargalhando.»

Ao joven causidico não passava despercebida a má vontade com que era recebido pelas principaes familias da terra.

Porém, espirito superior, altivo, não se preoccupava com as mesquinharias dos Gigantes do Ouro.

No seu cérebro, todavia, uma unica idéa crescia, se avolumava, engrandecia-se: a de desapontar aquelles que lhe procuravam anniquilar o futuro, relembrando-lhe constantemente o seu passado; mostrando-lhes não se envergonhar de ter trilhado aquelle caminho espinhoso afim de galgar a posição de destaque que ora desfructava.

Numa represa, o volume das aguas augmenta á medida que para ella canalizamos mais riachos; assim tambem a onda de revolta, a sêde de desforra e de vingança, em seu cerebro chammejante, crescia surdamente á medida que os homens o queriam rebaixar.

Um dia, estoura a represa, por não mais poder conter a enorme pressão das aguas. Estas, livres da prisão onde os homens as dominavam, numa furia inegualavel, numa corrida vertiginosa, vingam-se delles, destruindo, e s m a g a n d o, inundando e carregando comsigo os destroços das obras materiaes feitas por elles para lhes oppôr resistencia.

O cerebro do dr. Gonçalves, tambem, esperava pelo dia em que pudesse deixar rolar, de dentro de si, contra os presumpçosos da cidade de C., toda a onda de desprezo e desdem que até então as injuncções sociaes lhe vinham contendo.

Esse momento ia chegar.

Uma festa de caridade, em pról de um hospital de tuberculosos, fôra marcada para o dia de São João.

Por Fernão de Itararé

Ao ler nos jornaes da terra essa noticia, Ricardo Gonçalves fremiu na volupia da vingança entrevista.

Sim, agora, ia-se-lhe apresentar a opportunidade, ha muito aguardada.

* * *

São João. As ruas proximas ao theatro achavam-se repletas de automoveis, os quaes traziam espectadores para o festival beneficente marcado para aquella noite.

Balões, lentamente, galgavam o céo.

Rojões, figurando cometas, rasgavam o espaço azul, marcando a sua passagem, com sua cauda de fogo.

A voz da petizada, vibrante e enthusiasta, fazia côro aos multiplos estalidos dos mais variados fogos de artificio.

A's vinte e uma horas, todas as localidades do theatro já se achavam occupadas por uma assistencia selecta. Iniciou-se o espectaculo, com lindos bailados e canções das jovens e lindas artistas amadoras, escolhidas na fina flor da sociedade local. Seguiram-se "schets" leves e interessantes. Tudo delirantemente applaudido pelos espectadores.

Vinte e duas horas.

O "cabaretier", um rapaz alto, tez morena, bigodes aparados, trajando um "smoking" bem talhado, annuncia a grande surpresa promettida e por todos ansiosamente esperada. Fôra organizada pelo conhecido advogado dr. Ricardo Gonçalves, o qual, em pessôa, iria desempenhal-a no palco.

Minutos depois, cara pintada, labios rubros, cabelleira postiça, ruiva, vestido á caipira, violão em punho, summamente ridiculo, surge um palhaço de picadeiro de circo.

Das galerias rompem uma gargalhada geral e applausos enormes.

A platéa sentiu-se emocionada, como si uma corrente electrica fulminasse a todos que nella se achavam.

Nas frizas, damas e cavalheiros permaneciam immoveis.

De um lado, riso. Do outro, desdem. De cá, compaixão.

Ricardo Gonçalves, triumphante, revelava-se qual havia sido em tempos passados.

Seus parentes, cabisbaixos, olhavam-no de soslaio, rancorosos, julgando-o indigno e cynico em vir relembrar publicamente um passado que só lhes servia de humilhação e vergonha.

Oh! e como o palhaço de picadeiro mais se amesquinha num palco entre scenarios finos!

Elle, porém, alheio a tudo e a todos, calmo, imperturbavel, foi desfiando um rosario de anecdotas de humorismo baixo, proprio das tavernas, intercalado de modinhas de um sabor picante e moral duvidosa, sem se preoccupar com as impressões de seus parentes, amigos e desaffectos.

Seria mais comprehensivel e adaptavel num picadeiro de circo mambembe entre gente de sua laia, do que num palco de theatro, trabalhando para um festival beneficente, ao lado de rebentos do mais fino escól social.

Ao terminar, salvas de palmas rolaram das galerias, emquanto fracos applausos, das frizas e da platéa, partiram a saudar o artista que, deslumbrado, como embriagado de prazer diabolico, sorrindo com todo o esplendor de sua alma, se despedia da assistencia, parte attonita e revoltada, parte alegre e satisfeita, dizendo, de si para si:

"Fui palhaço! Sou palhaço! Palhaço, para vós, serei toda a minha vida!"

CASO SÉRIO!...

De HORMINO LYRA

COM frenesi, em febre de amor, uma vez deliberou elle confessar com toda a franqueza, por intermedio de confidencial missiva, a paixão que lhe torturava a alma e lhe opprimia o coração. Pensou que faria bonita figura, usando dessa franqueza para com a predilecta, que muito satisfeita ficaria esta, devido á lealdade da confissão espontanea. Julgava-se vencedor sem ter lutado, até porque, no caso presente, não passava de supplicante.

A senhorinha, no emtanto, não lhe acceitou a côrte: apreciava-o muito, sympathizava com elle; não o desejava, comtudo, para marido. Acerca disso, fez ponderações judiciosas, usando sempre de manifesta delicadeza.

Encavacou o pobre!

Como continuasse a dona do coração delle a tratál-o com deferencia e singular urbanidade, pensou que estivesse ella mais concorde, e redigiu outra missiva, mensageira do ardente amor.

Encontrou o idolo em dado momento, de modo a poder entregar-lhe a carta, sem ser percebida por indiscreto olhar.

Com suores frios, estremecimentos, cheio de solicitudes, com moderada indecisão, puxou da carta que trazia no bolso e, por maior esforço feito, como criancinha enfezada, só conseguiu dizer seccamente:

"Tome!"

A senhorinha, bastante traquejada em materia de namoricos, percebeu-lhe pelo semblante, pelo acanhamento, mais ou menos de que trataria a referida missiva, e respondeu-lhe promptamente, com vivacidade, sem ter tocado de leve na mesma:

"Já sei o que é, mas, desculpe-me, não quero!"

Em seguida, voltou as costas ao namorado sem ventura.

Debalde insistira:

"Tome!"

Abatido, tornou o amoroso missivista a deitar a carta no bolso! Nunca se sentiu tão pequenino, tão indigno do proprio "eu". Achava-se mais ascoroso do que o mais nojento reptil!

Quando, momentos depois, sahiu á rua, parecia-lhe rir-se delle toda a gente. Afigurava-se-lhe que todas as pessôas encontradas no caminho sabiam do caso grotesco! Tinha vergonha de si proprio.

Dahi a dias, houve mais um precoce descrente do amor: assás equipado, provido de bôa munição bellico-amorosa, assentou praça de soldado no batalhão dos celibatarios.

* * *

Depois, como o tempo fosse passando sem se approximar um casamento, certo dia sorriu ella para elle...

Oh!... sua bocca mimosa, que tudo encanta, sua boquinha, um mimo eterno, um suave encanto, com aquelle sorriso cheio de doçura, lembra-lhe tudo que é sublime e terno, subtil e delicado e tudo que é dilecto e meigo e brando.

Em outro dia, ella não só sorriu; até riu bondosamente...

E teve elle a perfeita illusão de ouvir o murmurio das aguas crystallinas de pequenina fonte e o cicio da brisa na folhagem.

Sentiu-se vencido, rendeu-se ao sorriso, deu baixa do batalhão dos celibatarios.

Uma vez estava triste, pensativo. Despontára Vesper. Vira então um passaro canoro, no galho de velha arvore, compor o hymno da saudade em successão de accordes harmoniosos, evocando talvez a companheira de dias mais felizes. Depois bateu as azas e foi-se embora.

Tudo lhe indicava o caminho a seguir!...

Outra vez, não se sabe como, os labios delle tocaram ao de leve nos della e a modo sentiu a suavidade ao tacto da plumagem do beija-flor!

Pouco tempo depois contrahiram matrimonio.

O esposo, porém, não teve a habilidade de encher plenamente o peito da esposa com todo o grande amor que devia dedicar-lhe. Não lhe tinha amizade; tudo era paixão arrefecida com a posse. O egoismo dominava-o.

— E' o unico trabalhador do mundo que usa dois martellos ao mesmo tempo.
— E'? E onde foi que aprendeu isto?
— Antigamente, elle era tocador de "bombo", numa orchestra...

Sem a tratar com o carinho a que se julgava ter direito, em pouco tempo a senhora sentiu vazio o palpitante coração.

Teve o esposo necessidade de fazer algumas viagens e de regresso, antes de tudo, tratava dos negocios a seu cargo, visitava os amigos, para, por ultimo, ir á casa abraçar aquella a quem em primeiro logar deviam os olhos delle ter a dita de ver, e os braços, o prazer de cingir.

Deu-lhe, é verdade, tudo quanto desejava ella possuir: o lindo bungalow, a fina baratinha, a preciosa radiola, o violão de alto preço e optima qualidade... e deu-lhe, emfim, tambem o professor do instrumento musical, habil artista, que, na ausencia do nescio do esposo, lhe ganhou o terno coração da desconsolada esposa.

* * *

Quando, uma vez, de longa viagem chegára o esposo ás nove horas da manhã, um mensageiro dos telegraphos batia ao portão do *bungalow*.

Aquelle aproximou-se, recebeu o despacho telegraphico, sacou uma moeda de mil réis para dar ao modesto funccionario.

Este escusou-se:

— Não devo acceitar... Estou cumprindo a minha obrigação.

Já com outra nota de dez mil réis na mão, o senhor insistia:

— Receba ... Apreciei muito o seu gesto. E' para comprar uma lembrança. Não faça cerimonia.

Ainda assim, o rapazola quasi resistira; porém, como diria em sua giria, o *pelêgo* a *pelêga* e, até, sem querer, esta escorregou mansamente de bolso a dentro!

Depois o senhor abriu e leu o telegramma. Apoderou-se-lhe a ciumaria.

Percebeu, então, o mensageiro ter ficado elle mal humorado.

Hu! A coisa não andava muito bôa!...

— Seu doutor não manda nada?

— Não. Obrigado.

Sahia o mensageiro da estação urbana para entrar numa rija folga, quando divisou a senhora ao longe, correu e abraçou-a pertinho do *bungalow*.

Narrou-lhe o acontecido. O marido della era tão bom homem, que desejava o rapazola evitar-lhe maiores desgostos... Uma costureira não poderia dar um geito naquillo?!

* * *

Com certa dissimulação contou-lhe a senhora o que devera causar aborrecimento ao marido e acceitou o offerecimento do mensageiro. **Podia** prestar-lhe grande serviço, indo falar com Zica á rua tal, numero tanto, para lhe dizer que não estranhasse receber um telegramma urbano, avisando-lhe qualquer coisa que ainda não sabia... Em todo caso, Zica, immediatamente, comprasse fazenda para um vestido de verão, leve, esvoaçante, traje de passeio. Mais tarde lhe telegrapharia.

Tudo faria o mensageiro, com a promessa de a senhora nunca mais causar novo desgosto a seu doutor...

Ensaiou ella desalinhado sorriso e abanou a cabeça, em signal de assentimento.

Em seguida, entregou-lhe vinte mil réis:

— Toma, rapaz! Pega um *taxi* e vae providenciar...

— Sim, senhora. Si eu não tornar á casa de vossa excellencia, é porque ficou tudo certo, tudo combinado com a dona Zica. Já tomei as minhas notas.

Seguiu a senhora para casa, lá abraçou o marido e, com muito carinho, beijou-o...

E este, mal conformado:

— Um telegramma para você...

Leu-o.

— E' de Zica. Ao menos, hoje fica em casa para descansares um pouco e vamos de tarde até lá...

O pobre homem respirou socegado; tornara-lhe mais doce a physionomia.

— Pois bem. Fico.

— Então vou mandar a copeira ao telegrapho.

O texto do telegramma-pergunta era laconico:

"Vens?"

Não tinha assignatura.

A resposta, que fôra ter ás mãos de Zica, era tambem só isto:

"Sim. A's dezesete estarei ahi."

Mostrando-a ao marido, accrescentou-lhe:

— E hoje irás commigo... Hoje és todo meu... Os amigos teus ficarão para amanhã.

— Sempre teu.

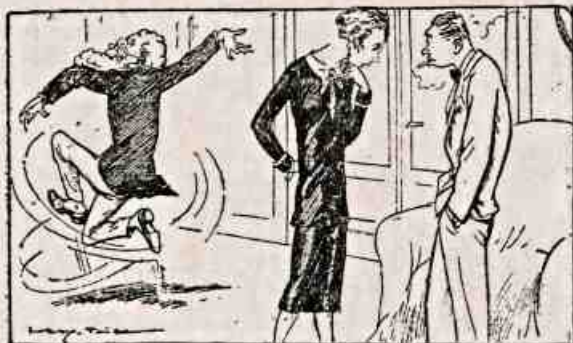
E ficou mais camarada!

* * *

Na tarde daquelle mesmo dia, começado tão infausto, muito alegres sahiram elles, marido e mulher; com muita alegria saudaram o modesto e discreto funccionario fortuitamente, em um instante, postado ao frontespicio da estação telegraphica; e com certeza ambos se lembraram de que poderiam áquellas horas estar emmaranhados num caso serio!

O mordomo — Os senhores queiram desculpar, mas têem que prescindir do resto do jantar, porque houve uma explosão terrivel na cozinha.

O senhor, "novo rico" — E como explica que não tenhamos escutado barulho algum?

O mordomo — E' que isto succedeu emquanto os senhores tomavam a sopa.

Elle. — Por que teu avô está tão contente?
Ella. — Concederam-lhe o divorcio...

OS OLHOS DE ALDINHA

O maior orgulho de Itala era a distincção e o porte de seu noivo.

Conhecidissima na alta sociedade, Itala era alvo de admiração e sentia-se ufana quando esses commentarios elogiativos eram divididos com Amarilio, seu noivo, pelo braço de quem sempre entrava nas festas.

Amarilio fôra, até, um nome ignorado; Itala conheceu-o e o trouxéra, para seu meio.

Elle reunia a belleza senhoril, a rigidez no modo de pensar e uma certa reserva para com os factos comezinhos da vida e para com quasi todas as pessôas. A Itala fora sempre terno e attencioso e a noiva, comparando esse seu procedimento com a reserva que mantinha com as outras creaturas, sentia-se ainda mais feliz...

Assim os dias passavam risonhos, na atmosphera de quem espera o dia do casamento. Foi quando Itala conheceu Aldinha. Desde logo, as tomou uma grande sympathia.

Aldinha possuia a alma semelhante á de Itala. Parecia ser emotiva; dizia versos. E todo o sentimentalismo, toda a seducção com que os creava, era alvo de calorosos applausos.

Aldinha ainda não era bem mulher, jamais amara, e sua maior distracção era a comitiva de admiradores que a acompanhava por toda parte. Os galanteios delles produziam na menina-moça a garridice de um presente a uma creança. E quando ella dançava, seu olhar terno ia fazendo mais e mais victimas. Depois, Aldinha dizia a todos que os seus versos eram a sua unica preoccupação; não queria amar, e esta recusa incentivava no animo dos rapazes a paixão que se iniciára.

Para tel-os sempre nas festas junto a si, Aldinha entregava-os aos cuidados de Zaira, sua amiga inseparavel.

Zaira devia ser uma ironia da natureza: rotunda como uma bola, tambem dizia versos saltitantes, dos quaes a sua gordura era um delicioso ornamento, tornando-se, por isso, disputada em todos os meios artisticos.

E como de Zaira ninguem suspeitava, era ella quem convidava para todos os lugares os admiradores de Aldinha, os rivaes, que, por estar sempre reunidos, se tratavam como amigos affectuosos, quando intimamente se odiavam.

Zaira sentia-se assim feliz e vingava-se da natureza: dessa maneira ficava querida dos rapazes, que, para se aproximar da outra, a cercavam de bajulações, bajulações que só assim conseguia obter.

E em todas as festas entrava Aldinha, com seus olhos ternos a fazer mais victimas e a gorducha Zaira a commandar o pelotão de admiradores.

Itala e Amarilio observavam esses factos; a moça comprehendeu o ridiculo dos pobres enamorados, sujeitando-se a uma pela amor a outra, e, embora amiga de Aldinha, afastou-se do grupo.

De Walter de Sequeira

No emtanto, sorria radiante ao ver Amarilio contemplar tudo aquillo com um olhar ironico e um sorriso malicioso nos labios.

Mas a vida agitada da sociedade fatigou Itala; a moça precisou repousar alguns tempos no interior, longe do bulicio da vida urbana. Os serviços de Amarilio, no lugar onde trabalhava, impediram-no de acompanhar a noiva, e elles se despediram sentidamente, com as juras e os protestos maiores de amor.

Longe de Amarilio, Itala vivia da recordação do que se passára entre elles e, nos lugares calmos e solitarios sobre uma collina de vegetação soberba, com o vento a agitar-lhe os cabellos sedosos, a fitar as camponezas que trabalhavam na varzea, ou sentada ás margens de um açude, a ouvir proximo, na matta, o barulho que faziam os sauás e as modulações que entoavam os passaros, abandonava o passado e ia até um futuro proximo e feliz.

Quando se casasse com Amarilio, elle, pelo modo por que sabia se impôr, pelo seu caracter, pelo seu valor pessoal, havia de crear a sua personalidade, e assim não seria apenas o marido de Itala Rocha; ella é que seria a esposa de Amarilio Lisbôa.

Itala achava Amarilio uma creatura superior, e isso era todo o orgulho de sua paixão.

Assim transcorreram alguns mezes. A moça novamente voltou á cidade. Amarilio foi esperal-a á estação, attencioso e cortez como sempre, mas agora tomado de uma tristeza que a moça não podia comprehender.

E os dias passavam, e Itala o via cada vez mais irritadiço e nervoso.

Foi por uma noite linda que ella combinou encontrar-se com elle, no Club Nacional.

E lá, ao rodopio dos pares, ao tinir dos calices pelas mesas, Itala tornou a encontrar Aldinha, os seus admiradores e a interessante Zaira.

Viu que Amarilio estava num grupo de jovens, cujas physionomias lhe eram familiares e pouco depois Zaira, a requebrar-se, affectada e com a voz saltitante, agora em tom imperioso de commando, dizer a todos os rapazes que se achavam no grupo:

— Nada mais de dança! Vamos já e já levar Aldinha á festa em casa do sr. Freitas e vocês reunidos aluguem um automovel.

Itala, tremula, perguntou a Amarilio:

"Que vem a ser isso?!...

— Ah, querida, comprometti-me e...

E sem que os noivos pudessem continuar falando, a gorda Zaira tomou o braço de Amarilio e afastou-se no seu passo nervoso, com elle e os demais jovens.

Itala viu o rapaz desapparecer na sala, attonita. Só depois tudo comprehendeu: Amarilio, o homem de caracter arrogante, entrára tambem para o ridiculo pelotão commandado por Zaira. Tornára-se o predilecto da gorducha. Fôra mais uma victima do terno olhar de Aldinha.

O marido — Quando perderás esta mania de dar de comer a tudo que é mendigo e vagabundo que te bate á porta?

A esposa — Agrada-me tanto poder ver um homem que saboreia, sem reclamar, a comida que eu faço!

ANNO XXV

FON-FON

NUMERO 30

Director: SERGIO SILVA

Rio de Janeiro, 25 de Julho de 1931

«Quelle est donc cette femme?...»

Quando Felix Arvers escreveu, numa hora lyrica e talvez cinzenta, o seu soneto celebre, ainda não havia telephone. Graham Bell tinha apenas dois annos quando morreu o fascinante poeta de Paris, e só vinte e seis annos depois foi pela primeira vez realizada a transmissão da voz pelo apparelho do inventor americano.

Arvers foi, portanto, um sonhador sem telephone... Não chegava nem siquer a ouvir a voz da sua amada desconhecida. Porque todo homem que ama e soffre, todo homem que tem alma de artista e pensa, como Tagore, que a mulher é feita de sonho e de carne, ha-de, necessariamente, ter na sua vida uma desconhecida. Uma doce e triste desconhecida que é o grande e eterno segredo da sua inquietude sentimental, projectando-se como uma sombra, imponderavelmente, no seu coração e na sua vida.

Mon âme a son secret, ma vie a son mystére;
Un amour éternel en un moment conçu;
Le mal est sans espoir, aussi j'ai du le taire,
Et celle qui l'a fait n'en a jamais rien su.

São tão velhos e tão divulgados esses versos do grande romantico francez... Entretanto, nada melhor do que elles symboliza a angustia interior de todos os sonhadores que viveram ou vivem sob o signo e a inspiração do amor. Nada melhor do que elles define a sensibilidade humana.

Dizem que já passou o seculo dos emotivos, o seculo espiritual do amor, e que vivemos a hora vertiginosa e tumultuosa das paixões concretas, onde a materia subjuga a força delicada do sentimento. O amor, nos nossos dias, pensam e proclamam os epicuristas de hoje, homens grosseiros, egoistas, plasmados na officina do utilitarismo, deve ter menos poesia e mais dinheiro. E já se foi o tempo da casinha entre arvores, com passaros cantando e garotos chorando, como naquelle sonho theatral que Ary Pavão nos descerra nas scenas da sua peça *O ultimo sonhador*, e que Procopio Ferreira, sempre magistral na sua arte, tão bem nos apresenta no papel de Paulo, sonhador de hontem e de hoje, impressionista de todos os tempos...

Entretanto, apesar do allucinante derrotismo dos *anthropophagos* mentaes, comedores de sonetos e de... pronomes, ainda não foi decretada, officialmente, a morte do sentimento e da arte. O coração ainda, em muita gente, sabe ser coração e, como tal, limita a sua actividade á nobre funcção de querer bem...

Mas falavamos em Arvers e Graham Bell, unindo a desconhecida do soneto celebre ao celebre apparelho tão util aos amorosos que nasceram depois de 1876... Estava em scena tambem o homem cuja sensibilidade espiritualiza o amor.

A desconhecida e o telephone... Antigamente, quando ainda Arvers existia e nem se pensava no radio e noutras complicações modernas, a desconhecida era uma creatura mysteriosa, que a imaginação creava para consolo do coração. Não apparecia, não falava, não sorria... Hoje, embora invisivel e prudente, ella nos fala, nos conta a sua historia amarga, nos dá a entender que é bonita e que é moça e nos promette, com uma linda voz melancolica, a revelação de seu nome, um olhar cheio de doçura, o segredo que nos leva tanto tempo occultando, a emoção de um beijo de amor, um tango ou uma valsa, numa festa onde nos encontrassemos de proposito, e até, o que é muito mais difficil, porque não existe, a felicidade...

E tudo por causa do telephone, cúmplice involuntario de muita ventura e de muita desgraça...

"Quelle est donc cette femme?..."

MARTINS CAPISTRANO

Grandes nuvens no fundo do horizonte,
Encardidas, pesadas,
Vão crescendo... crescendo... como um monte
De estranhas almofadas
Sobre os arranha-céos e os arvoredos.
E em torno o casario, o ar pesado
Parece carregado
De poeira, de suor e de electricidade.
... ...
Bate á porta da terra, furiosa
Com os seus seis mil dedos,
A dona tempestade.

Lá em baixo, pela rua, pressurosa,
A multidão caminha
Em busca dos seus lares.
Como está baixo o céo! Já se avizinha
O temporal. Vejo um clarão... Nos ares
Um raio zigzagueia, e logo após
Medonho e formidavel o trovão
Domina o espaço todo
Com o éco brutal da sua voz!

E em bategas fortes, em saraivadas
Do mais grosso quilate
Cae a chuva torrencial.

Pela janella do meu quarto eu vejo
Desencadear-se a furia do elemento,
Vejo a chuva cahir
Sobre o asphalto escuro,
E debalde procuro
No eterno labyrintho
Do meu pensamento
Achar uma palavra que dissésse
Tudo o que o coração,
Por mais longe que esteja, nunca esquece...

E a chuva continúa
A cahir sobre a rua
E a inundar a cidade,
Esta cidade estranha
Aqui, no sul da Allemanha.
Ouço o trovão, forte como o desejo,
O desejo que eu sinto
De voltar, de voltar para o meu paiz.
E chove sem parar... e a noite vem descendo
Tão triste como quem andou soffrendo
Longe da Patria, essa angustia infinita,
Que a gente soffre sem saber porque.
... ...
A noite cae e eu sinto essa dôr esquisita
Que é estar longe, tão longe de você!

Munich, 1930.

COLOMBINA

FAIANÇAS

Processo para fazer uma chronica de amor

UM meu confrade — sem duvida por modestia — me perguntou qual o melhor processo de se escrever uma chroniqueta de amor, quando se está sob certa fiscalização.

— Como? — estranhei.

— Fiscalização, é um modo de falar. Quero dizer: a gente escreve, não é?

— E'.

— Mas, como ha sempre duas e tres pessôas interessadas no caso...

— Só tres leitores?

— Não! Não é isso... Ha tres mulheres... Essas tres saias — e por que não calças, tambem? — emfim, esses tres anjos lêem o que escrevemos... E, depois...

— Já sei — atalhei. — Cada qual tem o direito de crêr que deviamos pensar nella, unicamente, no momento em que escreviamos...

— Exactamente! Cada uma dellas se julga com o direito de ter sido a nossa inspiradora...

* * *

Senhora Elinira Tinoco Silva Gomes, esposa do industrial Silva Gomes e figura de grande realce em nossa alta sociedade.

Coordenando idéas, e fazendo um parallelo sobre o facto, recordei-me daquelle cavalheiro que trazia no bolso dezenas de declarações amorosas, vasadas num estylo de epistola-circular.

Todas ellas tinham este introito:

"Senhorita. Permitta que lhe confesse ter ficado verdadeiramente fascinado pela maravilha dos seus olhos..."

Só dava o qualificativo de *olhos* de accordo com a nuance destes. Si eram verdes, precisava o tom. Ou empregava uma figura millenária: "verdes como a esperança...", "verdes como as ondas do mar".

E pensei: acaso não podia ser esse o processo do chronista?

Apenas com uma differença: si estavam em jogo tres typos distinctos de mulheres — a esgalga e leve como uma agulha; a *fausse-maigre* como um *sachet* de bonbons; e a gorda como um pecego da California, ou um assucareiro, — elle, o chronista, teria que sophismar: "Não retraçarei o teu perfil. Que importa que sejas fina e frágil como as gazellas, musculosa como uma athleta ou volumosa, rotunda, como um desses jarrões de patamar de escada?"

Dando um pouco mais de elegancia ao estylo, o escriptor conseguiria ludibriar as tres creaturas que occupassem o seu coração acolhedor e elástico.

E quando as tres o interpellassem: "Com quem foi aquillo que você escreveu?" O nosso heroe poderia ter a mesma resposta: "Com quem havia de ser? Com você, meu amor..."

* * *

O processo pode ser deshonesto. Mas, senhores, é o mais seguro que conheço. E si o meu inexperiente confrade deseja pôl-o em pratica, na esperança de poder illudir as tres Evas — tenha a prudencia de falar sempre em belleza, em lhes não attribuir mais de dezeseis annos e insinuar ser proprietario de uma baratinha e de um "bungalow" elegante, lá para os lados de Copacabana... Todas ellas tomarão a chronica para si.

E si fôr possivel ao collega ajuntar que as tres almas são "interrogações afflictivas", "enigmas desafiando Œdipos", "equações insoluveis", certamente se tornará mais sympathico.

As mulheres são crianças grandes. Gostam de ser illudidas com palavras doces que as apresentem, aos olhos dos demais, como sêres difficeis, complicados e estranhos.

Sendo futeis e vazias, na generalidade, como um balão de S. João, ellas se contentam em saber que ascenderam infladas por si mesmas...

Y V E S

ROBERTO. — Quando os meus olhos maravilhados volveram a ultima pagina daquelle poema de amor, o que me ficou na alma foi uma saudade atordoante e minaz.

Uma saudade reveladora de profundas ansias mysteriosas.

Ha dilaceramentos tão intimos, que ninguem ainda soube comprehender.

E, se, ás vezes, os heróes de certas paixões se animam de um desdem superior para surprehender os seus proprios soffrimentos, esse desdem esmaltado de ironia e de sorrisos é a auto-sensação da sua melancolia.

A sua carta, Roberto, foi lindamente sentida antes de ser graphada. Você possúe, como Maupassant, o poder de caricaturar a alma humana.

E durante os longos mezes que temos vivido separados, você tem creado uma obra esplendida e multiforme de belleza, de desespero, de ridiculo e de ternura.

Desvirtuando, não raro, as exigencias do seu temperamento de artista, você requinta em violencia e exaggero. Mas, a sua maneira personalissima de ser sempre você mesmo é o traço luminoso de todos os seus arrebatamentos.

Por isso, eu o perdôo de todo o coração.

E, se você me roubasse a vida, num dos seus impulsos ferozes, eu ainda lhe agradeceria a tranquilla verdade do socego que o seu gesto brutal traria ao meu destino.

O lastro de aventuras que alicerça a nossa vida é o episodio flagrante das nossas influencias psychicas.

Um amor é o fluido de uma alma. Atravéz da grandeza, da felonia, do aviltamento, da generosidade ou do entrechoque de pequeninos interesses, se reproduzem as transições tumultuarias dos caracteres.

O seu amor, Roberto, é o transumpto do seu temperamento.

Reflectindo-o, você serve á seducção do seu ambiente emotivo, sempre impetuoso, como um vagalhão que se despenha sobre uma escarpa.

Não é difficil para quem lhe conhece a alma profundamente infantil, apaixonada e bôa, comprehender os seus motivos de amargura e horror.

A sua retina de artista fixa visões irreaes. A sua sensibilidade de estheta sente bellezas desordenadas. Mas, tudo provem de você mesmo, Roberto. Tudo é o reflexo das suas locubrações. E as fórmas divinatorias desse amor que você modelou com o prestigio encantado da sua inspiração são uma doce volupia mental do seu sybaritismo fascinador.

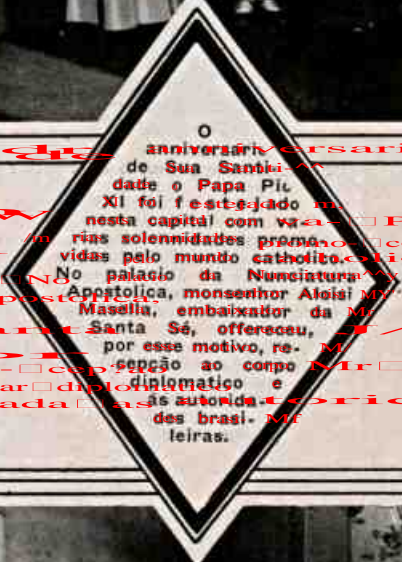
A sua susceptibilidade lhe creou um apparelho de infinitas graduações psychologicas. E segundo uma observação de Ruskin, você tem aquelle poder de reconstituir, remodelar, reanimar legendas. E ainda reflecte os seus tumultos animicos nas illustrações dos seus trabalhos emotivos...

Você é um evocador de bellezas, um caricaturista symbolico da alma humana, com intermittencias de vingança, de bondade e de taras geratrizes de preciosos effeitos.

Esconde-se no seu cerebro a historia de uma vida de fatalismos allegoricos, e se grava no seu coração a magnificencia de todo o sentimento puro do universo.

As suas attitudes irradiam sensações obstinadas. Na galeria dos meus retratos psychologicos, o seu retrato — um formoso desenho a sanguino, por hypothese — está occupando o lugar de honra. Não se presta, tambem, a parallelos... E' o só... O só que não se corrompe, não se transforma e não se esteriliza...

E eu vou terminar. Dê-me um cigarro, colhido naquella sua garreira de oiro verde que lhe offereceu a mais leal das suas amadas.

Quero vêr espiraes azues de fumaça jorrarem dessas suas narinas voluptuosas, que foram, até hoje, o mais authentico e suggestivo brinde dos deuses ás mulheres de espirito deste seculo...

O anniversario de Sua Santidade o Papa Pio XI foi festejado nesta capital com varias solennidades promovidas pelo mundo catholico. No palacio da Nunciatura Apostolica, monsenhor Aloisi Masella, embaixador da Santa Sé, offereceu, por esse motivo, recepção ao corpo diplomatico e ás autoridades brasileiras.

COCAINA

A velhice nem sempre é inutil, porque ha velhices gloriosas.

* * *

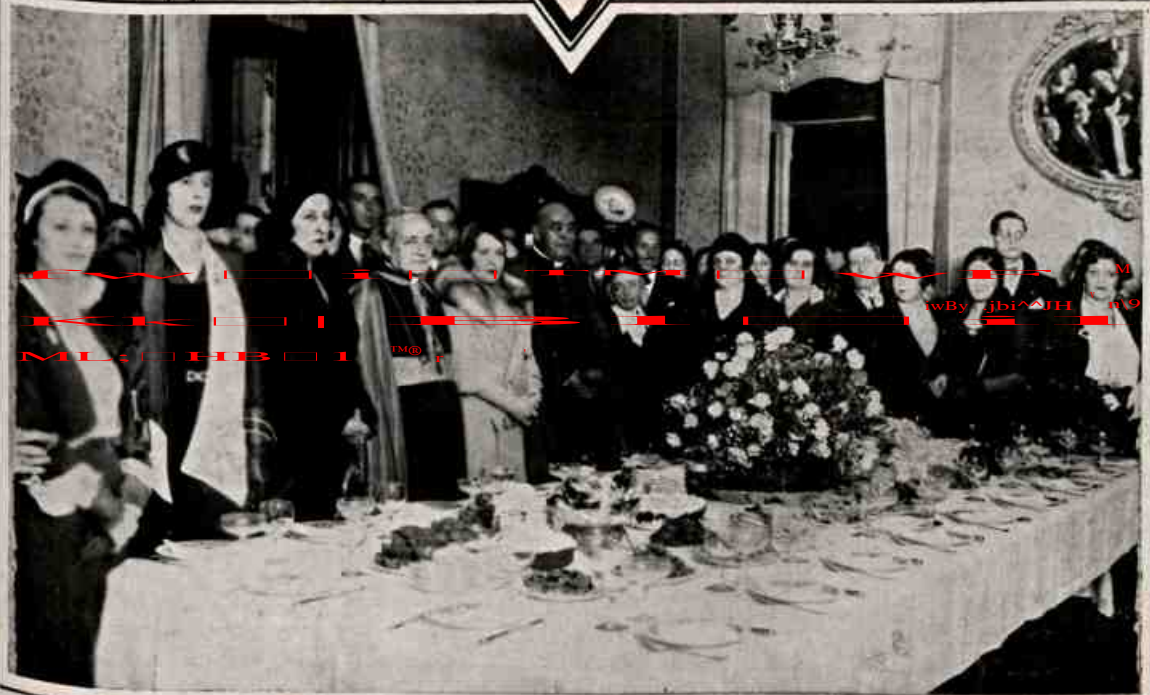
O amor deixou de ser um sentimento elevado, para se transformar numa necessidade organica, regulada por um «taximetro», que se traz escondido no logar do coração.

* * *

Os livros de hoje não são pensados: são fabricados.

* * *

E' melhor crêr do que descrêr...

Marion.

Os membros das colonias franceza e syrio-libaneza desta capital reuniram-se, na manhã de 14 de Julho, na séde da embaixada franceza, a convite do conde Dejéan, para commemorar, numa festa patriotica, a data gloriosa que relembra o protesto de Paris contra os crimes da Bastilha.

DO MEU DIARIO

Domingo. Dez horas da manhã.

Amanheci triste. Amanheci mais pallida e mais silenciosa do que habitualmente. Levanto-me bocejando. Procuro o roupão e envolvo-me nelle.

Depois, num espreguiçamento, dirijo-me á penteadeira. Abro um frasco de perfume, ao acaso. Logo, pelo quarto todo, se espalha uma nova atmosphera.

Afasto a caixa de pó de arroz á procura do rouge. Não o encontro. Ha uma confusão de vidros, vasos e caixinhas, que não é possivel encontrar um objecto no mesmo instante. Cremes, rimmel, vernizes...

Um mundo de coisas sobre um pedacinho de pedra marmore...

Sento-me no tamborete, disposta a pentear-me. Da janella aberta entra uma onda de frio. Fico mais triste ainda. Não admitto um dia chuvoso, um dia de inverno como este sem os braços ternos de uma pessôa querida.

Lembro-me de ti, do nosso rompimento, do silencio forçado em que abafamos os nossos impulsos... Si não estivessemos zangados, eu não estaria só por esta manhã sombria. Só, dolorosamente só. Tenho vontade de morrer. Que nos prende, afinal, á vida, quando é morto o nosso amor? Sim. Devo morrer. Ao menos, hei de deixar-te a horrivel incerteza de uma horripilante verdade. Hei de deixar-te o phantasma do remorso...

* * *

10,15.

Num desespero louco, ia atirar-me sobre o divan, quando, olhando casualmente para o espelho, reparei nos meus cabellos. [illegible] — [illegible] falta para que me cheguem aos hombros. Acho-me [illegible]. [illegible] um grande problema na minha vida que preciso resolver:

Ainda por motivo da festa nacional de seu paiz, o embaixador de França offereceu, nos salões do Hotel Gloria, uma recepção aos seus collegas do corpo diplomatico, ao mundo official e á nossa alta sociedade.

O embaixador conde Dejéan entre crianças alumnas das escolas francezas desta capital, nos Jardins da embaixada de França, á rua Senador Vergueiro, durante a festa que alli se realizou na manhã de 14 de julho, em commemoração á grande data da quéda da Bastilha.

o córte do meu cabello. Gerson diz que adora as interrogações que faço, á maneira de Lupe Velez com as ondas dos meus cabellos longos, á Nazareno. Gosta delles á vontade, sempre em desordem, lembrando sonhos mortos ou uma personagem de romance.

Roberto, pelo contrario, insiste para que eu sacrifique a minha vasta cabelleira, allegando que ella envelhece, transmittindo uma impressão de doença, de lethargia... Affirma que eu ficaria muito melhor a *l'homme*, com a minha boina escura e os meus olhos claros... Córto ou não córto?

Pergunto ao espelho, — o que vae decidir — o juiz cujo ultimatum é sagrado para toda a mulher...

Emquanto vou caminhando para o quarto de banho, a questão não me sáe da idéa. Corto ou não corto?

10 1/2.

Estou fresca... fresca... Sahi de um banho morno e perfumado, e aqui estou de novo, defronte da minha melhor amiga — a penteadeira — que é a nota de anarchia mais accentuada na anarchia alarmante do meu quarto...

Já não chove. O sol, em fimbrias luminosas, vem illuminar-me. Já resolvi o meu problema: vou cortar o cabello mesmo.

11 horas.

Ainda não acabei de envernizar as unhas. Mas... o problema do cabello veiu interromper o meu problema intimo... Recordo-me que, quando essa multidão de coisas me veiu á memória, eu pretendia atirar-me sobre o divan e chorar, chorar...

11,1/2.

Banhada em lagrimas pelas recordações dolorosas, eu decido ainda: não córto o cabello, não...

CONCHITA CID

Um detalhe photographico da recepção que o embaixador francez deu, no Hotel Gloria, para festejar a data de 14 de Julho, e á qual compareceram diplomatas, altas autoridades brasileiras e figuras de destaque no «grand-monde» carioca.

A TEMPORADA LYRICA

Josephina Cobelli e Tito Schipa, dois grandes artistas que ouviremos na temporada lyrica deste anno, no Municipal. O emprezario Silvio Piergili, a quem se deve a vinda da celebre soprano dramatico e do notavel tenor, já conhecido da nossa platéa, annuncia a sua estréa para a segunda quinzena de agosto. Actualmente, Josephina Cobelli e Tito Schipa fazem a temporada do theatro Colon, de Buenos Aires.

BALÕES DE PAPEL

O destino dos homens é semelhante aos balões de papel.

Nos dias do mez de junho, em que se festejam, ruidosamente, tres grandes santos, eu gosto de contemplar os balões que illuminam o firmamento, concorrendo com as estrellas.

Penso, então, nos homens que conseguem galgar altas posições, e nos que são acariciados pela gloria. Os balões logram erguer-se, quando não se queimam nas mãos dos que lhes dão força, almejando-lhes longa permanencia no espaço.

Alguns descem intactos e, graças aos esforços de estranhos donos, brilham novamente, emquanto que outros ardem, perseguidos pelos ventos contrarios, quando poderiam subir mais.

São iguaes aos homens que succumbem no desempenho de funcções nobilitantes, ou que cahem, deshonrosamente, das situações. Acontece, porém, que os balões, algumas vezes, após resplandecer, vão cahir em logares frequentados, não escapando ás pedras que lhes atiram as crianças, do mesmo modo que os grandes homens, no seu declinio, são apupados pela multidão inconsciente.

E' por isso que encontro semelhança entre os homens e os balões de papel.

ALEXANDRE PASSOS

O embaixador da Belgica e exma. sra. Fernand Peltzer deram, quinta-feira penultima, no Copacabana Palace Hotel, a sua primeira recepção á sociedade carioca e ao mundo official e diplomatico. O grupo acima foi tomado por occasião dessa elegante festa diplomatica.

FILIGRANAS

Mongoloides, negroides e brancoides, descendentes de tribus primitivas, de fetichistas broncos ou de civilizados secundarios e terciarios, na maioria, os nossos contemporaneos trazem nos gestos, nas palavras e nos actos a anarchia mental resultante das misturas ethnicas de onde provêm, plasmados na exuberancia e na lassitude do clima tropical. Fóra dessa craveira commum, quem, com outros sangues e outros imperativos, se agita differentemente e busca outras finalidades, isola se por fim, com a maior naturalidade, dentro da incongruencia que o rodeia e o não comprehende. Elle tambem não a entende e esse divorcio de mentalidades o lança fóra do meio como um corpo estranho. Essa é a maior tragedia espiritual que conheço...

Por motivo do anniversario da primeira Constituição do Uruguay, o sr. ministro Ramos Montero recebeu, na séde da legação daquelle paiz amigo, sabbado ultimo, a visita de grande numero de compatriotas de s. ex. e de alguns brasileiros, que foram levar ao illustre diplomata uruguayo os seus cumprimentos pela grande data da Republica Oriental.

Balcão Florido

MINHA *princezinha distante* — Sua ultima carta, que tenho, neste momento, sob a caricia quente e — perdôe-me — um tanto brejeira de meus olhos, é um flagrante espiritual de sua alma de mulher. De sua alma e de seu coração...

E como fiquei satisfeito ao sentir que a "selvagemzinha" a quem dei agazalho, um dia, no ambiente de sentimento e de idealidade de meu coração, já não vinha para mim, timida e arisca, no seu passo meúdo e furtivo de rola medrosa!

Não. Você, agora, minha *petite rose blessée*, depois de me deixar, sangrando no coração, todos os espinhos com que a colhi, vem para mim, solicita e carinhosa, já *domesticada* pelo meu amor. E revela-se-me o encanto de mulher que é, deante de meus olhos deslumbrados e cheios de você... De você que, sinto, é um pouco minha, porque feita de meus sonhos e plasmada na essencia mesma de todas as minhas illusões. Um sonho feito mulher... O meu sonho — todo o meu sonho nunca realizado — a viver e a palpitar no seu pequenino e bizarro coração de mulher...

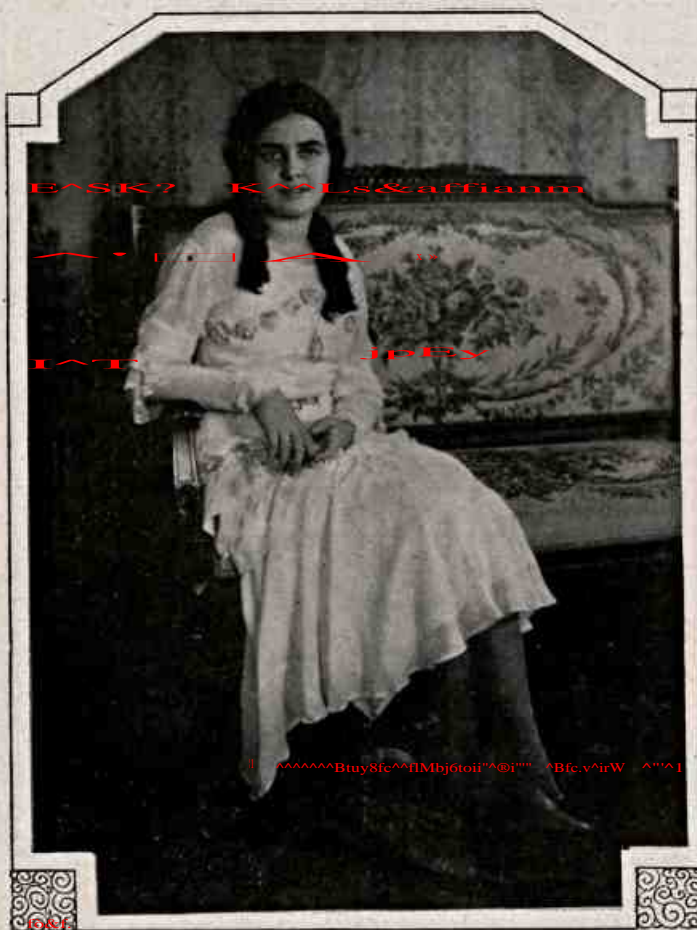
Uma alegria de creança, que tivesse conseguido animar sua bonequinha de Nuremberg, vibra e canta dentro de mim, numa exaltação que tem algo de divino e de pagão. Porque eu a plasmei na minha idealidade, creando-a á imagem e semelhança de tudo que sonhei para realizar a minha felicidade na terra. E o sôpro quente do meu beijo, que nunca floriu nos seus labios, encheu de rythmos desconhecidos e de desconhecidas e mysteriosas emoções todo o seu ser inquieto. E todo o meu sentimento, toda a minha emotividade creadora, realizou o milagre floral da sua concepção, na suave envolvencia desse ambiente de distancia em que você *vive* o meu sonho, como o meu sonho *vive em você*...

Emfim... Emfim, minha princezinha distante, você é bem a minha bonequinha animada, que já começa a me comprehender, que já vem para mim confiante, a enlaçar-me a cabeça, filigranada de fios de prata, com seus bracinhos caricio-sos e macios como dois regatos frescos... E o seu beijo — esse beijo que enche de "caricias doidas" a rosa rubra da sua bocca — eu o sinto, de vez em vez, cantar para mim, illuminado de sol ou envolto na cinza das garôas paulistas, a mais linda e a mais doce canção de amor...

A canção do seu sonho de mulher a viver no mysterio do seu coração...

Foi assim que você se me revelou agora, minha princezinha distante... Assim, a vir para mim, para o meu balcão, em flor, com seu passinho meúdo e dengoso de rôla amorosa...

HELIANTHO

AS NOIVAS

A senhorita Christina Raposo Lopes, galante figurinha da nossa sociedade, e filha do industrial José Gomes Lopes, acaba de contratar casamento com o sr. Alfredo d'Avila Lima, filho do casal Vasco Lima, e será, por esse motivo, festejada, hoje, pelas suas amiguinhas.

Por iniciativa do Syndicato Medico Brasileiro e com o concurso de nomes prestigiosos na classe medica brasileira, realizou-se nesta capital, de 19 a 23 do corrente, o Primeiro Congresso Medico Syndicalista, cuja installação teve logar solennemente, domingo á noite, na séde do instituto scientifico promotor do certame, sob a presidencia do dr. Lindolfo Collor, ministro do Trabalho.

COISINHAS DO CAPTIVEIRO

NÃO existe menino de escola, por mais vadio, que ignore ter havido no Brasil longa época de escravidão da raça negra; si puxarem por elle, sahir-lhe-á fornido rol de nomes e de datas immortalizados na campanha abolicionista.

Tambem não se apontará vivente taludo incapaz de contar uma historiazinha das "judiarias" feitas com os escravos, ouvida de uma titia velha ou de um estranho idoso. A malvadez de muita gente daquella época, que passava por fina, por bôa, por nobre, até por santa, julgando-se com direito a um logar de primeira fila no céo, ainda hoje se recorda com tristeza, com repugnancia, com revolta. Ora uma captiva ferrada na testa com um L., por haver roubado uma canna; ora um molecote apanhando 50 açoites por um resmungo deante do "senhor"; ora uma negrinha de dentes arrancados por ciumes da "sinhazinha" com o primo; ora um cabra acorrentado ao tronco durante mezes, porque montára, sem ordem, um cavallo de "yoyô-moço"...

Já ouvi contar de uma velha preta, ainda viva, que tem o pollegar partido. O "senhor", com ciumes injustos da esposa, e querendo arrançar da escrava um segredo inexistente, tanto lhe apertou o dedo, que o quebrou.

Esses pormenores da escravidão de todos conhecidos, não conseguem, no emtanto, dar uma idéa do predominio dos negros na vida social daquelles tempos. Por um involuntario revide da raça sacrificada, ella, humilde, fraca, sem amparo, se impunha ao meio, tomava relevo, dictava leis dentro dos cercados dos engenhos, dentro dos lares, dentro dos corações... Muito fazendeiro rico deixou de dormir direito a sua noite, preoccupado com a fuga de um captivo que era o seu braço direito; muita "sinhá" bonita curtiu desconfianças de uma moleca engraçada e sahida...

A influencia dos negros offerecia-se ao mais superficial observador. Tollenare, um francez que visitou o Recife em 1816, logo ao desembarcar na Lingueta e metter-se pelas estreitas e enviezadas ruas do bairro, notou "um movimento continuo de negros que vão e vêm carregando fardos e animando-se mutuamente por meio de um canto simples e monotono". Dias depois da chegada, já falava no mercado de escravos, junto de uma igreja, onde os desafortunados, de cocoras, quasi nús, mastigando bagaços de cannas, calmos, submissos, resignados, esperavam quem os comprasse. A compra era-lhes meia felicidade; nada poderia ser peor do que a travessia no porão do navio, durante 15 dias, trezentas e quatrocentas creaturas de ambos os sexos, de todas as idades, sem quasi luz, sem quasi ar, sem quasi alimentos. Por vezes, para que a "mercadoria" não se estragasse, deixavam-nos ir um pouco ao convez. E obrigavam-nos a dançar... Os civilizados da Europa tinham dessas coisas; têm-nas talvez ainda. Em terra, eram expostos todos os dias no mercado. Appareciam compradores: examinavam-nos detidamente, tomavam-lhes o pulso, verificavam-lhes os dentes, mandavam que abrissem os braços, que estirassem a lingua... Si o negocio se fechava, lá se ia o escravo para o eito ou para o serviço domestico, meio consolado, salvo quando o separavam da mulher e dos filhos. Tambem havia disto na civilização européa. Os outros volviam á noite para um armazem em Santo Amaro das Salinas, onde dormiam trancados.

A rua tinha a nota caracteristica da escravatura. A rua, só, não; a cidade inteira. Mulheres de saias rodadas em panno da costa, de rodilha branca contrastando com os cabellos pixains, o chalé vistoso trançado no hombro, o taboleiro na cabeça com frutas, tapiocas molhadas, pamonhas de garapa, filhós de dendê; molecotes de calças de brim riscadinho, camisa de algodãozinho, carregando potes dagua dos chafarizes; homens de musculos fortes tangendo animaes, conduzindo palanquins, empurrando canôas; mucamas de vestidos de bolinhas, levando bilhetes da "yayazinha" para a amiga da esquina...

Em todas as festas, em todos os actos, profanos ou religiosos, publicos ou familiares, os escravos punham a sua mancha escura, mas prestadia. E essa mancha se alastrava, como já dissemos acima, pelos cerebros e pelos corações dos donos. Um agricultor, por exemplo, vivia sempre preoccupado com o seu "pombal negro": — as pestes das bexigas, as tentações das fugas, a mortalidade infantil, os partos máos, os accidentes nas moendas, as dentadas de cobras, tudo podia, de um momento para outro, arrancar-lhe algumas "bôas peças". Interessava-se, não pelo prisma da piedade, porém pelo ganho. Como hoje combate a praga dos besouros nas cannas... Quando o abolicionismo se intensificou, appareceu-lhes mais um adversario: escravo fugido era acoitado por um desses "safados" que protegiam os negros e lhes davam escapula para os quilombos ou para o Ceará... Já não bastavam as "ruindades" das leis do ventre-livre e dos velhos de 60 annos!

Esse desespero trae-se bem nos detalhes dos annuncios da epoca:

Escravo Severino. Fugiu esse escravo de cabellos carapinhos, olhos grandes encarnados na flor da pelle, rosto comprido, nariz afilado, dentuço, altura regular, espadaúdo, andando calçado mostra um geito no pé, come com a canhota, masca fumo, algumas vezes bebe e fica malcrcado ou regrista, diz ser fôrro.

Este outro:

"Desappareceu do engenho tal, no dia 28 de dezembro de 1868, o escravo João Maria com os seguintes signaes: altura e corpo regulares, desdentado, fala mansa e descansada, rendido de uma virilha, de 50 annos, com os dedos acarangueijados."

De um outro senhor a quem havia fugido uma "escrava vistosa" de nome Luiza, com 30 annos, rosto redondo e pallido, falta de dentes na frente, costumando trazer o cabello penteado, usar chalé e andar calçada, — havia a offerta de 100$ para quem a prendesse e a ameaça contra um "alguem" que se suppunha ter acoitado a rapariga. Nessa ameaça não se póde distinguir bem si existia apenas o rancor pelo prejuizo, ou tambem o ciume pela mulata...

Porque, sem muito tino psychologico, descobre-se logo, na maioria dos annuncios sobre escravas, o cheiro sexual. Vê-se á vontade quanto o elemento feminino côr de chocolate se infiltrava na vida dos brancos. Fosse na senzala do engenho, fosse na puxada das casas. Ninguem negará hoje, por amor a preconceitos, que muito café com leite disfarçado que anda por esse mundo teve nos seus antepassados uma mistura de leite que se reputava de excellente nata. Isso é, aliás, thema velhissimo.

O que nos releva commentar é tão somente a nota sensual dos annuncios, num *freudismo* de antanho, quando se referia a uma escrava para vender, para comprar, para trocar. Vejamos este:

"Vende-se por 1:500$000 uma linda mulatinha de 17 annos, sem vicios, cose bem, engomma, cozinha, faz labirintho, muito "abilidosa" e propria para mucama."

Outro:

"Precisa-se trocar um escravo proprio para o serviço da guerra por uma escrava de bôa presença, dentes sadios, gorda e sympathica."

E ainda este:

"Vae á praça hoje a bonita escrava Marianna, com 25 annos, para pagamento de divida do casal X."

Tem mais:

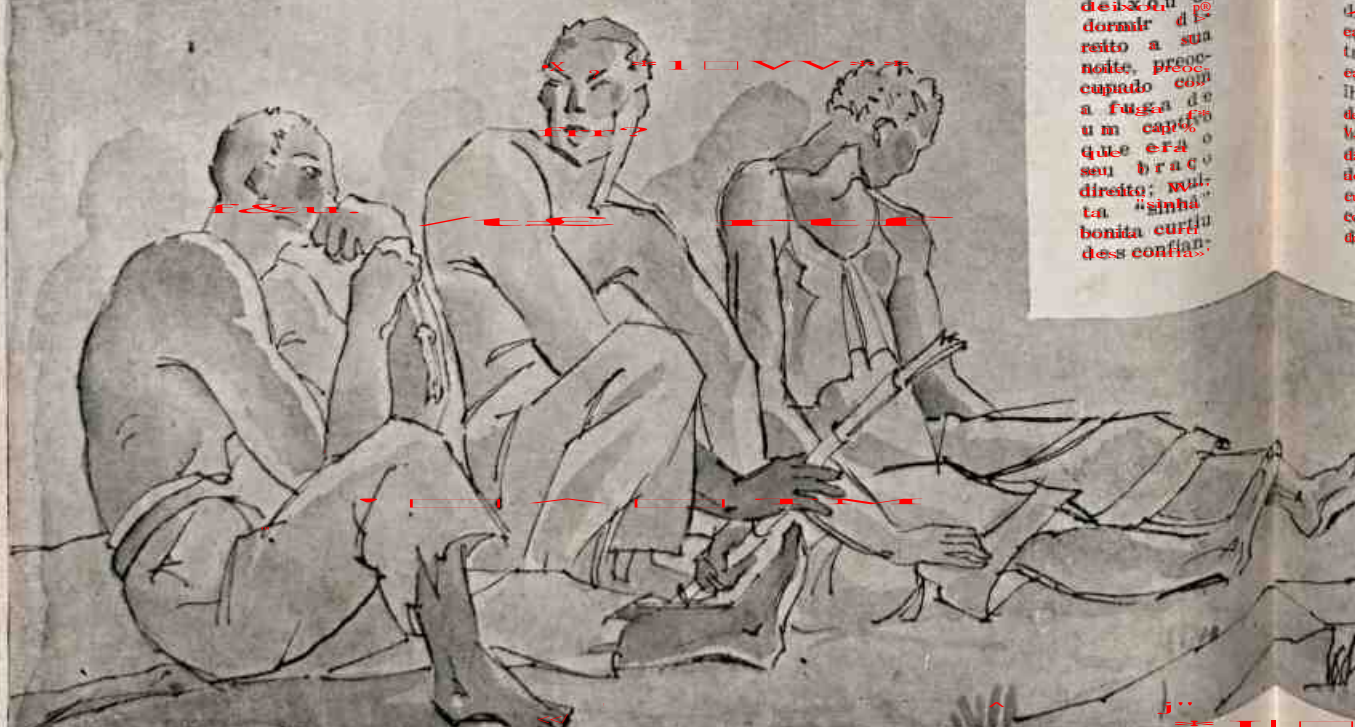
"Vende-se uma escrava moça, bonita figura, bem fraquejada em todo serviço."

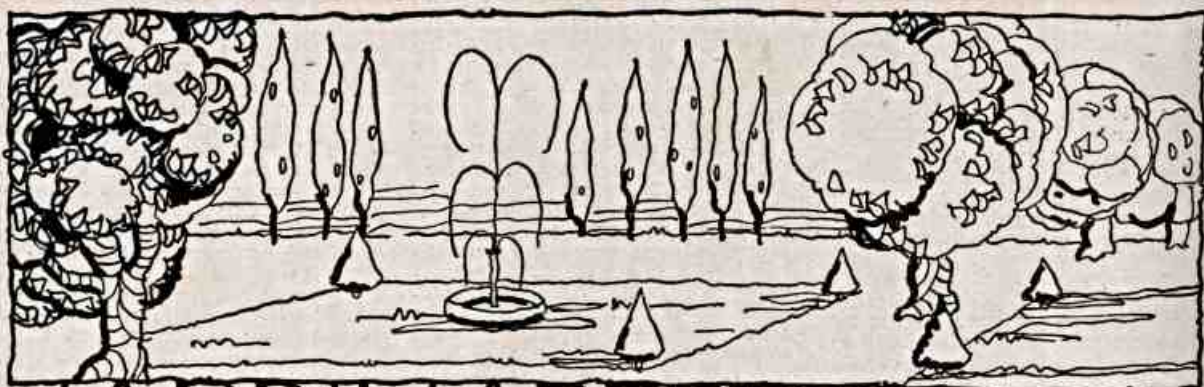
Havia, como se vê, em todos os annuncios, a accentuação dos dotes physicos da mulher, o que, a não admittir chamariz de sensualidade, seria requintada cultura esthetica... Debret já accentuava que na estimativa das escravas muito influiam a "mocidade e os encantos".

A verdade é que os choques de sentimentos dentro dos lares era grande. Talvez elles expliquem certos castigos crueis partidos de uma ordem de "Sinhá moça", sempre tão bondosa para seus servos, perdoando-lhes faltas, dando-lhes presentes, tratando a todos bem. E, de repente, mandava fazer aquella "judiaria": — queimar com o ferro em braza de marcar os bois o rosto tão bonitinho da moleca Rosinha, a quem presenteára pela Festa com uns brincos; ou vender, mesmo com prejuizo, a mulatinha Isabel, filha da escrava Januaria, que ficou como uma doida...

Ciumes...

Felizmente, existiam para contrabalançar os episodios nobres, dignos, humanos de alguns senhores. E, por sua vez, a raça negra, que tanta doçura, tanto affecto, tanta dedicação nos trouxe e nos transmittiu através das mães-pretas, deu tambem grandes exemplos de sentimentos superiores á dos brancos, que a torturavam. Falar das mães-

(Conclúe nas pags. 52 e 53)

MARIO SETTE

ILLUSTRAÇÃO DE PAULO WERNECK

JARDIM ABERTO

D. Jayme

VIENTO DEL BRASIL

ALGUNS intellectuaes argentinos amam vivamente a nossa terra e as nossas coisas. Têm por ellas uma fé, um enthusiasmo e um prazer que nos encantam e admiram. Admiram, porque uma interrogação nos cáe dos labios: que lhes fizemos para merecer esses louvores e cuidados? Que temos de invulgar ou delicioso para attrahil-os? E, com um certo orgulho de havermos merecido esse culto, nosso peito se enche de gratidão a esses amigos espontaneos, fieis e distantes, a esses grandes amigos pelo saber e pelo talento.

Entre os modernos homens de letras da terra vizinha e amiga que mais amizade e interesse têm ultimamente revelado pelos nossos homens e pela nossa vida, se conta no primeiro plano o prosador e poeta Sánchez Sáez. Atilado espirito moderno, maneja com a mesma mestria a penna de critico e ensaista como a de poeta cujos versos tráem no seu rythmo novo as idéas e os sentimentos da nossa epoca.

Pelas paginas da grande revista porteña Criterio, em artigos de solida cultura, se tem occupado de algumas de nossas figuras de relevo e em seus versos tem celebrado a nossa terra pujante e vasta. No seu livro Viento del Brasil y otros poemas, *canta os coqueiros das nossas praias enluaradas:*

Arriba los cocos
y más arriba
las estrellas...

B. Sanchez- Sáez, illustre escriptor e poeta argentino, nobre e desinteressado amigo do Brasil.

Relembra a feijoada eminentemente nacional:

Tragan la
obscura "feijoada"
mientras
rien y charlan.

Sob o ouro quente do nosso sol, elle:

... sentía
el canto de la peonada
que del cafetal venía...

E recorda, saudoso, as nossas fazendas:

Oh! fazendas
del Brasil!
Oh! tu canción
transparente,
si te pudiera
sentir
como antaño
la sintiera!

Libre de rima
y de metro,
nacida en el
cafetal,
aromada de la selva,
paraiso terrenal!

Ao lado do cafesal verde e rubro, celebra o laranjal verde e amarello como a bandeira:

Como era bello
el naranjal
sin guarda alguno
que nos pusiera
trabas para comer!...

Subirse como gatos
gritando de alegria
canciones brasileñas
llenas de melodias.

Oh! linda tierra
del Brasil!
Naranja brasileña,
redoma de licor!

Assim se vê que esse artista argentino adora o nosso paiz. Desde 1912, ha dezenove annos portanto, que elle estuda e propaga a nossa litteratura, em continuada e copiosa correspondencia com nossos escriptores e poetas de todos os matizes, desde o Amazonas aos pampas e do oceano ao planalto central. Nos seus annos de adolescente, viveu no Brasil e a doçura do meio envenenou-o para sempre. Felizmente para nós, que ganhamos em Sanchez Saéz um grande e dedicado amigo. Querendo-lhe bem, estimando-lhe o labor e a arte, não lhe fazemos favor algum, pagamos somente um pouquinho do muito que lhe devemos.

O dr. Carlos Osborne, o illustre radiologista que goza de legitimo prestigio na sua classe e é um profissional de grandes méritos, mantém, em seu consultorio, um curso de radiologia pratica para alumnos da Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro, e onde numerosos rapazes bebem, com proveito, as lições daquelle reputado scientista. A presente gravura mostra o dr. Carlos Osborne entre os seus alumnos desse curso.

FILIGRANAS

O secretario da redacção de Fon-Fon fez affixar nas paredes o seguinte cartaz imperativo: "Ficam terminantemente prohibidas quaesquer palestras que perturbem o serviço." O decreto do nosso companheiro, como as antigas leis eleitoraes, parece que nasceu com o vicio de ser viciado. Ninguem faz o menor caso delle. E' letra morta, tal qual a constituição da Republica velha. Todos os cacetes do Rio de Janeiro entram pela nossa sala a dentro, installam-se, pilheriam, conversam, perturbam, perobizam e não se dão por achados. E, quando a gente precisa alinhavar umas filigranas, é interrompido sem a menor ceremonia a cada momento. Falta, infelizmente, ao ukase secretarial a sancção da força, sem o a qual nenhuma lei se cumpre...

A Academia Carioca de Letras reuniu-se, ha dias, na séde da Associação Brasileira de Imprensa, para homenagear nossa distincta patricia, dra. Henriqueta Galeno, illustre filha do grande bardo cearense que foi Juvenal Galeno, e que veiu a esta capital para representar, officialmente, sua terra natal no ultimo Congresso Feminista. Foi carinhosa e fidalga a recepção daquelle cenaculo de letras á escriptora patricia, que, em Fortaleza, dirige, ha annos, com admiravel tenacidade, o «Salão Juvenal Galeno» — centro de arte e de requintada elegancia espiritual, já conhecido em todo o paiz. Saudada pelo presidente da Academia Carioca, dr. Phocion Serpa, e pela consocia dra. Alba Canizares, que produziu linda oração, a dra. Henriqueta Galeno correspondeu, galhardamente, á tocante manifestação de apreço que lhe era tributada, agradecendo aquella homenagem em bello e vibrante discurso. Focalizamos, nesta pagina, um flagrante da encantadora e fina recepção.

A commemoração da data da Liberdade teve, este anno, uma nota inesperada e, por isso mesmo, brilhante: a formatura da Guarda Civil, da Inspectoria de Vehiculos e das outras corporações de vigilantes da cidade. Visou essa parada fazer uma prova publica da militarização daquellas aggremiações de manutenção da ordem, militarização que se deve á iniciativa do illustre dr. Baptista Luzardo, chefe de policia. O desfile desse destacamento de forças militarizadas despertou, pelo seu garbo e brilho marcial, os mais vivos enthusiasmos á população carioca. Na galhardia dos seus uniformes e com o polimento dos seus metaes, essas unidades marcharam pelas nossas principaes avenidas, entre applausos e demonstrações de sympathia do povo. São os flagrantes mais caracteristicos dessa formatura que a nossa pagina reproduz.

A parada dos guardas civis e demais vigilantes e mantenedores da ordem teve a presença do chefe do governo provisorio e outras altas autoridades do paiz. Na gravura desta pagina vêem-se o dr. Getulio Vargas, presidente da Republica, assistindo, do palacio do Cattete, ao desfile, e o dr. Baptista Luzardo, chefe de policia, passando revista ás novas milicias da cidade.

TREPAÇÕES

Maria Helena, a galante filhinha do casal Paulo Mendes Vianna, numa attitude vaidosa de mulher...

TEMOS visto muita coisa esquisita por esse mundo além; mas poucas vezes temos parado deante de casos, como o que feriu a nossa attenção o outro dia, na praia de Copacabana.

E' inconcebivel, quasi inacreditavel o que vimos.

Uma linda menina, botão que se abre em flôr, vestida com apuro, como quem vae para as compras, sujeitar-se ao papel ridiculo e inconsciente de ficar horas esquecidas, conversando com um individuo em mangas de camisa, um entregador de açougue, trepado a uma bicycléta!

A attitude de ambos denunciava perfeitamente o que occorria.

Um typo ousado, de educação inferior; uma menina leviana, sem peias da policia caseira.

E como a vida é má e não temos policia de costumes, dia virá em que a pobre menina ha de chorar lagrimas de sangue, sahida da loucura dos verdes annos para a realidade brutal do mundo.

Uma pequenina enferma que está pedindo a solicita assistencia de almas bôas, para fugir ao inferno que a espera...

Ah! si este aviso tivesse o dom milagroso de despertar os negligentes paes da linda menina!

O elegante rapaz está com a vida ganha.

E' mesmo o que se chama um pelludo.

Não precisou dar tratos á bola afim de arranjar uma *baratinha* fatal, para as suas conquistas, preoccupação muito em vóga no seio da mocidade de hoje, que suppõe dominar o bello sexo quando no governo de um volante.

Sendo intelligente, concluiu ser impossivel arranjar dinheiro pelos meios honestos, isto é, trabalhando.

E resolveu o problema de maneira pratica, que está fazendo inveja a muita gente bôa...

A pequena que possúe um bello automovel encarregou-se de fazer o rapaz absolutamente feliz.

Oldemar, filhinho do sr. Oldemar C. de Andrade e de d. Alzira Andrade. Pela «carinha de chôro» vê-se que não gostou do photographo...

Ella é quem, conduzindo o seu carro, vae apanhál-o em pontos diversos da cidade, partindo ambos para a alegria de uns passeios deliciosos.

Elle está radiante, e com razão.

Não é facil reunir o util ao agradavel, sem dispender *plata*...

O nosso heróe deve tirar privilegio da invenção para a mesma não ser desmoralizada pelos collegas.

COM a bengala enroscada no braço, oculos de lentes fortes, grisalho, o cavalheiro de ar sério, absolutamente *typo pae de familia*, é coisa differente do que apparenta ser.

Póde acontecer que, em casa, elle represente muito satisfatoriamente o papel de esposo exemplar e fiel.

Mas, na rua...

Doença ou mania, não sabemos bem, soffre o cavalheiro, não deixando em paz as mulheres que passam deante dos seus oculos relampejantes.

O outro dia, quasi ficou sob as ródas de um automovel, quando tentava atravessar a Avenida, tal a afobação em correr atraz de um *manteau* azul.

Si tivesse ficado esmagado sob o vehiculo, o pobre *chauffeur* seria apontado como vulgar perverso, e a victima ainda teria as lagrimas da esposa, lamentando a sorte do querido maridinho...

Pagava o justo pelo peccador, porque, afinal, a culpa teria cabido exclusivamente ao cavalheiro, cujo estado de nervos é, aliás, digno de piedade.

Nas grandes cidades não só os garotos importunam incautas mulheres que transitam pelas ruas. Os homens entrados em annos fazem uma desleal concurrencia aos rapazes, principalmente quando têm carteiras recheiadas...

Ignoramos si o nosso heróe está incluido neste ról.

Mas é, positivamente, um exemplar ridiculo e, até certo ponto, perigoso com a sua mania.

Hello, interessante filhinho do senhor Adhemar Tavares.

Um grupo de amigos e admiradores do sr. Affonso Vizeu mandou celebrar, na igreja da Candelaria, sabbado ultimo, uma missa em acção de graças pelo restabelecimento e pela volta á actividade dessa illustre e estimada figura do nosso meio commercial.

ALEGRIA

De Mozart Firmeza

Sorria, sempre, creança,
porque a vida não merece a tristeza
duma lagrima, siquer...
Faça de conta que as suas dores são prazeres,
e sorria,
glorificando o soffrimento com um hymno de
[alegria!...

Não creia no amor.
Uma vez, eu amei...
Achava-a bella como ninguem,
e pura como você...

Certo dia, porém,
cantou, ao longe, um trovador:
— *La donna é mobile...*
E ella seguiu o seu destino de mulher...

Sorria, sempre, creança,
porque a vida não merece a tristeza
duma lagrima siquer...

O dr. Baptista Luzardo, o almirante Augusto Cesar Burlamaqui, director do Arsenal de Marinha; os drs. Salgado Filho e Darcy Frões da Cruz, respectivamente, quarto e terceiro delegados auxiliares, na séde da delegacia do 8.º districto, onde assistiram, a convite do respectivo delegado, dr. Luiz Burlamaqui, á solennidade inaugural dos melhoramentos alli ultimamente introduzidos pelo actual chefe de policia.

Grupo tomado por occasião da solennidade inaugural da Associação das Damas Protectoras da Infancia, recentemente fundada em Jacarépaguá. Vêem-se, entre os presentes, os drs. Belisario Penna, director geral do Departamento Nacional da Saude Publica; Samuel Uchôa, director do Saneamento Rural, e Accacio Pires, director dos Serviços Sanitarios do Districto Federal.

COCAINA

As cartas de amor são um lamentavel documento da necedade humana. Por isso nunca devem ser longas...

Marion.

NOTAS DE ARTE

O professor Melchior Cortez e madame Luiz Cazas, dois distinctos artistas do violão, num expressivo flagrante, ensaiando accordes para um futuro concerto de musicas classicas.

A mesa que presidiu á solennidade commemorativa do 17.º anniversario do Centro Commercio e Industria de Materiaes de Construcção, levada a effeito na noite de 14 do corrente, na séde daquella associação de classe. Apparecem, ahi, além dos representantes do ministro do Trabalho e do interventor do Districto Federal, respectivamente, drs. Agrippino Nazareth e Lauro Moutinho, os seguintes directores do Centro: Americo Rodrigues Vieira, Orlando Oliveira Bastos, Manoel Jacintho Ferreira, Umberto Donato, Adhemar Lesaige e Bernardino Pinho.

OS SETE DIAS DE "FON-FON" NO CINEMA

Sob os tectos de Paris

Direcção de

RENÉ CLAIR

Producção **TOBIS**

Interpretes:

ALBERT PRÉJEAN

e **POLA ILLERY**

O «heroe» do «bas-fonds» parisiense.

ALBERT e Luiz — dois amigos que viviam no "bas-fonds" parisiense, naquella manhã de chuva, vendo a linda Pola, julgaram-se ambos com direito ás suas caricias. Amigos, não querendo brigar, resolveram tirar á sorte aquella que elles viam pela primeira vez. Para que, si já um outro a tomara pelo braço e a levára para um café? Fred, figura temida naquelle meio, com vontade della ou não, procurava impôr-se. E os dois amigos trataram, cada um, de se dirigir ao seu "metier" — Albert como cantor de ruas, e Luiz como fabricante de carteiras.

Albert estava, na manhã seguinte, a cantar "Sous les toits de Paris", em meio de uma grande roda que o acompanhava, quando lhe surgiu a figurinha de Pola. Ella como que tambem se sentia attrahida por elle, e elle teve sonhos alegres para um futuro em que se via ao lado della... Mas, á noite, novamente foi encontral-a, no "baile", ao lado de Fred. Deixou aquelle ambiente de musica em que Paris de Montmartre, ao lado de Paris

Entre a «fina» sociedade de Montmartre.

Perante a lei.

das viellas, se revolvia em tangos e fox-trots. Na rua, porém, mais tarde, foi encontrar Pola. Ella deixára o recinto de dansas, insultada pela amante de Fred, que surgira, e Albert a levava até á porta da casa, onde ella não podia entrar, porque Fred lhe ficára com a chave. E foi então que acceitou a offerta que Albert lhe fez, do seu pequeno quarto, não muito distante dali. Que noite aquella que elles passaram! Ella, apesar de ser uma andorinha que corria os "boulevards", achava-se com o direito de pertencer a quem bem entendia, e não era por lhe terem cedido um quarto para passar a noite que podiam dobral-a. Alberto comprehendeu-a. Mas, na manhã seguinte, melhor ainda o comprehendeu ella, que se resolveu a ficar a seu lado.

Passaram-se dias felizes, até que, um dia, Fred se resolveu a intimar o joven cantor a deixar Pola. Nesse mesmo dia Albert recebia a visita da policia em sua casa, onde foi encontrada uma maleta cheia de prataria roubada. Entretanto, essa maleta tinha sido deixada ali por Bill, um rapinante com quem Albert se dava, embora não soubesse o conteúdo da mala que guardava. E, com toda a evidencia contra si, elle foi levado para a prisão. E Pola? Correu a prevenir Luiz, o amigo de seu amante... e Luiz soube conserval-a a seu lado.

Quinze dias se passaram. Albert, reconhecida a sua innocencia, sahiu da prisão. A' noite procurou o "baile". Pola, que dançava com Fred, correu para elle, o que fez o outro intimar o rapaz a liquidar as contas lá fóra. E os dois se foram para um recanto escuro, junto á linha ferrea, e ali cruzaram as suas facas-canivetes. Luiz, prevenido do que se passava, foi lá ter e com uma bala apagou o lampeão da rua. Na confusão, os dois puderam fugir, ao mesmo tempo que uma esquadra de policia chegava, levando Fred e os que o haviam acompanhado.

Albert e Luiz voltaram para o café, onde encontraram Pola. Elle correu a beijál-a, mas se sentiu repellido, pois que a sua amante procurava achego nos braços de Luiz. Albert olhou-os, espantado. Ella... o seu melhor amigo... Um sorriso lhe veiu aos lábios quando Luiz lhe propoz, mais uma vez, tirarem a sorte, como faziam em tudo. Não, elle não queria disputál-a ao amigo. Pensavam então que elle a amava?...

E, naquella mesma tarde, com o coração confrangido, Albert voltava a cantar, nas ruas, rodeado de quantos queriam acompanhal-o, emquanto o ouviam cantar "Sous les toits de Paris".

*** Os apaixonados do progresso cinematographico nacional, que são todos os brasileiros que têm a verdadeira noção de patriotismo, devem concorrer para admirar e applaudir, com absoluta sinceridade, a obra mais perfeita da cinematographia nacional, qual seja o grande film da Metropole, de S. Paulo, «Iracema», um trabalho de excepcional valia, quer quanto á technica, quer quanto á interpretação. Trazendo á tela a obra immortal do grande romancista José de Alencar, fel-o com uma honestidade e um brilho nunca exigido pela arte filmesca nacional. O sentimento nativista do enredo, sentimental e bello, realça na interpretação e na reconstituição do ambiente, em que a paizagem brasileira se enquadra de uma fórma maravilhosa e emocionante. «Iracema» vae ser, com absoluta justiça, o maior successo cinematographico deste fim de mez.

O idolo da «midinette».

DIVINO PECCADO

Producção da FOX

Interpretes:

JANET GAYNOR
CHARLES FARREL
KENNETH MACKENNA
WILLIAM HOLDEN

O seu olhar era uma chamma de paixão.

O thema desta producção é um lindo caso de regeneração. Não sómente a regeneração de um joven completamente perdido, mas tambem de uma joven que, por seguir os seus passos, cahiu tambem no perigoso vicio dos entorpecentes, e cuja rehabilitação surgiu unicamente por força dum grande amôr.

O amôr dedicado e sincero desses dois amantes venceu a todos os obstaculos fundidos, que estavam nos alicerces poderosos de seus extremosos corações.

A miséria e o amor.

Thomas Randolph, um magnata de Wall Street, está indignado pela conducta estroina de seu filho Steve, porquanto não havia dinheiro que chegasse para suas farras e os escandalos em que envolvia o seu nome, tão explorado pelos jornaes. Assim, Thomas, para dar-lhe um severo correctivo, entrega-lhe um cheque de 5 mil dollares e uma passagem para São Francisco, onde deveria trabalhar, para que, com seu proprio esforço, ganhasse a sua vida.

Em S. Francisco, Steve, conforme havia jurado, leva uma existencia de orgias e prazeres, em constantes noitadas e libações. Angie, um lirio do lodo que vicejava num antro peccaminoso, trabalhando durante as noites naquelle cabaret, despertou no corroido cerebro de Steve a chamma do verdadeiro amôr.

Aquella mulher não os tornaria inimigos.

Tendo descontado e falsificado cheques na importancia de 12 mil dollares, Steve segue para Shanghai, entregando-se ahi ao vicio perigoso do opio mortifero. Cahindo na mais torturante decadencia, Steve tem a surpresa de encontrar a sua Angie querida entregue á mesma degradação moral.

Arrependido e comprehendendo agora a grandiosidade do seu amôr, elle jura perante a sua amada redimir-se e leval-a daquelle antro maldito para a casa paterna, digno agora do nome de seu pae.

E assim fez o joven Steve, que, casando-se com Angie, volta ao lar, sendo festivamente recebido, porquanto agora elle mostrára ser um homem nobre portador da herança de sua familia, que tinha como brazão sagrado — A honra, a fé e o valôr!

*** A ultima novidade dos studios cinematographicos é fazer surgir, de um momento para outro, parques e jardins. Outróra, quando eram necessários taes scenarios, as companhias tinham que ir «acampar» nos jardins publicos ou em jardins de residencias particulares; mas isso de ir trabalhar ao ar livre e transportar a companhia inteira, resultava em muito trabalho e gastos enormes, até mesmo ao tempo do film silencioso.

Com o advento do cinema falado, o problema assumiu ainda maiores complicações, tornando-se necessario que as companhias trabalhassem dentro de seus proprios studios, sempre que fosse possivel. O principal inconveniente da producção de films falados fóra dos studios era a agglomeração de curiosos. Innumeras scenas eram inutilizadas quando, por exemplo, o heroe do film estreitava a gloriosa Greta Garbo em seus braços. Algum parvo, do meio da massa dos curiosos, gritava logo: «Oh, Maria, venha correndo, venha vêr como a Greta beija este camarada!»

Divino fardo!

Por outro lado, os jardins publicos e particulares têm a sua arborização em logar fixo. Os directores que procuravam bons logares para alguma scena achavam arvores impassiveis em logares onde teria sido uma esplendida posição para collocar a machina cinematographica. Dahi, a idéa dos studios estarem impro-sando os seus proprios jardins. Procurou-se obter variedade e flexibilidade de perspectiva, de modo que as secções dos jardins ou parques possam ser transformados facilmente de accôrdo com as diversas scenas, sendo a perspectiva sempre differente nas varias scenas.

Exemplo typico dos jardins particulares dos studios é o installado ha dois annos pela Metro-Goldwyn-Mayer, sob a superintendencia do director artistico Cedric Gibbons e do director de producção, J. J. Cohn. O «Parque Mayer», como é chamado nos studios, conta 2.000 metros quadrados, ou seja o tamanho normal dos parques publicos de qualquer cidade. Visto em conjuncto, é tudo isso e digno de admiração, estende-se em verdes gramados onde vicejam arvores altas e frondosas a ornamentar piscinas de natação, chafarizes, etc. Examinando-se em detalhe, observa-se, comtudo, que ha secções particularmente famosas. Entre estes, ha um jardim classico inglez, com as suas admiraveis perspectivas; um jardim classico italiano, com estatuas de marmore, etc.; um jardim de inverno á la Fontainebleau; um jardim typico de residencias particulares, com flores da estação agrupados de varias maneiras; e uma secção rustica, com arvores altissimas, um tosco muro de pedra, etc., etc.

"o magro e o gordo da Metro"

numa sensacional COMEDIA EM 8 PARTES:

XADREZ PARA DOIS

SEGUNDA-FEIRA, dia 27

O D E O N

(Cia. Brasil Cinematogr.)

NOTAS DE ARTE

DE OSCAR D'ALVA

COMPANHIA LYRICA BRASILEIRA — Prova de quanto agradou os espectaculos da C. L. B. é o facto de ter a Empresa dado apenas uma opera nova durante a ultima semana. Saráos e vesperaes foram todos constituidos pelas *reprises* da *Bohemia*, *Mme. Butterfly*, *Tosca*, *Rigoletto*, *Cavalleria Rusticana*, *Palhaços*. A unica estréa foi *O Guarany*, em a noite de 17. Com todas as restricções que lhe possam ser feitas, não ha duvida de que foi bello espectaculo, fortemente ovacionado. Ouvimos que com mais ensaios ainda melhor seria; é possivel. Mas tal como foi não deixa de ser elogiavel.

A primeira figura da noite foi incontestavelmente Carmen Gomes. A sua belleza vocal e a sua arte de representar conjugaram-se para dar á figura de Cecilia valor não mediocre. Nas arias como nos duetos, esteve sempre em primeiro plano. A *Ballada* teve na cantora patricia uma de suas melhores interpretes.

Reis e Silva continuou a patentear a notavel belleza da sua voz, de admiraveis agudos, muito embora certa deficiencia de graves e medios, talvez oriunda do cansaço do artista, que vem cantando, dias seguidos, operas de alta tessitura, tenha concorrido para que o cantor não haja tirado todo o partido do papel de Pery. Mas esta restricção não impede que o louvemos no celebre dueto do 1.º acto — *Sento una forza indomita*, onde foi digno parceiro de Carmen Gomes.

Asdrubal Lima em Gonzales mostrou-se, como sempre, artista que sabe cantar. Merecidamente applaudido na *Canção do Aventureiro*.

João Athos e De Lucchi, no D. Antonio e no Cacique, não destoaram do conjuncto. Ouviu-se com agrado a *Ave-Maria*, e applaudiu se com razão o *O dio degli Aimoré*.

Bem elogiaveis e applaudidos os bailados. Maria Carbonell deu-lhes especial realce.

A orchestra, pudesse embora dar mais vida á opera do compositor brasileiro, nem por isso deixou de agradar sob a batuta do maestro Amorim.

Não esqueçamos que todo este commentario se faz dentro da relatividade com que se deva julgar uma louvavel tentativa em prol do theatro nacional de opera. O que aliás não quer dizer que na C. L. B. não existam cantoras que, desde muito aperfeiçoados, possam pairar amanhã em plano superior da scena lyrica.

AURORA BRUZON — Na tarde de 15 de julho, no T. M., realizou-se, com o seguinte programma, o concerto em que se apresentou pela primeira vez ao publico do Rio, depois dos seus estudos na Allemanha, a juvenissima pianista Aurora Bruzon: BACH-BUSONI — *Preludio e fuga em ré menor* (para orgão); BEETHOVEN — *Sonata, op. 111*; CHOPIN — *Nocturno, 3 Estudos, Fantasie — Impromptu, Polonaise*; NIEMANN — *Antiga China* (Os sinos do Pagode, Rouxinol Chinez, e pequena Li-Li-Tse, A barca santa, A festa no jardim); POCK-MONGIAGOLLI — *La danse d'Olaf*; LISZT — *Rhapsodia Espanhola*.

A menina-prodigio de 1924, que aos 10 annos incompletos deslumbrou o auditorio do I. N. M. tocando com individualidade excepcional a *Aurora*, op. 53, de Beethoven, é hoje apenas adolescente, e por isso mesmo ainda não em plena posse das faculdades physico-psychicas para ser julgada como artista acabada. Entretanto, dada aquella estréa da meninice, que 2 annos depois justificavam os aperfeiçoamentos revelados num recital do I. N. M., esperavamos fosse melhor a estréa da adolescencia. E essa espectativa era tanto mais explicavel quanto a critica da imprensa allemã e as palavras do prof. Mayer-Mahr — transcriptas nestas columnas com a maior bôa fé, segundo as traducções enviadas pela recitalista, — nos predispunham a vêr confirmados os nossos vaticinios, quando foi daquella 1.ª estréa. Infelizmente, a realidade não correspondeu á espectativa. Certo, se fosse outra a concertista, não teriamos a impressão que tivemos. Com todas as falhas, Aurora Bruzon é uma pianista que póde figurar entre outras, com mais ou menos brilho. Mas sendo quem era, foi grande a nossa decepção. Esperavamos uma maravilha de teclado e achámos uma pianista como existem muitas. Apenas de vez em quando alguns lampejos de genio.

Perdôe-nos a joven virtuose e gentil amiguinha, esta franqueza. Tem a mesma sinceridade dos nossos primeiros enthusiasmos, quando em 1924 lhe vaticinavamos havia de ser

De gloriosos artistas companheira,
Pianista sem rival na terra inteira

e em 1926, escreviamos:

"Parece incrivel, quasi sobrenatural, uma creança, de 12 annos, interpretar com tanta individualidade poemas musicaes como a *Berceuse* e a *Ballada* de Chopin e *S. Francisco de Paula caminhando sobre as ondas*, de Liszt."

Não obstante as restricções, seria tambem injustiça deixar de assignalar que gostamos de ouvil-a no *Cantabile* da *Sonata* de Beethoven, num dos *Estudos* de Chopin, nalgumas peças caracteristicas de Niemann. O que seria sufficiente para elogiar uma artista vulgar, mas não a uma pianista de genio.

Elle — Presentemente, ha uma infinidade de moças que não se querem casar.
Ella — E como sabe o senhor disto?
Elle — Porque eu as tenho interrogado.

Sentimos que a directriz seguida por João Nunes fazendo a revelação da menina-prodigio de 1924, apresentando-a melhor ainda em 1926, foi abandonada pelos que a dirigiram na Allemanha. Dahi o resultado negativo que todos deploramos.

Apesar de tudo, esperamos que, abandonando a actual e retomando a orientação antiga, conservada e melhorada, Aurora Bruzon acabe attingindo no fim da adolescencia, em plena mocidade, os cimos da arte, que a sua 1.ª estréa annunciava havia de alcançar um dia.

HELOISA BLOEM MASTRANGIOLI — Assistimos no Theatro Casino, na tarde de venerdia, 6.ª-f. 17 de julho, a um dos mais finos

dos mais artisticos recitaes de cantos que nos têm sido dado ouvir nestes ultimos tempos, inclusive os da notável e famosa sra. Sofia del Campo. Referimo-nos ao vesperal da cantora patricia, sra. Heloysa Bloem Mastrangioli, conhecida e acatada professora da arte que cultiva. Exhibiu-se, cantando: *Orfeo*, de Monteverde; *Aria de Cleopatra* e *Where é e'r you walk*, de Haendel; *A chanter sur l'eau*, *Sérénade* e *La truite*, de Schubert; *Nuit d'autrefois*, de Rhené Baton; *Os rios*, de J. Octaviano; *Chant de nourrice*, de D. Milhaud; *Chanson du meunier*, de L. Lazzari; *C'était en avril*, de C. Pedrell; *Tristezza crepuscolare*, de F. Santoliquido; *Pantomime*, de Pick-Mangiagali; e ainda, como *extra*, *Ma fiancée*, de Schumann e *Berceuse*, de Clutsan.

O açougueiro (*Voltando ao trabalho, depois da lua de mel*). — Veja, querida: acabo de fazer os meus calculos e vejo que és a carne mais cara que já comprei.... Tu me saes á razão de quatro mil reis o kilo!

Ouvindo-a, adivinha-se a mestra através da artista. E' que a sua voz não se recommenda apenas pelos dotes naturaes, mas ainda, e sobretudo, pela cuidadosa cultura. Diz, emitte e articula com rara perfeição. Supera os trechos mais difficeis sem deixar perceber que o são. Não houve um só numero que não patenteasse a maestria da cantora. Mas houve alguns de effeito mais sensacional, alguns que nos emocionaram mais e foram a *Sérénade*, *Chant de nourrice*, e, acima de tudo, primor dos primores, *C'était en avril* e *Berceuse*. Não foram só cantados, foram tambem vividos os dois poemetos. Em *C'était en avril* via-se o idyllio do par amoroso idealizado pelo poeta e pelo musico e realizado pela interprete: *Berceuse* deu nos a impressão de um quadro paradisiaco. Sentimo-nos extasiados.

O publico que enchia o elegante theatro da Avenida Beira Mar ovacionou a distincta cantora com palmas, bravos e flores. Tres numeros foram bisados: *Os rios*, *Chant du meunier* e *C'était en avril*.

Para os triumphos da cantora concorreu a pianista sra. Julieta Gomes de Menezes, que fez os acompanhamentos com a costumada perfeição.

SARAO MUSICO-LITERARIO — Em beneficio da Policlinica de Botafogo realizou-se no T. M., em a noite de jovedia, 5.ª-f., 16 de julho, uma festa musico-literaria em que figuraram a cantora sra. Sofia del Campo, a pianista sra. Astréa Dutra dos Santos, a violinista senhorita Messodi Baruel, a declamadora senhorita Nênê Baroukel e a pianista Maria de Azevedo.

A sra. Sofia del Campo, a famosa artista, cantou a cavatina do *Fra Diavolo* e repetiu as maravilhas canoras da *Berceuse*, de Gretchaninoff e de *L'éclat de rire*, de Auber, com que já nos arrebatára no seu 1.º concerto. A sra. Astréa Santos agradou executando o *Intermezzo* de Beethoven, *La cathédrale engloutie*, de Debussy e a *Ballada em lá bemol*, de Chopin. A senhorita Messodi Baruel arrancou vivos applausos tocando *Kol Nidrei*, de Max Bruch e *Polonesa brilhante* de Wieniawski. Foi verdadeiramente admiravel a execução do primeiro desses poemas. Maria de Azevedo deu o costumado realce aos acompanhamentos, sobretudo a *L'éclat de rire*. A senhorita Nênê Baroukel além de recitar com a sua notavel virtuosidade *Alvorada de amor*, de O. Bilac e *Despecho*, de Juana Ibarburu, estreou no theatro de camera. Chamamos assim a interpretação que, com o concurso da sua irmã senhorita Lea, deu a distincta musa da poesia ao *Preludio do pingo d'agua*, dialogo poetico de Olegario Marianno. Foi uma estréa promissora. Mostrou que a actriz da dicção póde ser amanhã dictriz da acção. Merecidos todos os applausos com que a ovacionaram.

CONCERTO SYMPHONICO — Em homenagem á independencia do Uruguay, teve logar em a noite do ultimo sabbado, no T. M., um concerto symphonico, sob a regencia da joven maestrina senhorita Joanidia Sodré, onde se ouviram: MENDELSSOHN — 3.ª *Symphonia em lá menor*; A NEPOMUCENO — *Série brasileira*. (Alvorada na serra, Intermedio, A' sésta, na rêde, Batuque); EDUARDO FABINI — *Isla de los ceibos* (Abertura 1.ª aud.) e *Campo* (Poema symphonico — 1.ª aud.).

Na *Symphonia* de Mendelssohn — que não nos lembramos ter ouvido antes — distinguimos bastante a graça e o colorido que Riemann considera como caracter essencial dessa opra-prima do grande epigono de Beethoven. Emocionou-nos muito especialmente o *Adagio cantabile* e o *Finale maestoso*. A *Série brasileira* é um dos mais bellos poemetos de brasilidade que se têm escripto; a inspiração popular estylizada tem nessa obra de Nepomuceno um notavel specimen. Nella palpita a alma encantadora do sertão brasileiro. Tanto a *Isla de los ceibos* como *Campo* são valiosas credenciaes para recommendarem á critica e ao publico do Rio o nome do musico uruguayo — Ed. Fabini. Ouvindo-as pela primeira vez, deixam logo bella impressão. A ultima dá-nos suggestões campestres verdadeiramente caracteristicas. A musica do mestre uruguayo é cheia de effeitos imprevistos e de forte colorido.

A senhorita Joanidia Sodré soube imprimir a todas as composições o necessario relevo para produzirem bello effeito orchestral. Podem os technicos notar esta ou aquella falta, mas a verdade é que no seu conjuncto agradou bastante e foi bem applaudida a regencia da joven e talentosa maestrina.

DISCOLANDIA

ALDO NERY

AMERICANICES

Um telegramma de Nova-York, publicado pela imprensa diaria de todo o Brasil, deu-nos a grata nova de que o nosso patricio Raul Roulien, conhecido actor, cantor, compositor e varias outras coisas mais, havia conseguido um optimo contracto em Hollywood.

Gostamos da noticia, como todo bom brasileiro, pois é mais um elemento de divulgação que a nossa patria vae ter no estrangeiro, onde nos consideram um povo semi-barbaro, um paiz de selvagens.

Vão ver que Roulien não conserva nos beiços os vestigios dos batoques e que veste tão bem e é tão elegante como Ronald Colman, Monte Blue e tantos outros astros super-civilizados.

Uma coisa, porem, não nos agradou no telegramma auspicioso de que tratamos.

E' que, apregoando os meritos de Raul Roulien como compositor, a fabrica que o contractou affirma que, só no Brasil, se venderam 630.000 discos do seu tango "Adiós mis farras", afóra 250.000 impressos para piano!

Ora, como fizemos ver na nossa ultima "Discolandia", uma vendagem de 5.000 chapas já é, entre nós, uma grande coisa.

Podemos affirmar, ainda por cima, que o nosso "record" de tiragem ainda não alcança 25.000 discos de uma só producção, pois "Jura", que foi a mais vendida, está em perto de vinte e tres mil!

Segue-se, segundo cremos, o "Hymno a João Pessôa", que attinge a 18.000 exemplares.

O tango de Roulien, cujo autor, aliás, segundo as más linguas propalam, reside em Buenos-Aires, não alcançou, em absoluto, o successo das peças acima referidas, e mesmo que alcançasse, jamais attingiria a semelhante cifra.

Seiscentos e trinta mil discos, mesmo a 200 reis, daria ao autor da composição nelle gravada a bagatella de 126 contos, e no dia em que um compositor, aqui, ganhar tanto dinheiro, é quasi certo que o mundo se acabará dentro de uma semana!

Si fosse verdade o que allegam os reclamistas de Hollywood, já empenhados em "americanizar" o Brasil, Raul Roulien nunca teria tomado um vapor para ir procurar emprego na terra de Tio Sam...

* *

NOVIDADES

— Luperce Miranda, em quem se festeja um bandolinista completo, a ponto de ser considerado o maior do Brasil, é, tambem, um compositor brilhante. Em discos

— Contei a teu pae que te vi, hontem, roubando maçãs. Que te disse elle?

— Que, de outra vez, tenha a precaução de me certificar de que nenhum indiscreto me esteja espiando...

———

"Odeon" n. 10801 acabam de circular duas novas producções suas, intituladas "Sozinho" e "Não te deixarei". Ambas foram cantadas por Francisco Senna, um novo cantor que a "Casa Edison" vem de descobrir e que vae agradar plenamente.

— "Bondade desfeita em dôr" é o titulo de uma valsa de José Francisco de Freitas, que a "Casa Carlos Wehrs" editou para piano e que está obtendo exito.

— Em discos "Victor" n. 33431, a conhecida actriz-cantora Ottilia Amorim gravou os seguintes sambas: — "Na miseria" e "Para amor do meu mulato". Quem são os autores dessas producções é o que a "Victor" precisava accrescentar nos seus supplementos, uma vez que isto custava bem pouco...

— Tendo alcançado uma intensa popularidade com o seu samba carnavalesco "Com que roupa?", Noel Rosa está procurando produzir mais, para ver si repete a façanha. Não cremos, porém, que o consiga com a sua nova producção "Gago apaixonado", que a "Columbia" vem de gravar em discos n. 22023, apesar de ser essa peça bastante interessante.

— Cornelio Pires, escriptor dos mais lidos e contador de anecdotas caipiras, que se emparelha com Leonardo Motta, tem uma numerosa serie de discos humoristicos gravados na "Columbia", da qual é artista exclusivo. A essa serie se juntaram agora mais as seguintes peças: "Quando as misses desfilavam" e "Salim toreador", impressas nas chapas ns. 20.040 e 20.041.

— Ainda se rendem homenagens ás nossas "misses"? Ainda. Tanto assim que a "Parlophon" acaba de editar o fox-trot "Senhorinha Pernambuco", musica de Nelson Ferreira e palavras de Samuel Campello. O disco que o traz é o n. 13.297.

— Em discos "Parlophon" numero 13.299, o joven violinista Glauco Vianna gravou a valsa "Minha saudade" e o choro "Não boto...", ambos de sua autoria.

"A Equitativa dos Estados Unidos do Brasil"

Sociedade de Seguros sobre a Vida

Séde Social: AVENIDA RIO BRANCO, 125 — Rio de Janeiro

(EDIFICIO DE SUA PROPRIEDADE)

Relação das apolices sorteadas em dinheiro, em vida do segurado

100.° sorteio — 15 de Julho de 1931

Apolice	Nome	Localidade
101.028	Romualdo Barros Segadilha	Caranary, Amazonas
215.624	Joaquim Nogueira da Silva	Entre Rios, Matto Grosso
211.223	Carlos Pinto da Silva	Catalão, Goyaz
142.109	Curcino Loureiro da Silva	Belém, Pará
205.713	Ezequiel da Silva Abreu	Porto Alegre, Rio Grande do Sul
[illegible]	Eduardo Pereira	Penedo, Alagôas
95.568	Antonio Franco Leite Pindahyba	Maceió, Alagôas
168.142	Raymundo Rodrigues Castello Branco	S. Luiz, Maranhão
130.169	Deocleciano da Silva Ribeiro	Idem, idem
170.072	Antonio Manoel de Carvalho Netto	Aracajú, Sergipe
202.093	José Mesquita da Silveira	Itabaiana, idem
[illegible]	Raul Barata	Therezina, Piauhy
112.450	Alarico José da Cunha	Parnahyba, idem
[illegible]	Genaro de Salles Pinheiro (1)	Alegre, Espirito Santo
180.137	Manoel Monteiro Torre	S. Miguel Veado, idem
93.742	Armando Raponi	S. Salvador, Bahia
143.916	Adolpho Espinheira F. Carvalho	Idem, idem
184.558	Antonio Bacellar Dias	Arraial Lapa, idem
169.806	Joaquim Alves Pereira	Crato, Ceará
[illegible]	Alderico Mendonça	Iguatú, idem
[illegible]	Joaquim Alves Mattos	Crato, idem
142.159	João Chrispiniano C. de Amorim	Petrolina, Pernambuco
182.884	Manoel de Miranda	Tapera, idem
[illegible]	José Cordeiro de Medeiros	Recife, idem
199.255	Manoel Vaz Coutinho	Idem, idem
[illegible]	Pedro Elmer	Petropolis, Estado do Rio
209.060	Jacob Mureb	Cabo Frio, idem
206.498	Luigi Ciaravolo (2)	Nictheroy, idem
[illegible]	José Aleixo Marques	B. do Pirahy, idem
[illegible]	José Maria Coelho	B. do Pirahy, idem
[illegible]	Manoel Xavier Alves de Mattos (3)	Capital Federal
151.379	Adacio Cândido de Mattos	Idem
171.154	Pedro da Cunha	Idem
209.813	Antonio Pinto da Costa	Idem
211.909	Francisco P. de Almeida Sebrão	Capital Federal
128.278	Francisco Luiz da Silva Campos (4)	Idem
126.528	D. Maria Lozano (5)	Idem
157.185	D. Sylvia de Souza Barros	Idem
125.733	Oscar Moreira Barbosa (6)	Idem
202.109	Álvaro Fogaça da Silveira (7)	Idem
203.957	J. A. C.	Idem
177.704	José Maria Mac Dowell da Costa	Idem
132.781	Hyppolito Ribeiro	Taubaté, S. Paulo
119.374	Fábio da Silva Prado (8)	S. Paulo, idem
191.262	Caetano Munhoz (9)	Itapira, idem
131.180	Benedicto Siqueira	Santos, idem
158.764	Raphael Couriel	Idem, idem
153.064	Joaquim José de Oliveira Sobrinho	S. J. Bôa Vista, idem
141.026	Raul Martins Ferreira (10)	S. Paulo, idem
189.253	Antonio Botelho Machado	Idem, idem
203.500	Júlio Parente	Idem, idem
179.266	José Joaquim d'Almeida	Idem, idem
107.150	Camillo Lang	Idem, idem
141.280	Antonio de Souza Campos Júnior	Idem, idem
186.128	Aristides de Carvalho (11)	Araraquara, idem
181.714	Fortunato De Luca	S. Paulo, idem
118.153	Urias Paula Xavier	Monte Santo, Minas Geraes
212.579	Joaquim Mauricio de Carvalho	Januaria, idem
167.972	Álvaro Fulgencio Carneiro	Cassia, idem
198.092	Luiz Raso	Barbacena, idem
153.492	Raul de Paula e Silva (12)	Fructal, idem
165.072	José Luzia de Macedo	Itabira M. Dentro, idem
213.622	D. Maria Soares Vargas	Manhuassú, idem
210.575	José Natalino dos Passos	Raul Soares, idem
170.742	Anaximandro Alvarenga	Araguary, idem
109.859	Mario Fonseca	Arcos, idem
186.043	Jovianno Figueiredo	S. Francisco, idem
162.461	Josaphat Edwards Santiago (13)	B. Horizonte, idem
151.930	Jayme Léon Peres (14)	Idem, idem
194.237	José de Souza Meira	Diamantina, idem
167.942	Delfino Ferreira Borges	Uberaba, idem

1 — O Sr. Genaro de Salles Pinheiro teve a sua apolice de hoje sorteada em 16 de Julho de 1928.

2 — O Sr. Luigi Ciaravolo (pela terceira vez contemplado nos nossos sorteios) teve a sua apólice n. 108.625 sorteada em 15 de Outubro de 1920 e a de n. 145.361, em 15 de Outubro de 1927.

3 — O Sr. Manoel Xavier Alves de Mattos teve a sua apolice n. 180.201 sorteada em 16 de Julho de 1928.

4 — O Sr. Francisco Luiz da Silva Campos teve a sua apolice n. 128.277 sorteada em 15 de Janeiro de 1929.

5 — A Sra. D. Maria Lozano teve a sua apólice numero 126.529 sorteada em 15 de Outubro de 1928.

6 — O Sr. Oscar Moreira Barbosa (pela terceira vez contemplado nos nossos sorteios) teve a sua apólice numero 131.285 sorteada em 15 de Abril de 1926 e a de numero 125.732, em 16 de Abril de 1927.

7 — O Sr. Alvaro Fogaça da Silveira teve a sua apolice n. 112.391 sorteada em 15 de Abril de 1929.

8 — O Sr. Fábio da Silva Prado (pela setima vez contemplado nos nossos sorteios) teve a sua apólice numero 119.371 sorteada em 16 de Abril de 1923; a de numero 119.366, em 15 de Outubro de 1923 e 1924; 119.362, em 15 de Outubro de 1924; esta mesma agora sorteada, em 15 de Janeiro de 1927 e, finalmente, a de n. 119.370, em 15 de Outubro de 1928.

9 — O Sr. Caetano Munhoz teve a sua apólice numero 191.260 sorteada em 15 de Outubro do anno passado.

10 — O Sr. Raul Martins Ferreira teve a sua apólice n. 141.032 sorteada em 15 de Julho do anno passado.

11 — O Sr. Aristides de Carvalho (pela terceira vez contemplado nos nossos sorteios) teve a sua apólice numero 118.207 sorteada em 15 de Janeiro de 1926 e a de n. 186.126, em 15 de Outubro de 1929.

12 — O Sr. Raul de Paula e Silva (pela terceira vez contemplado nos nossos sorteios) teve a sua apólice numero 153.485 sorteada em 15 de Abril de 1926 e a de numero 153.486, em 15 de Abril deste anno.

13 — O Sr. Josaphat Edwards Santiago teve a sua apolice n. 162.459 sorteada em 15 de Outubro de 1926.

14 — O Sr. Jayme Léon Peres teve a sua apólice numero 151.982 sorteada em 15 de Julho de 1926.

Coisinhas do Captiveiro

(Conclusão da pagina 35)

pretas seria encher paginas e paginas. Demais, os que tivemos esses "anjos da guarda" nunca os esqueceremos, nunca os deixaremos de bemdizer. De mim, me recordo sempre da que me contava tantas historias lindas differentes da feiura do mundo, historias que ainda logrou repetir aos meus filhos. Nunca fôra escrava, mas era preta e carinhosa. E lá fomos um dia botal-a para dormir em Santo Amaro. Minha bondosissima Sinh'Anninha!

Um caso de honradez vale ser citado: Tendo morrido uma senhora muito rica e indagando o testamenteiro aos escravos da casa si não haveria alli algum dinheiro guardado em segredo, um dos captivos, chamado Duarte, lhe entregou tres contos de réis que a senhora lhe dera para guardar, havia muito tempo.

Os annuncios e noticias da éra do captiveiro são seára farta para observações e commentarios. A Loja do Pavão vendia estamenha de algodão mesclada, propria para vestidos e roupas de moleques, a 200 réis o covado. De uma casa fugira um menino de 7 annos, filho de escravos, com uma perna de ceroula por acabar. Um negociante avisava que ia embarcar para o Rio o seu escravo cabra de nome Joaquim, com 27 annos de idade. Appareceu debaixo de uma gamelleira da praça do Commercio um velho, coberto de lepra, quasi nú, chamado Antonio; fôra abandonado pelo dono, porque ficára doente e não prestava mais para o trabalho. Uma es-

---

O que nem

Em Java, usam como veneno o pêllo prato que fica na parte inferior do bambú. Si esse pêllo entra no nariz, nos bronchios ou nos pulmões, póde provocar uma bronchite chronica ou uma tuberculóse.

*

Em algumas regiões da Argentina, acreditam que é excellente cortar o pêllo dos cavallos, junto ás patas, na occasião das corridas, pois suppõem que o pêllo lhes tira a força.

*

O maior fogo de bengala do mundo foi o que fizeram nos Estados Unidos, em 1899, no monte Pike, por occasião da festa nacional daquella nação. Foram empre-

crava em Serinhaem morreu em consequencia de bichos que tinha por todo o corpo...

Mas, um dos mais interessantes annuncios é este:

"*Rapto. Na noite de quarta para quinta-feira foi raptada uma escrava cabra de nome Guilhermina por um preto chamado Tonho, com barba de tres dedos de comprido no queixo inferior; é official de pedreiro e filho de uma negra conhecida por nome Maria, vendedeira de mocotó no pateo da Matriz da Boa Vista. A escrava tem 24 annos, secca, com um signal assaz visivel em ambas as mãos, principalmente na esquerda, com grandes cicatrizes provenientes de queimaduras. Quem os descobrir e der signal, será bem gratificado, e usará com o rigor da lei contra a pessôa que os tiver acoitado.*"

O homenzinho parece que estava saudoso da sua escrava Guilhermina e interessadissimo em reapanhal-a. O offerecimento da gratificação e o rugido do processo provam-no bastante. E mais ainda o prova este addendo no annuncio anterior, sahido dias depois:

"*Avisa-se constar ter o preto Tonho, raptor da escrava Guilhermina, cortado a barba que tinha no queixo inferior.*"

Essa Guilhermina já promettia dar sorte na epoca actual: gostava dos homens de cara raspada.

MARIO SETTE.

(*Do livro, inedito, "Pernambuco das [illegible] e das [illegible] bombas".*)

---

todos sabem

gados 750 kilos de polvora colorida e a luz era vista a cento e vinte kilometros de distancia.

*

A anta, ou tapir, serve para fazer fortificantes e ha a crença popular de que, usando um cinto feito com o couro desse animal, se fica com muita força. Os carregadores trazem muitas vezes desses cintos.

*

No Cantão, os nomes das ruas dão a idéa de contos de fadas. Estão aqui alguns exemplos: *Rua da Nuvem Deslumbrante; Rua das Cem Beatitudes; Rua do Dragão Adormecido; Rua do Orvalho da Manhã...*

O campeão de golf dá de comer ao seu cãosinho de estimação...

CINEMA de

PEDRO Vailly atravessava, realmente, um dos melhores periodos da sua existencia. Agente da segurança publica, o bom guarda era estimado pelos seus chefes e camaradas e tivera a sorte de casar-se com uma joven bem educada, de familia modesta, mas muito interessante e, mesmo, bem linda.

Viviam felizes, entregues ao amor calmo, igual, sem excessos de ardor, mas tambem, sem nuvens. Um amor confortador e tranquillo como a agua de um lago. E esta vida assim convinha a Pedro Vailly, porque correspondia, exactamente, ao seu ideal. Filho de camponios do Norte, era intelligente, ambicioso, e queria "vencer".

E levava a vida a serio, elle, que costumava dizer:

— A vida não é nenhuma brincadeira...

Assim, sabia pouco, entregando-se, á noite, á leitura de obras didacticas capazes de lhe ministrarem conhecimentos uteis. E tomava notas, que classificava cuidadosamente. Certamente, como todo mundo, tambem elle acariciava seus sonhos, alimentava aspirações que lhe proporcionavam um pouco de enthusiasmo, mas sabia limitar o que desejava, e que sempre desejava com energia. Por isso mesmo, de vez em vez, Pedro dizia: é preciso conter a "besta".

Pontual, zeloso de sua pessôa, elle mantinha, na rua, em serviço, uma linha impeccavel. E quando acontecia aproximar-se delle alguma mulherzinha disposta a tagarellar, sabia tomar um ar grave e serio, e, de physionomia austera, logo cortava o colloquio incontinente...

Porque Pedro Vailly amava sua mulher e, tambem, a sua profissão. A's vezes, em palestra com os seus camaradas, dizia:

— Outrora, sim; eramos detestados. Faziam-se "blagues" e perfidias á nossa custa e tratavam-nos de "maricas", porque ninguem comprehendia a utilidade das nossas funcções. Mas, agora, dados os serviços que prestamos ao trafego publico, é preciso sabermos impôr-nos e fazermo-nos respeitar.

Sua querida Alice orgulhava-se delle. E sempre dizia, a disfarçar um lindo sorriso que lhe tremia nos nabios nervosos:

— Pedro será "alguém", um dia...

Occupava-se do seu "ménage", cuidando, amorosamente, dos "negocios" do marido, e, com o fim de augmentar um pouco as rendas do casal, trabalhava, sempre que podia, para uma casa de confecções.

Assim, os dois estavam talhados para ser felizes. A unica coisa que os entristecia era viverem no pequeno quarto de um sexto andar, sem agua corrente e sem electricidade. Fôra-lhes impossivel encontrar um appartamento pequenino e modesto, como tanto desejavam.

Mas, quando se está de sorte, tudo acontece. E Alice acabava de arranjar um logar na portaria de um bello edificio, tendo um porão espaçoso e claro. O gerente tomou-a logo a serviço da casa.

Pedro ficou de tal maneira contente com esse arranjo imprevisto que, sahindo fóra de seus habitos, disse para a mulher:

— Alice, se festejássemos a nossa bôa sorte indo a um cinema, hoje, que tenho a noite livre?

Alice ficou encantada com a proposta.

— Exhibe-se, precisamente, um "film" interessantissimo. Se não me engano, é a historia de um agente de policia.

— Sim, querido, vamos ao cinema.

Está escripto, porém, que a infelicidade persegue o homem em toda a parte. Não raro é mesmo por traz das nossas proprias alegrias que ella se esconde para nos surprehender. E como é que Pedro, esposo fidelissimo, funccionario integro, poderia adivinhar que tão innocente prazer — o facto de ir apreciar um "film" de algum modo corporativo — seria funesto á sua felicidade?...

Entrada a noite, Alice metteu-se no seu mais lindo vestido; Pedro envergou o seu traje civil, camisa branca, gravata preta, com um laço a rigor, e os dois ficaram satisfeitos ao se olharem no espelho. Tanto, que sorriram um para o outro...

Asphalto... Era esse o titulo do "film" allemão a que iam assistir. E' a historia de um joven agente de policia muito consciencioso e cumpridor de seus deveres, que, durante o seu serviço, é chamado a prender uma mulher tão encantadora quão pouco recommendavel. Por tal modo, porém, elle se deixa prender pela graça da linda mulher, que acaba apaixonado por ella. E, desistindo de leval-a ao posto policial, condul-a á casa della, onde é arrastado a commetter um crime, matando o homem que a explora.

Pedro Vailly assistiu a esse espectaculo com uma attenção que lhe causava angustia. Partilhou, mesmo, da vida desse estranho collega que se deixou vencer... Quando deixaram o salão do cinema, Alice disse-lhe, docemente:

— Viste, Pedro, como ha mulheres realmente miseraveis na vida!...

Pensativo, Pedro não respondeu. Depois, observou:

— Ella não tem culpa. Elle é que se deveria ter contido; elle é que deveria ter cumprido o seu dever...

Calou-se, um momento, para, depois, concluir, com violencia:

— Antes de tudo, o serviço!

Alice aconchegou-se mais ao marido, e chegaram á casa sem mais palavras. A noite deve-lhes ter corrido cheia de felicidade, porque Pedro nunca foi tão ardentemente amoroso para a sua "mulherzinha"...

• •)

Foi, porém, logo no dia seguinte que começaram a se manifestar as desintelligencias na casa de Pedro Vailly. O guarda não deixara de pensar no heroe de *Asphalto*. Condemnava-o, não ha duvida, mas elle o impressionara tanto, que lhe não sahia do pensamento.

— Por que degolaste o tenor Giocondo?

— Porque todos diziam que elle tinha um thesouro na garganta.

Matei Roussou

Eram duas horas e meia da manhã quando, pela primeira vez, na sua vida profissional, lhe acontecia encontrar, de maneira significativa, uma joven a lhe pedir uma informação. Não se parecia ella com a outra?... E se fosse a mesma mulher?...

No seu espirito, pouco experimentado, a artista de cinema e a personagem interpretada se confundiam. E se, Deus do céo! acontecesse a elle, Pedro Vailly, a mesma terrivel aventura? Seria uma grande desgraça... Como é gentil esta garota!...

No seu intimo, Pedro Vailly ficou escandalizado de sua propria attitude e foi com um verdadeiro desafogo que elle viu a linda creatura afastar-se delle, dizendo-lhe, gentilmente:

— Muito obrigada, sr. guarda.

A partir desse momento, dominou-o uma verdadeira obsessão: o temor de lhe acontecer uma aventura semelhante!... Vêem-se tantas bellas mulheres durante o dia! E ellas gostam de aproximar-se dos guardas, para qualquer informação... Outr'ora, antes do famoso "film", elle sequer não as notava: eram "transeuntes" e mais nada! Agora, elle não podia deixar de se sentir perturbado, cada vez que uma mulher o abordava.

E tornou-se inquieto e afflicto.

Procurou conhecer a impressão, o estado de espirito de seus collegas, em situações identicas. E fêl-o muito desageitadamente. No emtanto, soube o que desejava. Muitos, entre elles, disseram-lhe que "não se arranjavam muito mal"...

O gordo Gastão declarou-lhe, com bonhomia:

— Todas essas creaturinhas, meu amigo, dão a vida por uma pequena aventura. E' o que ellas procuram. Mas nada feito com relação á Bibi. Não se tem tempo. O serviço!

Gastão, com certeza, teria razão: infelizmente...

Foi Carlos Baratoux, um moreno de bigodes bem cuidados, que lhe confessou haver tido um "pequeno romance" com uma mulher que o abordara durante o serviço. Mas isso não tivera consequencias mais sérias...

Pedro Vailly admirou-se de não ter tido uma palavra de censura para o seu collega. E contentou-se em lhe dizer:

— Meu caro Baratoux, não convem brincar-se com essas coisas:

O escrivão (lendo o testamento). — "Deixo, á minha inconsolavel viuva, metade da minha fortuna".
O menino — Por que inconsolavel, titio?
O tio — Verás depois. Ella nunca se consolará de não possuir a outra metade.

é muito perigoso. Ninguem pode saber até onde será arrastado.

E, depois de um silencio, adeantou, timidamente:

— Ella era bonita?

A vida, para Pedro Vailly, tornara-se um verdadeiro tormento. Sentia-se culpado perante sua mulher, culpado perante o seu dever profissional. Começou a emmagrecer, a distrahir-se, a desleixar o seu serviço. Alice inquietava-se com a sua má physionomia.

— Que tens, Pedrinho?

— Nada.

— E' o serviço que te cansa?

— Não. Isso passará. Paciencia...

— Sim. Passará. Paciencia...

E elle foi paciente. Soffreu em silencio, vivendo sob uma constante ameaça suspensa sobre o seu espirito.

Uma noite, quando elle estava a informar a uma joven o caminho que deveria seguir, um auto passou vertiginosamente, quasi apanhando a mulher. Esta tomou um grande susto e aconchegou-se ao guarda, apertando-lhe o braço. Através da seda finissima do vestido, Pedro sentiu o calor daquelle corpo moço, emquanto, instinctivamente, para lhe evitar um possivel accidente, passava o braço na sua cintura leve, quasi vaporosa, aproximando-a delle.

Passado o perigo, desprendeu-se da interessante mulher, terrivelmente perturbado, emquanto ella, sorrindo, lhe agradecia:

— Felizmente que estava aqui, sr. guarda, senão aquelle bruto "chauffeur" ter-me-ia esmagado!

Pedro Vailly fixou-a longa, demoradamente, nos olhos. Ella sustentou o olhar, a sorrir. Mas o guarda, voltando a si, quasi brutal, poz fim ao incidente:

— Está bem, senhorita: atravesse e tome a primeira rua, á direita.

Ella afastou-se, emquanto elle fazia um enorme esforço para não seguil-a, mesmo com o olhar. E achou que a sua situação era insustentavel. Se pedisse demissão?...

E foi quando, tristemente, estava a assim pensar, que ouviu um civil, que assistira á scena, dizer para outro:

— Bem que sabe tirar a sua "casquinha", o guarda!...

UM CACHORRO DE SORTE

UM joven, de trinta annos, chegou a Vichy, com um cãozinho, um cão microscopico, unico no genero, um diminutivo de Chiwawa. Nada mais gordo que um gato recem-nascido, russo, com um focinho negro, as orelhas levantadas como duas cornetas pequenas, patas em que ninguem ousa tocar senão com infinitas precauções. Além disso, vivo, turbulento mesmo, ladrando atraz dos cavallos e ameaçando-os zangado; tal é *Bibi*. *Bibi* pesa exactamente 910 grammas.

Uma americanazinha, miss Holda, que havia chegado a Vichy com sua tia, frequentadora da Grande-Grille, parou, de repente, deante do cãozinho.

— O' boy! O' meu cachorro querido! ...

E, cheia de admiração, a physionomia alegre, radiante, avançou meigamente a mão para *Bibi*.

— E' sua, essa joia? — perguntou.

— Sim, senhorita.

— Oh! Deixe-me acaricial-o, permitte?

— Com o maior prazer.

E o rapaz entregou *Bibi* a miss Holda, que lhe passou carinhosamente as mãos sobre as costas e o cobriu de beijos.

Ella perguntou:

— Que idade tem elle?

— Brevemente dois annos.

— E é bem educado?

— Com um apuro rigoroso.

— Com bom caracter?

— Affavel, encantador, fiel e devotado.

— Onde o faz dormir?

— E' muito intelligente este menino. Está, agora, aprendendo o latim e o grego.

— E é bem proveitoso isto. Com esta mania do "turismo", os interpretes ganham o dinheiro que querem.

— Numa poltrona, sobre uma almofada, ao lado da minha cama.

— E si ouve barulho?

— Ladra como um cão de guarda.

Bibi, lisonjeado, deu duas lambidellas no nariz da miss.

— Oh! como é gentil! — exclamou ella.

E, de repente:

— Senhor!

— Senhorita?

— Não quer vendel-o?

O rapaz poz-se a rir:

— Não sou vendedor de cães, senhorita.

Alda enrubesceu:

— Bem; bons dias, *Bibi*!...

E foi tornar a encontrar-se com sua tia, soltando um profundo suspiro.

A' tarde, um criado de libré apresentou-se no hotel onde se havia hospedado o sr. Eduardo H... o feliz proprietario de *Bibi*.

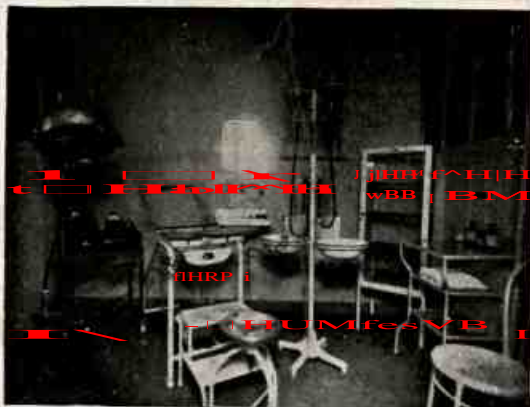
— Senhor — disse o lacaio — miss Holda manda offerecer-lhe dez mil dollares pelo cãozinho.

— Meu amigo — respondeu o sr. Eduardo — diga á sua patrôa que não me separarei jamais de *Bibi*.

No dia seguinte, a americana percorria o parque, procurando com os olhos o brinquedo com que ha-

FRIVOLIDADES

— Yayá, você está, hoje, mais fulgurante e linda, no fascinio que a circumda, do que nunca... Na sua cabelleira *blonde*, de princeza hieratica e lendaria, rescendendo a "Mitsouko", parece adejar uma revoada multichromica de azas trefegas e anhelantes, porque este caramanchão florido não é mais seductor que a belleza, harmonica e serena, que resplandece e envolve, em suavissimo, ethereo halo, toda você...

— Como me sinto feliz neste occaso embriagante, em que tudo assume aspecto de compuncção, e uma rara bondade — fluido que é tristeza, melancolia, tortura, magoa, saudade do inimaginavel — veste de crepe a alma do real e do subjectivo... Sinto-me menos peccadora...

— Si soubesse como está linda, nessa transfiguração radiosa de sentimentos, você, Yayá, empallideceria de susto, e, diante de um espelho, julgar-se-ia a imagem alcandorada de u'a Madona á Da Vinci...

— Tenho receio... Ha momentos, na vida, como este, em que eu daria até a alma, para não ouvir o rythmo de sua voz... canção estranha e sortilegica, subtil como uma caricia que se estima...

— Isso é porque você se esquece, Yayá, que eu a quero mais pela alma, que a troco de um silencio me promette, e menos pela carne, que, na mu-

De Aurélien Scholl

via sonhado. Eduardo fumava um cigarro, lendo um jornal. Holda fez-lhe um signalzinho com a cabeça e, sem cerimonia, acariciou *Bibi* sobre o joelho do seu dono.

— Senhor — disse, com uma voz meiga — gosta de todos os cães, ou somente deste?

— Gosto de todos, senhorita, e considero *Bibi* como se considera uma miniatura. O cão tem sido, em todas as épocas, o auxiliar do homem. Tem tomado parte essencial na instituição da sociedade. Quando o homem vagava, completamente despido, sem armas, sem defesa, deitando-se nos buracos dos rochedos, teria sido, certamente, anniquilado pelos animaes ferozes sem o soccorro do cão, seu alliado, que, farejando os uivos, o avisava do perigo imminente e se batia por elle. O cão é um desertor que, abandonando nossos inimigos, se passou para nosso campo, afim de nos ajudar a tornar-nos senhores do mundo animado. Como os cavalleiros do hussard perseguido, elle tem direito a algumas attenções.

Holda, que havia escutado attentamente a pequena aula de historia natural, do sr. Eduardo, levantou de repente a cabeça e, bruscamente, perguntou:

— O senhor é rico?

— Tenho com que viver agradavelmente — respondeu Eduardo, sorrindo.

— Mas... quanto de renda?

— Trinta mil... pouca coisa mais...

Holda deu um mochocho.

— Oh! — exclamou, com despreso.

— Este meu cachorro é extraordinario.

— Deveras?

— Imagine você que elle mordeu a minha sogra, e nem siquer ficou damnado...

— Eu... quatrocentos mil, e tenho um tio que possue minas na Pensylvania e que me deixa o dobro.

— Tanto melhor para a senhorita.

— E eu queria o seu cachorro.

— Tenho muita pena de recusál-o, mas ser-me-ia impossivel separar-me delle.

Holda cravou seus olhos, de um azul profundo, no dono de *Bibi*, e perguntou-lhe, com ar decidido:

— Como me acha?

— Acho-a encantadora.

Bibi era, sem duvida, da mesma opinião, pois mexeu sua cauda animadamente.

— E' casado?

— Não.

— Pois bem! Case-se commigo... O cachorrinho será dos dois!...

E ajuntou, com um sorriso:

— Dormirá ao lado do nosso leito.

Houve ainda um pouco de *flirt*. Eduardo não poude escapar á seducção, e *Bibi* foi testemunha do casamento.

— Que pensa desta historia? — perguntou-me o dr. H...., que m'a contou.

— Penso — respondi — que serão felizes emquanto *Bibi* viver.

— Pois bem — concluiu o doutor; — isso faz cinco ou seis annos... Nem todos têm uma parte tão grande de felicidade na vida!

(*Traducção de Clio.*)

De GOMES NETTO

ther-symbolo, intelligencia e perceptibilidade, intuição e magnitude de gestos interiores, desestimo para venerar...

— Como você, despojado do manto da hypocrisia, é differente do resto da humanidade!... Eu sempre ansiei, nas minhas abstracções de moça, romantica e saturada dos livros de Delly e Ardel, um ser que pudesse, sobrepondo-se ás exigencias materiaes, ser amante de minha alma — fonte de todas as tristezas e alegrias, para que eu sentisse o lado alacre e jovial do mundo, e vislumbrasse, como através um kaleidoscopio maravilhoso, a felicidade emmoldurando todas as coisas ambientes...

Todavia, seu coração, amphora entreaberta, deixa transparecer, na claridade evolante que, delle, se desprende, um thesouro inexhaurivel de ternuras... Enrubesce? Por que a porcellana de seu rosto, de bonecas, em que ha sempre um sorriso de mocidade a esmaltal-o, se purpuriniza?...

— Mario...

— Está arfante... tem as mãos frias como o luar nomade e sonhador... Já sei, Yayá, você é boa, infinitamente candida... No iris dourado de suas pupillas, bem á peripheria, eu, um myope do amor, distingo estas palavras, de letreiro luminoso cinematographico: "*Eu te amo!*"

A MINHA SECRETARIA ZULMIRA

I

CHAMO-ME, burguezmente, Antonio Rosa. Antonio por ter nascido no dia consagrado ao santo padroeiro das moças casadoiras; e Rosa é o appellido de minha familia. Os cabellos brancos nimbam de neve minha cabeça, que meus amigos chamam de veneranda. Olho o mundo com scepticismo. Tenho, para todos e para tudo, um sorriso mesclado de ironia e desdém. A' guiza de Evangelho, os philosophos, encerrados em volumes grossos de lombada dourada, vistosa, descansam á cabeceira de minha cama.

Com elles palestro amigavelmente antes de entregar-me a um somno reparador, mettido entre os lençóes que cheiram a alfazema e que a velha Genoveva tem o cuidado de trocar todos os dias.

Como um relogio de engrenagens garantidas, minha existencia de celibatario incorrigivel é a mais methodica possivel de se imaginar. Realizo passeios quotidianos sob o ridente e acalentador sól que me reaviva e renova o sangue, só tal não fazendo quando o rheumatismo se lembra de visitar-me, o que acontece de onde em onde. Não sou dado a festas. Abomino os cinematographos, achando-os horrivelmente insipidos e terrivelmente fantasistas. Perdi o habito da sociedade. Já não sei manter "dois dedos de conversa" (como dizem os jornalistas mediocres) com as jovens. Só poderia falar ás mulheres de minha idade.

Mas, de velhos estou farto. Dahi o não visitar a ninguem, nem aos proprios parentes afastados, uns "primos-tortos" que vivem em bairros distantes do meu. No que concerne ao theatro, sou muito exigente. Só as peças de scenas fortes, de quadros reaes conseguem satisfazer-me.

Com taes habitos, fielmente esboçados nestas linhas, poderiam suppor-me um sedentario. Não o sou, porém. Como ainda me orgulho de ter uns lampejos de intelligencia, um tanto raros, infelizmente, após o frugal jantar, entrego-me ao prazer de garatujar phrases, não poucas vezes sem nexo, de composição arrevezada, comprehensivel apenas para mim mesmo. Até altas horas deixo-me a burilar o estylo, a emendar crassos erros de syntaxe, a arranjar melhor collocação a difficeis pronomes de contentar, ferrenhos inimigos dos philologos implacaveis, a reconciliar as ameudadas discordancias do sr. d. Verbo com o sr. d. Sujeito. Após algumas horas de trabalho estafante, releio as laudas escriptas. E, afinal, como sempre é verdadeiro o aphorismo de que não ha melhor critico que o proprio autor, acabo por apanhar as folhas entre os pollegares e os indicadores, estraçalhando-as, rasgando-as em pedaços pequetitos. Estes poderiam ser atirados á cesta de papeis velhos. Comtudo, comprаz-me amontoal-os cuidadosamente para atear-lhes fogo depois. Sinto, assim, a volupia de destruir o que a minha mania de ancião persiste em qualificar de "obra de... genio"!

Quando, envergado o pyjama e mettida a carapuça, vou ao encontro de meus Nietzche, Schopenhauer, Kant e Pascal, invade-me feroz revolta interior ao reconhecer minha incompetencia mental. Meu desejo, longamente acalentado, seria o de realizar um trabalho de vulto, de folego, para que meu nome ficasse indelevelmente gravado no mundo e fosse admirado pela posteridade. A perturbação, entretanto, é passageira. Minutos depois, meus pensadores acalmam-me. E conformo-me ante a impossibilidade de satisfazer ás ansiedades de celebridade e de ir a caminho do cemiterio glorificado por todos, entre pompas ruidosas e sonoros adjectivos na secção necrologica dos jornaes. Consolo-me á idéa de que, obscura e ignorada esta carcassa se livrará dos fataes discursos á beira do tumulo, destinados a exaltar o meu talento e virtudes inexistentes.

Elle. — Muito bonito isto de dar-me um "contra", depois de ter, evidentemente, provocado a minha declaração!
Ella. — Eu? E de que maneira?
Elle. — Dizendo-me que seu pae era millionario.

II

NUMA destas ultimas noites, nem bem acabára de ingerir o delicioso café preparado pelas habeis mãos da Genoveva (sendo eu um solteirão, estão a vêr que a Genoveva não é minha mulher, nem amante, mas, simplesmente, uma diligente governante) arrastei os pesados passos ao meu gabinete de paredes escondidas pelas altas estantes pejadas de enormes "in-folios". Sentei-me á frente da secretária. Apanhei a caneta. Mordisquei-a. Procurei escrever, rebuscando assumpto no recesso da imaginação. Faltava-me inspiração. Carecia de idéas novas.

Por fim, depois de elevar os olhos ao tecto durante umas cem vezes, occorreu-me uma lembrança que julguei luminosa e digna de ser aproveitada: por que não

De Armando Brussolo

rememorar episodios de minha mocidade? Afoito, quiz dar inicio á tarefa no mesmo instante.

As recordações dos tempos remotos cruzavam-se no cerebro. Baralhavam-se. Confundiam-se. Uma balburdia dos demonios. Reconheci ser impossivel principiar sem ordem. Resolvi arrumal-as e até catalogal-as si preciso fosse. Foi o que fiz nos dias subsequentes. E eis-me hoje prompto a começar

O amigo (que é um tanto curto da vista). — Toma cuidado, Gonçalves, que, á esquerda, vem uma mulher guiando um carro.

o que chamarei a minha grande obra. Si não tivesse escrupulos literarios, poderia transformal-a num romance. Longe de mim tal intento. Quero-a pessoal, embóra pobre de interesse, resalvando minha probidade artistica.

III

DANDO um salto gigantesco, reporto-me aos meus vinte e cinco annos ardentes e cheios de fantasias absurdas. Já então me vangloriava de ser um "eminente belletrista". Amigos meus, a quem eu em incontaveis occasiões pagára almoços e jantares regados de bons vinhos, emquanto puxavam largas baforadas dos aromaticos charutos que eu lhes fornecêra, asseveravam que "em futuro proximo viria a ser um dos expoentes maximos da literatura indigena". Entre elles, figuravam alguns plumitivos da imprensa. Dahi os jornaes algumas vezes estamparem elogiosas referencias á minha pessôa. Os seus rabiscadores, sobraçando a folha, acorriam ao meu encontro. E' facil de adivinhar que eu já lêra e relêra incansavelmente as noticias. No emtanto, mostrava-me devéras surprehendido e altamente sensibilizado com a lembrança. E E via-me impossibilitado de furtar-me ao fatal "pequeno". Si o "pequeno" variava entre cincoenta e cem mil reis, o "breve" era eterno. Mas, "desprendido da materialidade terrena", pouca importancia dava a essa coisa "prosaica que é o dinheiro", como diziam os que pullulavam á minha roda e viviam a alambicar-me e a applaudir-me.

IV

COM o invejavel ordenado mensal de tres contos de reis, occupava, nesse tempo, o logar de gerente da Empresa de Terrenos de Matto Grosso. Posição de destaque bastante cubiçada. Isso não impedia que, logo após o pôr do sól, eu me puzesse a compôr sonetos de rimas estrabicas e versos quebrados, onde o "astro rei" andava ás voltas com a lua, e os "cabellos louros como as espigas e os seios tumidos das virgens" eram cantados numa pieguice malsã. Quando não fazia a lyra gemer e soltar ais plangentes, punha-me a escrever contos psychologicos sobre as mulheres, as quaes julgava conhecer como as palmas de minhas mãos.

Minha ambição consistia em vêr meus trabalhos impressos nas paginas das revistas cariocas e paulistas. De nada valeram as apresentações. Vi-os sempre regeitados. Não desanimei. Passei a collaborar nos periodicos de cidades do interior, de titulos altisonantes, espalhafatosos, como "A Alvorada", "O Arauto", "O Clarão", etc. Compostas á noite, com religioso cuidado, minhas locubrações literarias eram copiadas a machina pela Zulmira Oliveira, rapariguita carminada que, si era minha secretária particular e a dactylographa por mim preferida, nem por isso deixava de ser assiduamente cortejada pelos outros rapazes do escriptorio. A bem da verdade, é preciso dizer que a moça não era de todo insensivel aos madrigaes luminosos e imbecis dos rapazes. Murmurava-se, até, que em diversas occasiões fôra vista em companhia de alguns delles em lugares escusos e suspeitos.

Esses detalhes não me despertavam a curiosidade. Zulmira interessára-me quando entrára a serviço da empresa. Seus olhos azues, sua cabelleira fulva e seus labios rubros — cereja a que ninguem se recusaria de mordiscar com soffreguidão — chamaram minha attenção na primeira semana. O deslumbramento foi momentaneo. Dissipou-se em seguida. E o trabalho absorveu-me de novo.

Com o correr dos dias, acostumei-me a vêl-a com indifferença. Durante alguns mezes, ao bater das nove horas, invariavelmente, á porta de vidro de meu gabinete surgia o seu surrado chapéu preto salpicado de vidrilhos tambem de côr escura. Cumprimentava-me com polidez, dirigia-se á sua mesa e pouco depois dedilhava na machina, enchendo a sala de ruidos metallicos. Horas mais tarde, approximava-se-me, extendia-me a correspondencia, emquanto de seu corpo de alabastro se evolava um perfume de essencias baratas. Isto feito, cabia-lhe o copiar meus contos e poesias, que, na sua

(Cont. na pag. seguinte)

(Continuação) — A MINHA SECRETARIA ZULMIRA

ingenua apreciação, eram de "uma belleza sem par", deixando-me orgulhoso e ufano.

Existencia de trabalho, plácida, monotona, sem uma nota dissonante.

V

UM dia, certo acontecimento quebrou o fio desse ramerrão irritante. E' que, numa quinta-feira morna, á pontual chegada de Zulmira, notei-lhe qualquer coisa de extraordinario. Fixando-lhe a vista, meus olhos percorreram indiscretamente os contornos suaves de seu corpo, indo pousar-se na cabeça. E... que surpresa! Lá já não se encontrava o coçado chapéu negro! Em seu lugar, um bello modelo azul escondia-lhe as aloiradas madeixas.

E' bem de vêr que o facto não era para causar espanto. Comtudo, alegrou-se-me o semblante e a presença de minha secretária foi-me benéfica. O tempo correu com rapidez. Pareceu-me mais bello o sól que entrava pelas janellas rasgadas para a movimentada rua, onde o apressado vae-e-vem de pessôas atarefadas levantava um rumor cavo.

Minha admiração não parou ahi. Ao voltar no dia seguinte (quem o poderia pensar!), Zulmira trazia novo chapéu! Esta subita mudança de chapéus intrigou-me, visto que, á hora do almoço, era ainda outro o chapéu que ella ostentava. E foi pensando no caso que á tarde deixei os escriptorios da empresa, impedindo-me de atirar-me á musa e ás novellas. No sabbado dirigi-me ao serviço presa de espicaçante curiosidade. Esperei com ansiedade que batessem as nove horas, quando Zulmira chegou.

O vestido era o mesmo da vespera. Outro tanto não se dava com o chapéu. Este era de côr lilaz agradavel. Senti subito desejo de interrogál-a a respeito. Contive-me a tempo, evitando ser indiscreto. Por diversas vezes, tentei abordál-a, reprimindo-me em seguida. Resolvi adiar o instante das perguntas para a segunda-feira seguinte.

VI

CHEGOU a segunda-feira. Não me causou espanto o vêl-a com um novo chapéu verde-garrafa, cuja aba lhe espalhava sobre o rosto uma sombra glauca.

— Bom dia! — disse-me.

E acto continuo, sem esperar resposta, arrancou o chapéu, dependurando-o com gesto rapido e gracil no cabide.

Nesse momento, aterradora visão atravessou á frente de meus olhos e "vi" uma revoada de chapéus de todas as côres esvoaçar, em variadas direcções. Tomando-lhe o lugar, outra scena surgiu. E julguei distinguir Zulmira nos braços fortes de um homem alto que lhe povoava de beijos lubricos e babosos as faces assetinadas. Ella não se entregava com igual fervor, mas não se esquivava, visto ser elle quem lhe dava o dinheiro para os chapéus.

Procurei repellir esse quadro creado pela minha imaginação morbida. E, sob impulso irresistivel, chamei:

— Zulmira!

O tom imperioso e o meu rosto transfigurado alarmaram-na, fazendo-a vir até mim, automaticamente:

— O senhor chamou-me?

— Chamei-a, sim. Queria um favor de você.

Interrogou-me muda mente, accrescentando a seguir:

— Em que lhe posso ser util?

— Queria que você me tirasse de uma duvida cruciante. E' possivel?

— Mas, si não sei do que se trata!

VII

DEANTE dessa resposta sensata, procurei serenar-me e dominar os nervos excitados. Levantei-me. Fui até a janella. Aspirei com força o ar fresco impellido pela aragem que balouçava, ao longe, as folhas raras das raras arvores recortadas ao fundo, no horizonte azulado.

Mais senhor de mim, voltei ao meu lugar. Agarrei de algumas cartas e atirei-as de novo sobre a secretária. Zulmira permanecia immovel, com um mixto de curiosidade e receio estampado no rosto.

Quasi em surdina, murmurei:

— Você talvez dirá que sou um impertinente, mesmo intratavel e nada cavalheiresco. Poderá apodar-me de homem atrevido e intromettido em coisas que me não dizem respeito. Não sei si externará essa opinião, um pouco forte, si levarmos em conta o meu estado de espirito e animo, presa de dolorosa hypertensão nervosa. Torna-se-me impossivel o calcar por mais tempo o desejo de tudo saber. Peço-lhe não julgue estar a abusar de minha posição superior á sua nesta casa. Aqui, no momento,

A MINHA SECRETARIA ZULMIRA — (Conclusão)

desapparece o gerente para dar lugar ao escriptor. Este é que a interrogará, ao mesmo tempo que lhe pede perdão pela ousadia.

O meu discurso deixou-a impassivel. Limitou-se a dizer-me:

— Póde interrogar-me.

Fiz violento esforço sobre mim mesmo e de um jacto deixei escapar estas perguntas successivas:

— Por que antes só usava o chapéu preto que lhe assentava tão bem? Por que, repentinamente, passou a vir com os outros, trocando-os successivamente, pela manhã e á tarde? Por que? Por que? Coqueteria apenas? Ou simplesmente um capricho pueril? E onde conseguiu o dinheiro para compral-os?

Esta longa tirada fez-me bem. Julguei arrancar um peso de cima do peito. Zulmira tambem parecia alliviada. Postada á minha frente, sorria. Fez gesto de quem vae falar. Deixei-me cahir sobre uma cadeira.

— Os homens — disse ella, philosophicamente — das coisas mais simples acabam por fazer as mais complexas supposições. Tecem meandros de conjecturas sem nexo e, por fim, não sabem sahir-se airosamente do labyrintho intricado em que se metteram. E, por fim, se dizem psychologos! Este, o caso do senhor Antonio. Antes de estar por ahi a tirar conclusões irrisorias, por que não veiu directamente a mim? E, como agora, dir-lhe-ia: aquelle chapéu preto, cheio de nodoas e a desfiar-se de velho, é, apenas, o chapéu que matou um homem!

VIII

As ultimas palavras aterraram-me, petrificaram-me. E só minutos depois consegui exclamar:

— Explique-se!

— Já que tudo vê — proseguiu Zulmira, calma, com leve accento ironico — deveria ter notado que durante muitos mezes só usei o chapéu preto. Ha uns quinze dias, puz reparo na assiduidade com que um elegante rapaz me acompanhava desde a sahida de casa até aqui, assim pela manhã como á hora do almoço e á tarde. Parecia apaixonado. Si a principio pouca importancia dava a isso, ultimamente o tomei a sério, e um sentimento de sympathia sincera, leal, levou-me a vêl-o com naturalidade. Resolvi conquistál-o inteiramente. E comecei por trocar o chapéu, substituindo-o por um modelo mais em moda. Com grande surpresa, nesse dia, o rapaz, ao envés de seguir meus passos, deixou escapar o sorriso habitual e afastou-se ligeiramente. Não pude atinar com os motivos dessa fuga imprevista. Quando voltei para almoçar, encontrei uma carta de Pedro — assim se chamava elle. Em poucas palavras explicava-me que se apaixonára loucamente pelo meu chapéu preto! E como não o vira essa manhã, nem mais esperança nutria de tornar a vêl-o, estava disposto a suicidar-se! Um louco!

— Um paranoico, na verdade. E.... depois?

— A tarde, comprei um vespertino. Abri o jornal febrilmente e, num canto de columna, tres ou quatro linhas noticiavam a morte de Pedro Baptista. Matára-se com um tiro de revolver na cabeça.

Essa narrativa tragica, feita com simplicidade e algum indifferentismo, deixou-me pensativo e penalizado. Si a tivesse lido, julgal-a-ia obra da fertil imaginação do romancista. Mas, nestes transes, como duvidar de sua veracidade? Reunindo as idéas, soergui-me da cadeira e, convicto da sensatez de meu pensamento, com ares triumphantes, disse a Zulmira:

— O resto não é preciso que você conte. Adivinhei-o. Os seus sentimentos de mulher levaram-na a trocar dois chapéus diariamente para evitar que outros dementes por elles se apaixonem, não é?

O olhar que Zulmira me lançou era de escarneo, um tanto humilhante. Negaceou com febril movimento de cabeça. E concluiu, com um fremito de volupia sanguinaria na voz, os dentes a ranger, os olhos esbugalhados, as orbitas saltadas, os punhos cerrados em crispações nervosas:

— Nada disso! E' apenas — ouça bem — é apenas para ter a satisfação de saber que dois homens, quotidianamente, se matam por causa de meus chapéus!

E terminou com uma gargalhada estridente, hysterica, emquanto do canto de sua bocca sahia um fio de baba viscosa...

. . . .

Dahi por deante não sei o que foi feito de mim. Lembro-me, apenas, que, quando dei accorde de mim, estava em meu quarto a rasgar todos os contos que em noites de insomnias escrevêra sobre a psychologia da mulher....

O ESTRANHO

De ODILON N

MEIA noite sôava compassadamente num relogio distante.

Atirei para o lado o livro que lia, uma dessas novellas phantasticas que têm como protagonista o diabo e como scenario o inferno, exclamando, num bocejo:

— Que vá para o inferno o diabo!

Nisto, percebi as cortinas das janellas de meu modesto quarto de rapaz solteiro agitarem-se suavemente e, de subito, vi surgir, ante os meus olhos esbugalhados pelo espanto, um vulto esguio, risônho, de cartola lustrosa e mettido numa irreprehensivel casaca.

Cheio de pavor, não podia atinar como tão estranho visitante conseguira galgar tres andares para invadir, pela janella, o meu socegado quarto, quando, elle mesmo, lendo talvez o meu pensamento, falou, apresentando-se:

— Sou o Diabo, amigo. Não contavas com a minha chegada, hein?

— O Diabo?! não pude deixar de exclamar.

— Sim. Em carne e osso e... com os chifres cortados á "La Garçonne"...

Eu, apesar de não ser valente, nunca tinha tido, tambem, occasião para me considerar o que vulgarmente se chama um — medroso. Refeito de minha surpresa pela propria vóz clara e cantante do desconhecido, pensei logo em dar-lhe uma lição pela sua maneira tão anti-social de penetrar em casa alheia.

— Pois bem — retorquiu: — Diabo ou não, irás voltar, agora mesmo, por onde entraste.

— Pela janella?

— Simplesmente. E se quebrares a espinha de encontro ás pedras da calçada, queixa-te ao... Diabo!

— Quebrar a espinha? Ah! Ah! Ah!

Numa gargalhada sonora, o typo escancarou a bocca toda, onde vi brilhar uma dentadura maravilhosa, o que attestava sobejamente que elle jamais tinha soffrido as torturas de uma visita a um gabinete dentario...

— Ah! Ah! Ah! Quebrar a espinha! Mas si eu não tenho espinha...

Como quem faz uma reverencia á antiga, o meu visitante curvou-se, juntando a cabeça aos pés até ficar como uma enorme bola de "foot-ball".

Já meio irresoluto, comecei a perceber que a minha dose de coragem era noventa e nove por cento inferior á do mêdo...

— Como vês, sou o Diabo. Não tenho espinha, não tenho nada e... tenho tudo!

Mas nada de receios: nós somos velhos camaradas...

— Ca-ma-ra-das?!

— Ainda hontem estivemos juntos...

— Hontem?

— Não foste, caro amigo, hontem á tarde, até a Gloria?...

Remexi-me desageitadamente em minha velha poltrona, ao perceber que o importuno conhecia algo de minha vida particular. Completamente particular!

— Não entrastes — continuando elle — numa certa casa? Não te encontrastes (Aqui me deu uma palmadinha na barriga, chamando-me: — maganão!) com uma loura francezinha que te beijou muito... Que...

— Basta! E dahi?

— Eu éra aquella francezinha...

— Tu?!

— Que ha nisso de extraordinario? Tenho sido muitas tentadoras francezinhas, allemãesinhas, russinhas, brasileirinhas etc. etc. Tudo depende da occasião!

— Devo estar sonhando, meu Deus! Qual! Eu sonho: é impossivel que...

— Sonhas? Não, meu amigo, tu estás bem acordado! Lá, sim, sonhavas. Perto de uma mulher bonita o homem sonha sempre... Tu...

— Mas... A Suzette... Eu... Oh!!!

— E' já um facto consummado; não me interrompas. Doutra feita não foste ao Leblon, visitar certa dama na... ausencia do marido? Estou mentindo?

— Não! Eu é que estou espantado...

— E, inesperadamente, o marido não regressou, tendo tú fugido pela porta dos fundos?

— E' verdade! Naquella occasião o marido foi o diabo...

— Não fui só o marido. Fui a esposa... Fui o "caso" todo! Somos, pois, velhos amigos.

— Mas, senhor Diabo...

— Trata-me por tú como ainda ha pouco...

A minha falta de coragem, ficára, sem eu sentir, essa mudança de tratamento. O médo, estou convencido, é superior á coragem e anniquila um individuo quando este o quer enfrentar pela primeira vez.

VISITANTE

D'ALENCAR

— Mas, senhor Diabo — continuei, timidamente — a que devo a... honra, o... prazer desta... amavel visita?

— Lias, ha meia hora, uma historia e duvidavas da minha existencia e da do Inferno. E ainda duvidas?

— Dá do senhor Diabo, não, porque... não posso mais duvidar! Mas quanto ao Inferno...

— Duvidas, então?

— Duvido, sim... senhor!

— Pois não deves duvidar. Digo-te, como amigo, que o Inferno existe. Oh! si existe!

— Onde? — perguntei, já mais animado pelo benevolo tratamento que o Diabo me dava.

— Em todo a parte... E' destino dos homens encontral-o!

— Sem querer abusar da... bondade do senhor Diabo, poderia...

— Disponha, disponha de mim! Sou todo teu!

— Poderia o senhor Diabo dizer-me onde encontrarei o Inferno?

— Ah! Isso nunca! Si eu dissér aos homens onde elles irão encontrar o Inferno, todos se desviarão delle, e eu perderei a minha fama, o meu nome respeitavel... O amigo comprehende: o segredo é tudo na vida! Mas, já é tarde e ainda tenho que visitar alguns *cabarets*. Adeusinho!...

E o Diabo sumiu-se por onde tinha entrado. Da rua chegou aos meus ouvidos a sua vóz clara e cantante, nestas ultimas palavras:

— Amigo! Não quebrei a espinha!...

* * *

Quando acordei, já sól alto, com um mal-estar que me ennervava, jurei aos meus botões nunca mais comer pepinos ao jantar nem me entreter á hora de dormir com leituras phantasticas. Positivamente, tudo fôra um pesadello, e a sua causa eu a sabia de sobra. Os pepinos, o livro infernal e a lembrança da minha encantadora Suzette...

* * *

Déz annos são passados depois do meu horrivel pesadello e os que me atacam, agora, eu os tenho verdado, sem comer pepinos, sem leituras phantasticas e sem francezinhas...

Sou uma sombra do homem que fui. Daquelle joven elegante, sympathico, que fazia palpitar tantos corações femininos...

Barba sempre por fazer, fato enxovalhado, sujo, botinas gambaias — eis o meu aspecto exterior!

Os meus sonhos risonhos e optimistas; minhas esperanças fagueiras; meu cerebro, meu coração, meus pulmões, meus intestinos, tudo, tudo! foi consumido nestes ultimos dez annos!

Nada tenho, a não ser uma esposa feia, com os dentes cariados, oito filhos pequenos e em vespera de nove, duas cunhadas viuvas e ranzinzas, tres sobrinhos malcreados, uma sogra venenosa como cobra cascavél e mais o seu inseparavel cachorrinho "Lulu" numero não sei quantos zeros! E todos, até o cachorrinho marca zero, para eu, sozinho, sustentar e aturar!

Já nem sei si vivo ou si vegéto, si sou homem, verme ou lama!

* * *

— Uma carta para o senhor.

— De quem será ella?

— A letra é bonita, elegante... Talvez seja de alguma sujeita. Essas coisas começam sempre assim... Depois...

— Que coisas nem meias coisas! Digo-lhe, senhora minha sogra, que talvez seja a conta da venda da esquina que ainda está por pagar. Só em biscoitos para o seu cachorrinho foram perto de...

— Sovina! Com que miseravel usurario fui casar minha filha! O senhor é...

— Deixe-me em paz! Quero ler a carta!

E os meus olhos, cançados, baixaram-se sobre estas linhas, traçadas com mão firme, no mais puro cursivo inglez:

Paraiso, 15 de...

Meu caro amigo:

Existe ou não Inferno?...

Sempre o teu,

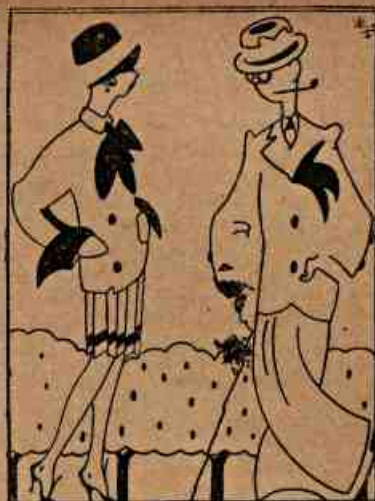
Diabo

P. S:

Até o dia em que esganarés tua sogra...

Então, não fôra um pesadello! Ah! si eu tivesse adivinhado!

Como unica consolação, percebo pelo *post-scriptum* da carta do senhor Diabo, que elle, apesar da distancia que nos separa, continúa a ler o meu pensamento...

Veremos... Veremos...

— Luizinha, disseste-me que nunca tivéras um noivo na vida, e, no emtanto, me affirmaram que, só num mez, já tiveste quatro.

— Sim, mas aquillo não era vida...

A CARA AMARELLA

(Continuação do numero anterior)

— Bem. Quando precisarmos do senhor lá iremos ter comsigo, respondeu, fechando-me a porta na cara.

Durante toda a tarde, se bem que tentasse tirar dahi o meu sentido, só pensei na estranha apparição da janella e na furibunda creatura que me abrira a porta. Resolvi nada contar a minha mulher, porque é excessivamente nervosa e impressionavel, e nada lucraria em compartilhar commigo a desagradavel impressão que o caso em mim produzira. Disse-lhe comtudo que a casa já tinha moradores ao que ella não me respondeu.

Eu tenho, em geral, o somno pesadissimo. Desde pequeno que este facto era notado, pretendendo todos em minha casa que nada no mundo conseguia acordar-me quando eu estava a dormir, o que originava varios ditos e brincadeiras com que me arreliavam. Apesar disso, nessa noite, talvez pela excitação que a aventura produzira nos meus nervos, não adormeci tão profundamente como nos outros dias, e mesmo entre sonhos, tive a consciencia de que alguma coisa se passava no meu quarto. Fui acordando gradualmente e reparei por fim que minha mulher se tinha levantado, que se vestia, e até que estava pondo um chapéo e uma capa pelos hombros. Já os meus labios se abriam para soltar ainda preguiçosamente umas palavras de espanto ou estranheza deante deste complemento de toilette, quando de subito os meus olhos, meio abertos, deram com seu rosto illuminado pela luz da vela. Fiquei mudo de estupefacção. Nunca lhe vira expressão semelhante, nem a imaginava possivel nella.

Estava duma pallidez mortal; tinha a respiração anhelante; e ao mesmo tempo que abotoava a capa olhava furtivamente para a minha cama, para se assegurar de que me não tinha despertado.

Depois, certa de que eu dormia, sahiu sem ruido do quarto, e um instante depois ouvi um agudo ranger que só podia provir dos gonzos da porta da entrada. Sentei-me e bati com a mão fechada na cabeceira da cama, para me certificar de que estava realmente acordado. Tirei o relogio debaixo do travesseiro: eram tres da madrugada. Que poderia fazer minha mulher por uma estrada a fóra, ás tres horas da madrugada?

Fiquei a pensar durante vinte minutos, tentando achar uma explicação plausivel, mas quanto mais scismava, mais o caso se me afigurava inexplicavel. Estava ainda immerso no meu espanto, quando senti fechar-se devagarinho a porta da rua e distingui os passos de minha mulher subindo a escada.

— Aonde foste tu, Effie? perguntei-lhe quando entrou no quarto.

Ao ouvir a minha voz, fez um movimento rapido e deixou escapar um grito abafado. Este grito, e este sobresalto, mais do que tudo, contribuiram para me preoccupar, porque indicavam á evidencia que se sentia culpada. Minha mulher tinha apparentado sempre genio franco; — foi-me por isso extremamente doloroso vel-a tremer ao entrar no seu proprio quarto e reconhecer que a voz de seu marido a perturbava.

— Acordaste, Thiago? disse com um riso nervoso. Julguei que nada havia que tal conseguisse.

— Onde foste tu? perguntei-lhe friamente.

— Não me espanta que estejas surprehendido! — E tremiam-lhe os dedos emquanto desabotoava a capa. — Não me lembro de, em toda a minha vida, ter feito uma coisa destas. Mas o facto é que estava a sentir-me tão suffocada, que se apoderou de mim a irresistivel necessidade de respirar o ar livre. Estou convencida de que teria desmaiado se não fosse tão forte. Estive do lado de fóra da porta uns minutos, e agora já me sinto bem.

Emquanto dava esta explicação nunca olhou de frente para mim, e tinha a voz em extremo alterada. Era evidente que faltava á verdade. Não lhe respondi nada; mas voltei-me para a parede, desesperado e agitado por mil terriveis duvidas e suspeitas. Que me occultaria minha mulher? Onde estivera durante essa estranha excursão? Senti que emquanto o não averiguasse não tornaria a ter um momento de socego; e no emtanto fugia de interrogal-a novamente, visto que houvera por bem esconder-me a verdade. Todo o resto da noite me agitei, fazendo conjecturas sobre conjecturas, qual dellas mais inverosimil.

O dia immediato era dia de eu ir á cidade, mas sentia o espirito demasiadamente perturbado para poder occupar-me de negocios. Minha mulher parecia tão transtornada como eu.

Percebi pelos seus olhares perscrutadores que estava bem certa de que eu não acreditára uma unica das palavras; e não sabia o que havia de fazer. Póde-se dizer que durante o almoço não trocámos duas palavras. Sahi logo depois para tomar ar e reflectir livremente sobre o caso.

Fui até ao Palacio de Crystal, onde me demorei uma hora; e era uma hora da tarde quando voltei para Norbury. O tal cottage ficava no meu caminho, e parei defronte delle um instante para ver se tornava a avistar o estranho rosto que alli vira na vespera. Imagine, pois, qual não foi o meu espanto, sr. Holmes, ao vêr abrir-se a porta e sahir lá de dentro minha mulher.

Perante a sua presença alli, quedei-me mudo de espanto; mas a minha commoção ficou a perder de vista ao pé da que ella mostrou quando os nossos olhos se encontraram. Por um instante pareceu tomada do impulso de voltar para traz, de entrar para casa; mas, depois, sentindo quanto era inutil o subterfugio, avançou para mim com o rosto pallido e o olhar espavorido, que um sorriso em vão tentava disfarçar.

— Fui ver, disse ella, se podia ser de alguma utilidade aos nossos vizinhos. Mas porque me olhas assim? Não estás zangado commigo, não é verdade?

— Foi então ahi, disse eu, que vieste durante a noite?

Sherlock Holmes --- Por Conan Doyle

— Que queres dizer com isso? perguntou ella.

— Tenho a certeza de que foi aqui que vieste. Quem mora nesta casa que justifique a tua visita a taes horas?

— Eu ainda aqui não tinha vindo, respondeu.

— Para que dizes uma cousa que sabes ser falsa? A tua propria voz te desmente. Quando é que entre nós houve segredos? Vou entrar nessa casa, e hei de tirar a limpo o que me escondes.

— Não, Thiago, pelo amor de Deus te peço! exclamou anhelante. E como eu me approximasse da porta, agarrou-me pela manga e puxou-me para traz com vigor convulsivo.

— Não faças isso, imploro-te. Juro que tudo te explicarei um dia; mas, se ali entras, só desgraças nos podem vir desse teu acto.

Emquanto eu tentava desembaraçar-me della, agarrou-se a mim num frenesi de supplica.

— Confia em mim, Thiago, gritou; confia em mim ainda outra vez, e disso te não arrependerás. Bem sabes que nunca guardaria de ti um segredo, se não fosse em teu proveito. Vae nisto jogada a vida de ambos. Tudo correrá bem se quizeres voltar commigo para casa, como te peço, mas se insistires em entrar ali, tudo acabará entre nós.

Havia na sua voz um tal tom de verdade e uma tão grande angustia, que fiquei irresoluto deante da porta.

— Acreditarei em ti com uma condição, uma só. E' a de pormos já ponto a este mysterio. Fica-te o direito de guardar o teu segredo; mas exijo a promessa de que nunca mais farás visitas nocturnas a essa casa, nem praticarás actos que tenhas de esconder-me. Estou prompto a esquecer o que se passou, comtanto que o facto se não repita.

— Estava certa de que terias confiança em mim, disse Effie com um suspiro de allivio. Será tudo como desejas. Vamos, vamos para casa.

E continuando a agarrar-me pela manga, afastou-me do sitio em que estavam. Voltei-me ainda uma vez e tornei a vêr, distinctamente, numa janella do primeiro andar o rosto amarello e livido, observando de longe os nossos movimentos. Que ligação poderia existir entre aquella creatura e minha mulher? Ou como podia ella estar relacionada com aquella velha, rude e grotesca que eu vira na vespera? Era um estranho enigma; no emtanto eu sentia que o meu espirito não teria descanço emquanto o não decifrasse.

Fiquei em casa os dois dias immediatos, durante os quaes minha mulher me pareceu permanecer inteiramente fiel ao que entre nós fôra convencionado, pois, que eu saiba, nunca sahiu de casa. Mas, no terceiro dia, tive a certeza de que ainda se não libertára da secreta influencia que a afastava do seu dever e do seu marido. Fui nessa manhã á cidade. Voltei, porém no comboio das 2 e 40, e não no das 3 e 50, que era o que eu habitualmente tomava para regressar a casa. Ao entrar, encontrei no vestibulo a creada que veiu ao meu encontro com cara perturbada.

— Onde está a senhora? perguntei lhe.

— Parece-me que foi dar um passeio, respondeu ella.

No meu espirito logo entrou a desconfiança. Subi ao primeiro andar para me certificar de que Effie lá não estava realmente; aconteceu olhar nessa occasião para fóra, por uma das janellas que estavam abertas, e vi a creada com quem eu acabava de falar correndo através do campo fronteiro em direcção ao "cottage". Como é natural, entendi bem o que isto significava. Minha mulher fôra lá outra vez e encarregára a creada de a ir chamar, caso eu voltasse sem ser esperado. A tremer de cólera sahi precipitadamente, resolvido a pôr fim á questão uma vez por todas. Vi minha mulher e a creada voltando a toda pressa pelo atalho; mas não me detive para lhes falar. Na casa fronteira é que residia o segredo do que estava lançando uma nuvem negra sobre a minha vida, e eu resolvera desvendal-o, acontecesse o que acontecesse. Nem sequer bati á porta; dei a volta ao fecho e entrei por ella dentro. No rez do chão tudo estava calmo e tranquillo; na cozinha chiava sobre o lume uma cafeteira; e dentro de um cesto dormia regaladamente um gato preto; mas não havia signal da tal mulher que eu já vira. Entrei no quarto proximo, estava vasio. Subi apressado ao primeiro andar, mas para ali encontrar dois outros compartimentos tambem vasios. Não havia viv'alma em toda a casa. A mobilia e os quadros pendentes das paredes era tudo quanto ha de mais commum e vulgar, excepto no quarto a cuja janella eu vira apparecer o estranho rosto. Este quarto era confortavel e elegante: e todas as minhas suspeitas se ergueram numa chamma de amargor e de furia quando vi sobre a pedra do fogão uma photographia de minha mulher, de corpo inteiro, tirada a pedido meu, havia apenas tres mezes.

Demorei-me o bastante para me assegurar de que a casa estava absolutamente sem ninguem. Sahi della por fim, sentindo no coração um peso como nunca sentira. Quando entrei em casa, minha mulher veiu ao meu encontro ao vestibulo; mas eu estava tão magoado e encolerizado que não podia falar, e como se a não visse, atravessei rapidamente para o meu escriptorio. Ella seguiu atraz de mim e não me deu tempo a que fechasse a porta.

— Tenho muita pena de haver faltado á minha promessa, Thiago, disse ella; mas tenho a certeza de que me perdoarias se soubesses todas as circumstancias.

— Dize tudo, então! exclamei eu.

— Não posso, Thiago, não posso! gemeu Effie.

— Emquanto não me disseres quem esteve morando naquella casa, e a quem foi que déste aquella photographia, não póde haver nada de commum entre nós, disse eu; e rompendo com ella por essa fórma, sahi bruscamente de casa.

(Continúa na pagina seguinte)

Foi hontem que isto se passou, sr. Holmes, e não tornei a vel-a desde então, nem nada mais pude saber de tão estranha aventura. E' a primeira sombra que se fixou entre nós, e por tal fórma estou agitado que não sei o que fazer. Occorreu-me de repente a idéa de que era precisamente o sr. Holmes a pessôa capaz de me aconselhar; corri á sua casa, e ponho-me inteiramente, e sem reservas, nas suas mãos. Se deixei algum ponto obscuro, tenha a bondade de me interrogar; mas sobre tudo diga-me quanto antes o que me aconselha a fazer, porque não posso supportar por mais tempo esta situação atroz.

Tanto Holmes como eu tinhamos escutado com profunda attenção a extraordinaria narrativa, feita pela fórma rapida e sacudida de um homem que está debaixo de uma profunda emoção. O meu amigo ficou por algum tempo silencioso, com o queixo sobre a mão, immerso nas suas reflexões.

— Diga-me, perguntou finalmente, não póde então affirmar que fosse de um homem a tal cara estranha que viu á janella?

— De todas as vezes que a vi foi a certa distancia, de modo que me é impossivel negal-o ou affirmal-o.

— Mas deixou-lhe, segundo disse, uma impressão muito desagradavel?

— Pareceu-me ser de uma côr fóra do natural, e ter nas feições uma rigidez estranha. Da vez que me aproximei da janella sumiu-se de repente.

— Ha quanto tempo é que sua mulher lhe pediu as cem libras?

— Ha perto de dois mezes.

— Viu alguma vez o retrato do primeiro marido della?

— Não; houve um incendio em Atlanta, pouco depois da morte delle; e todos os papeis de Effie ficaram destruidos.

— Mas não me disse ter visto a certidão de obito do marido?

— Com effeito. E' que ella mandou tirar nova cópia depois do incendio.

— Já esteve com alguem que a tivesse conhecido na America?

— Não.

— Ella falou alguma vez em lá voltar?

— Não.

— Nunca recebeu tambem cartas de lá?

— Que eu saiba, nunca.

— Obrigado. Preciso reflectir agora um pouco sobre o caso. Se o "cottage" foi definitivamente abandonado, vamos encontrar difficuldade em resolver o problema; se, pelo contrario, como eu julgo mais provavel, os moradores sahiram hontem de lá prevenidos contra a sua chegada e só para que os não encontrasse logo que lá entrou, já a esta hora devem ter voltado e acharemos facilmente a chave do mysterio. Dou-lhe portanto de conselho que volte para Norbury e que examine novamente as janellas do "cottage". Se tiver razão para suppôr que a casa está habitada, não tente entrar, mas mande-nos um telegramma. Uma hora depois de o receber, estaremos comsigo.

— E se a casa estiver deserta?

— Nesse caso irei amanhã falar comsigo sobre o assumpto. Adeus, e não se afflija tanto, emquanto não souber que tem para isso motivos serios.

— Este caso não me cheira bem, Watson, disse-me Holmes, quando eu voltava de acompanhar o sr. Grant Munro. Que lhe parece?

— Tambem me pareceu o mesmo!

— Ou eu me engano muito ou trata-se de um caso de *chantage*.

— E quem será o explorador?

— E' com certeza a pessôa que vive no quarto confortavel do "cottage" e que tem o retrato da senhora sobre o seu fogão. A tal cara amarella está-me attrahindo fortemente! Palavra de honra que por nada deste mundo quereria ter perdido este caso.

— Já formou alguma theoria sobre elle?

— Já formei uma theoria provisoria. Mas ficaria espantadissimo se não tivesse acertado. O primeiro marido daquella senhora está naquelle "cottage".

— Por que julga isso?

— Como explicar por outra fórma o terror que ella tem de que lá entre o segundo marido? Os factos, segundo se me afiguram, são os seguintes: Ella casou na America; o marido revelou defeitos repugnantes ou adquiriu alguma doença horrivel como a lepra, loucura ou outra cousa semelhante; ella fugiu-lhe, e voltando para Inglaterra, mudou de nome e suppoz ter reconstituido a sua vida. Havia tres annos que estava casada e julgava-se segura na nova situação, tendo mostrado ao actual marido uma certidão de obito de algum homem cujo appellido adoptou, quando de subito se vê descoberta pelo primeiro marido ou por alguma mulher sem escrupulos que se ligou ao invalido. Escrevem estes á pobre senhora ameaçando-a de voltarem e de a denunciarem. Ella pede cem libras e tenta comprar-lhes o silencio; mas elles vêem apesar disso; e quando o marido annuncia casualmente á mulher que o "cottage" está alugado, ella presente que são elles que vêem perseguil-a. Espera que o marido adormeça e corre ao "cottage", tentando persuadil-os que a deixem em paz.

Não o conseguindo, volta lá no dia immediato e o marido a vê sahir do "cottage". Effie promette-lhe não voltar, mas dois dias depois a esperança de, já, ver livre desses terriveis vizinhos é superior a ella, e faz uma nova tentativa, levando-lhe a photographia que provavelmente lhe tinham exigido. No meio desta entrevista chega a creada a avisal-a do regresso do marido; e na certeza em que ficou de que elle viria direito para alli a averiguar este caso, faz sahir do "cottage" os moradores por uma porta traseira e estes escondem-se no pinhal que lá existe. Assim se explica que Grant Munro encontrasse a casa deserta, porém muito me espanta que já hoje tenham sahindo de lá definitivamente. Que pensa desta minha theoria?

— Parece-me uma hypothese.

— Mas é pelo menos uma hypothese que explica todos os factos. E quando soubermos novos factos que esta hypothese não explique, estaremos muito a tempo de a modificar. Nada podemos fazer por emquanto, senão aguardar novas noticias do nosso amigo de Norbury.

Não tivemos de esperar muito por ellas. Chegaram no momento em que acabavamos de tomar chá. Era um telegramma que dizia: "Cottage" ainda habitado. Vi novamente rosto á janella. Espero-os trem sete horas; nada farei antes vossa chegada."

Quando nos apeamos na estação, lá estava elle á nossa espera, e á luz do lampeão reparei que vinha pallido e agitado.

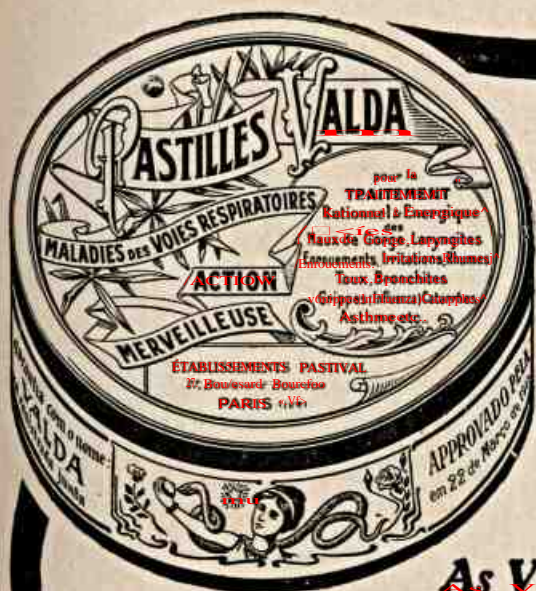
— Ainda lá estão, sr. Holmes, disse elle pondo a mão no hombro do meu amigo. Quando voltava, vi luz no "cottage". Vamos agora ajustar contas, por uma vez.

— Qual é então o seu plano? perguntou Sherlock emquanto seguiamos pela estrada sombria e orlada de arvores.

— Vou entrar lá á viva força e ver com os meus proprios olhos quem vive naquella casa. Desejo tel-os ambos commigo por testemunhas.

— Está então absolutamente decidido a isso, não obstante o conselho de sua mulher a que não aprofundasse esse mysterio?

— Sim, senhor. Estou decidido, absolutamente decidido.

(Continúa no proximo numero)

Adelgaçar

é um gôsto com as

"Pilules Galton"

Um "Emmagrecedor" perfeito hoje em dia está ao seu alcance. A sua acção melhora a digestão sem perjudicar a saúde.

Chama-se : "Pilules Galton".

Papada, bocheda, quadris, barriga, mingoam bem depressa. Rejuvenesce o organismo.

A Sra C., de Perpinhão, escreveu-nos:

« Com um só frasco de "Pilules Galton" *perdi nove centimetros de cintura; além d'isso, minha barriga, que era enorme, diminuiu como por encanto. »*

O Snr. E. B., de Montbard:

« Tenho emmagrecido tre kilos dentro de 17 dias com as "Pilules Galton". *Depois tenho obtido resultados muito notaveis, sem abandonar o meu trabalho e sem ser incommodado de fórma alguma. »*

Assim, pois, quem quizer emmagrecer não deve hesitar : ha de tomar **"Pilules Galton"**; o uso de um frasco bastará para convencêl-o do resultado deveras assombroso. (Composição exclusivamente vegetal.)

Appr. D.N.S.P. em 26-6 1917 sob o Nº 88

118, Rua da Alfandega, Rio de Janeiro. — *A' venda em todas as pharmacias e drogarias.*

AGUA do REGIMEN dos

ARTHRITICOS

Gottosos - Rheumaticos - Diabeticos

ÁS REFEIÇÕES

VICHY CELESTINS

Elimina o ACIDO URICO.

A Nova Electrola Victor com Radio e o maravilhoso mechanismo para gravar discos em casa. Tres magnificos instrumentos num só.

Descubra Os Seus Proprios Talentos Artisticos

e

Grave os seus proprios discos em casa por meio deste maravilhoso instrumento Victor!

TRES INSTRUMENTOS NUM SÓ!

Apanhe e desfructe tudo o que o radio lhe offerece.... com o incomparavel tom Victor....

Grave discos em casa.... tambem discos de trechos ou passagens de programmas de radio.... e ouça-os immediatamente depois que elles tenham sido gravados.

Escolha os artistas e o programma musical de sua predilecção... por meio dos incomparaveis discos Victor. Tudo isto pode ser obtido por meio de um maravilhoso instrumento.... a RE-57!

POR fim! o instrumento ideal que exige a idade moderna acaba de ser produzido... um instrumento que ostenta a famosa marca de fabrica Victor, a qual representa para si uma garantia illimitada... hoje e sempre!

A nova Electrola Victor com Radio é um instrumento verdadeiramente maravilhoso sob todos os pontos de vista. O movel possue uma elegancia indescriptivel; o apparelho de radio representa a ultima palavra na materia; a Electrola, que acaba de ser novamente aperfeiçoada, se distingue pela reproducção insuperavel dos novos Discos Victor e, finalmente, o "mechanismo para gravar discos" constitue o passatempo ideal para o deleite de sua familia e de seus amigos.

Converta a sala de sua casa num "atelier" de gravações. Grave discos de sua propria voz... cante e toque algum instrumento... demonstre as suas aptidões. Grave cartas e mande-as aos seus amigos... grave qualquer cousa que V. S. deseje, incluindo programmas de radio.

Temos um instrumento Victor legitimo para todos os gostos e ao alcance de todas as bolsas. Os Discos Victor constituem o repertorio mais selecto da melhor musica do mundo, incluindo peças de dança e as melhores canções das fitas sonoras.

Decida-se hoje mesmo... Veja esta nova maravilha Victor. Peça uma demonstração e grave um disco no estabelecimento de qualquer commerciante Victor.

Distribuidores geraes:
PAUL J. CHRISTOPH COMPANY
Rio — Ouvidor, 98 — S. Bento, 35 — S. Paulo
A' venda em todas as boas casas do ramo

A Nova
ELECTROLA VICTOR
com RADIO
(MICRO-SYNCHRONICO)

VICTOR DIVISION, RCA VICTOR COMPANY INC., CAMDEN, NEW JERSEY, E. U. da A.